

Ano XXX – Vol. 30 — 2022

Boletim Formação em Psicanálise



Publicação do Departamento Formação em Psicanálise
do Instituto Sedes Sapientiae

Boletim Formação em Psicanálise



DEPARTAMENTO
**Formação em
PSICANÁLISE**

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
Departamento Formação em Psicanálise

Comissão de Coordenação Geral

Ana Lúcia Bastos Gondim (Coordenadora Geral),
Érica Ikeda (Colaboradora), Fabiana Hueb Abdala (Primeira Tesoureira),
Eduardo Lara (Segundo Tesoureiro), Olívia Lucchini (Primeira Secretária).

Revista Boletim Formação em Psicanálise

Editoras

Gisele Assuar
Luana Viscardi Nunes

Comissão de Publicação

Gisele Assuar (Coordenadora), Luana Viscardi Nunes (Suplente).

Comissão Editorial

Alessandra Ruivo, Ana Karina Fachini Araujo, Gisele Assuar, Gisele Papeti,
Juliana Coelho, Luana Viscardi, Margarida Azevedo Dupas, Roberto
Barcellos, Sandra Sanches.

Conselho Editorial

Adela Stoppel de Gueller, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
São Paulo, Brasil, Ana Cristina Marzolla, Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, São Paulo, Brasil, Cassandra Pereira França, Universidade
Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, Durval Mazzei Nogueira
Filho, Escola Brasileira de Psicanálise, São Paulo, Brasil, Ede de Oliveira,
Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, Brasil, Eliane Michelini Marraccini,
Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, Brasil, Flávio Carvalho Ferraz,
Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, Brasil, Francisca Isabel Teixeira,
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, Brasil, Gabriel
Inticher Binkowski, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, Lineu
Matos Silveira, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, Brasil, Lucianne
Sant'Anna de Menezes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia,
Brasil, Marina Ribeiro, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, Marly
Goulart, Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, Brasil, Marta Cerruti,
Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, Brasil, Nora Miguelez, Instituto
Sedes Sapientiae, São Paulo, Brasil.

Revisão de texto

Juliana Coelho

Projeto gráfico e diagramação

Frederico Floeter Studio e Mateus Tenuta

Imagem da capa

Vasily Kandinsky (1866–1944),
Landscape with Two Poplars, 1912.

Instituto Sedes Sapientiae

Rua Ministro Godoy, 1484
05015-900, São Paulo, SP
(11) 3866-2730
www.sedes.org.br / sedes@sedes.org.br



Boletim Formação em Psicanálise

Publicação do Departamento
Formação em Psicanálise
do Instituto Sedes Sapientiae

Dados Internacionais de Catalogação-na-fonte (CIP)
Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia

Boletim Formação em Psicanálise / Instituto Sedes Sapientiae,
Departamento Formação em Psicanálise – Vol. 1, no. 1
(maio/jun. 1992) -. São Paulo: O Departamento, 1992 –

Ano XXX, v.30 (jan/dez 2022)

Anual
Periodicidade Bianual de 1992 a 1994; anual a partir desta data.
ISSN 1517-4506

1 Psicanálise – Periódicos. 1. Instituto Sedes Sapientiae. Departa-
mento Formação em Psicanálise.

CDU 159.964.2 (05)

Informamos que no ano de 2002 a Revista Boletim Formação em
Psicanálise não foi publicada, retornando normalmente em 2003.

Indexação: Index Psi Periódicos (www.bvs-psi.org.br)
ISSN 1517-4506

Departamento Formação em Psicanálise

O DEPARTAMENTO FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE tem por finalidade desenvolver atividades de caráter formativo, científico, cultural e de pesquisa em Psicanálise, de acordo com a Carta de Princípios do Instituto Sedes Sapientiae. Ele tem como fundamento prover a formação continuada de seus membros, constituindo-se como um espaço de pertinência para alunos, ex-alunos e professores, propiciando interlocução com o Instituto Sedes e com a comunidade psicanalítica em geral.

Oferece dois cursos regulares, abertos a psicólogos, médicos e profissionais com formação universitária: Formação em Psicanálise e Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica.

Promove cursos breves, pesquisas, grupos de estudo, eventos científico-culturais, além de publicar a revista *Boletim Formação em Psicanálise* e a Coluna *Acto Falho*. Participa também da Clínica Psicológica Social do Instituto Sedes Sapientiae.

Sua organização é realizada pelo trabalho das comissões, eleitas a cada dois anos entre seus membros. As comissões que compõem o Conselho Deliberativo do Departamento são: Coordenação, Curso, Clínica, Projetos e Pesquisa, Eventos, Divulgação, Publicação e Alunos. Essas comissões têm funções específicas e o objetivo de refletir, discutir entre seus pares e implementar projetos que possam garantir que as propostas do Departamento sejam colocadas em execução.

Curso Formação em Psicanálise

Corpo Docente

Ana Karina Fachini Araujo, Ana Carolina Campos Gebrim, Cecília Noemi Morelli Ferreira de Camargo, Cristina Rocha Dias, Eliane Michelini Marraccini, Gina Tamburrino, Helenice Oliveira Rocha, Ligia Valdés Gomez, Marcia Vieira Santos Bernardes, Maria Beatriz Romano de Godoy, Maria Cristina Perdomo, Maria Helena Saleme, Maria Luiza Scrosoppi Persicano, Mariangela Bento, Marta Quaglia Cerruti, Nora Susmanscky de Miguelez, Oscar Miguelez, Rogéria Coutinho Brandani, Suzana Alves Viana, Talita Cristina Somensi Dias.

Objetivos

Curso de especialização que tem como objetivo a formação de psicanalistas. Busca transmitir a Psicanálise em sua especificidade, com base nos três elementos essenciais da formação: análise pessoal, supervisão e estudo crítico da teoria psicanalítica a partir dos aportes das escolas francesa e inglesa. Visa desenvolver a escuta transferencial, considerando o sujeito em sua singularidade. Trabalha a clínica psicanalítica, desde a descrição clássica feita por Freud até as formas de sofrimento observadas na contemporaneidade.

Destinado a

Psicólogos, médicos e profissionais com formação universitária, com experiência pessoal em análise individual e com percurso na teoria psicanalítica.

Conteúdo programático

1. *Seminários teóricos*: Formações do inconsciente, O inconsciente, Pulsões, Narcisismo, As identificações, Neurose obsessiva e histeria, O complexo de Édipo em Freud, Angústia, Superego e Édipo Kleinianos, Teoria das Posições e Inveja em M. Klein, Perversão e Psicose em Freud e em M. Klein;
2. *Seminários clínicos*;
3. *Supervisão individual* (no 4º ano);
4. *Escrito psicanalítico* ou *Monografia de conclusão de curso*: a ser realizado após a conclusão do 4º ano;
5. *Estágio opcional* na Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae, sujeito à seleção e contando com supervisão específica;
6. *Formação continuada*: atividades extracurriculares e no Departamento;
7. *Acompanhamento clínico (AC)*: opcional para os alunos do 1º ano, trabalho em pequenos grupos de articulação da escuta clínica com os artigos sobre o método psicanalítico;
8. *Acompanhamento clínico Kleiniano (AK)*: opcional para os alunos que estão no 2º ano, o AK é um espaço de acolhimento para o exercício do livre pensar, bem como de possíveis angústias despertadas frente à teoria kleiniana. Os textos são estudados, de modo a articular teoria e clínica, levando sempre em conta as experiências emocionais suscitadas durante o percurso do segundo ano do curso.
9. *Realização de análise pessoal*: obrigatória durante o curso.

Duração

O curso regular tem duração de quatro anos.

Carga horária do curso

731 horas

Horário/concentração

Quartas-feiras, com média de seis horas/aula semanais e mais uma hora e meia de atividades.

Seleção

Duas entrevistas individuais. Apresentação de *curriculum vitae* (contendo foto) em duas cópias e um breve texto, no qual justifique sua busca por esta formação (um para cada entrevistador).

Mais informações

Secretaria do Instituto
Sedes Sapientiae
Rua Ministro Godói, 1484
CEP: 05015-900
Perdizes, São Paulo/SP
(11) 3866 w2730
www.sedes.org.br / sedes@sedes.org.br

Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica

Corpo docente

Ana Lúcia Gondim Bastos, Antonio Geraldo de Abreu Filho, Berenice Neri Blanes, Celina Giacomelli, Luana Viscardi Nunes, Maria Salete Abrão Nunes da Silva, Maria Tereza Viscarri Montserrat e Patrícia Leirner Argelazi.

Professores convidados em 2022:
Dalgi Siqueira Santos, Gisele Assuar, Gustavo Amarante, Olívia Lucchini.

Objetivos

O curso Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica existe desde 1999. Destina-se a profissionais de diversas áreas que pretendem iniciar um estudo consistente da Psicanálise. O curso apresenta a construção e desenvolvimento dos fundamentos da teoria psicanalítica tendo como roteiro os principais conceitos da obra de Sigmund Freud e de autores contemporâneos da escola freudiana, estabelecendo um diálogo entre as concepções teóricas, a prática clínica e suas relações com a cultura. A transmissão proposta pelo curso traz as marcas do reconhecimento da atualidade e relevância da Psicanálise na abordagem dos fenômenos psíquicos implicados nas questões da contemporaneidade.

No primeiro ano do curso partimos das hipóteses iniciais estabelecidas por

Freud em sua investigação sobre a histeria. Em seguida percorremos o caminho de pesquisa que o autor faz sobre os sonhos e a sexualidade. A proposta é realizar um estudo longitudinal da obra freudiana, abordando conceitos fundamentais como inconsciente, conflito, recalque, pulsão, narcisismo e complexo de Édipo. Com base nesses conceitos, são apresentados a psicopatologia freudiana e os pressupostos que embasam a técnica psicanalítica.

O segundo ano do curso oferece a possibilidade de aprofundar os conceitos trabalhados no primeiro ano, estabelecendo uma articulação com a prática clínica. Tem como eixo de trabalho a reflexão sobre a especificidade da escuta psicanalítica nos textos freudianos e pós-freudianos e sobre seu impacto na abordagem clínica na atualidade. Acompanhamos, na diversidade das formações do inconsciente, os caminhos traçados pelo pensamento freudiano que resultaram na concepção desta escuta.

Alunos com formação em Medicina e Psicologia poderão participar do processo seletivo para o aprimoramento na Clínica do Instituto Sedes Sapientiae. Essa atividade de prática será supervisionada.

Destinado a

Profissionais com formação universitária que se interessam pelo estudo da Psicanálise.

Conteúdo programático 1º ano

1. *Especificidade da Psicanálise*: Psiquismo e corpo. Terapias medicamentosas, psicoterapias e Psicanálise.
2. *A Divisão do Sujeito*: Dois conceitos fundamentais: Inconsciente e Pulsão. Aparelho psíquico: consciente, pré-consciente e inconsciente, o ponto de vista tópico. O Recalque: desejo, conflito e defesa. Pontos de vista dinâmico e econômico. Discussão clínica.
3. *Formações do Inconsciente*: Ato falhos, sonhos e sintomas. Discussão clínica.
4. *Ponto de vista estrutural*: complexo de Édipo / Identificações. Segunda Teoria Tópica.
5. *Neurose, Psicose e Perversão*: Neurose. Psicose. Perversão. Uma introdução à psicopatologia psicanalítica. Discussão de casos: um estudo comparativo.
6. *Questões da Clínica*: A situação analítica. Transferência e contratransferência. Resistência. A interpretação.
7. *O Analista*: Diferenças entre formação e informação. O tripé da formação analítica: análise do analista, supervisão e estudo da teoria.

Nota: As discussões de casos clínicos, pontuando os conceitos teóricos desenvolvidos no programa, serão apresentadas pelos professores(a)s com o intuito de estabelecer pontes com a teoria.

Conteúdo programático 2º ano

Eixo Central:

A Especificidade da Escuta Psicanalítica

1. *Primórdios da Psicanálise*: A ESCUTA PSICANALÍTICA ATÉ 1900 - A Teoria Transformada: Verdade ou Ficção.
2. *Eixos Fundamentais do Pensamento Freudiano*: A ESCUTA PSICANALÍTICA DE 1900 A 1905 - A Natureza do Psíquico: A origem do aparelho psíquico - Inconsciente / Pulsão / Sexualidade

3. *O Infantil no "Atual"*: A ESCUTA PSICANALÍTICA DE 1905 À 1920 - A Importância da Noção de Transferência na Clínica Psicanalítica.
4. *O Campo Psicanalítico na Contemporaneidade*: A ESCUTA PSICANALÍTICA A PARTIR DE 1920 - O Humor em Tempos Sombrios.
5. *O Manejo da Clínica*: O Sintoma e o Pensamento Clínico - O emergir do Inconsciente: Uma Elaboração / Uma Construção.

Nota: a especificidade da escuta clínica será veiculada através da leitura de textos clínicos de Freud e outros autores da atualidade.

Estratégias: aulas teóricas; discussão de textos; apresentação e discussão de casos clínicos. O trabalho é realizado com 20 alunos por grupo, aproximadamente.

Duração

Até 2 anos.

O segundo ano é opcional e será oferecido para aqueles que tenham interesse na continuidade de seus estudos.

Horário

Terças-feiras, das 19h30 às 21h30.

Mais informações

Secretaria do Instituto

Sedes Sapientiae

Rua Ministro Godói, 1484

CEP: 05015-900

Perdizes, São Paulo/SP

(11) 3866 w2730

www.sedes.org.br / sedes@sedes.org.br

Editorial

Neste ano de 2022, a revista *Boletim Formação em Psicanálise* comemora 30 anos. Uma existência sustentada pelo trabalho e entusiasmo de diferentes gerações de analistas, formados pelo Departamento Formação em Psicanálise, do Instituto Sedes Sapientiae.

Ao longo de todos esses anos, fomos construindo, a muitas mãos, uma revista cada vez mais plural, orientadas pelo propósito de divulgar e discutir o pensamento psicanalítico produzido, não só em nosso Departamento, mas também em diversos grupos psicanalíticos.

A consolidação de uma proposta editorial que valoriza trabalhos que abordam temas e questões prementes em nosso tempo ratifica nosso papel na publicação de saberes comprometidos com a vocação subversiva da Psicanálise, que busca operar transformações tanto em relação ao sujeito como ao campo social. Assim, a *Boletim Formação em Psicanálise* faz e reitera a cada volume uma opção política que carrega em si a marca histórica da luta pela democracia do Instituto que nos abriga.

Animada por este projeto e inspirada pelo espírito democrático, cuja consolidação esperamos para nossa sociedade, a equipe editorial da revista celebra o trigésimo aniversário da *Boletim Formação em Psicanálise*, ampliando ainda mais o acesso de seus conteúdos aos leitores interessados. Desse modo, é que, com muita alegria, comunicamos que, a partir desta edição, a *Boletim* se torna uma publicação exclusivamente online, com acesso livre e gratuito a todos. Essa conquista é resultado de um trabalho coletivo que nos permitiu democratizar o acesso aos conteúdos da revista e, ao mesmo tempo, aumentar o profissionalismo da nossa produção, proporcionando para autores e leitores uma revista ainda mais qualificada.

A plataforma ojs – *Open Journal Systems* –, que agora nos hospeda, reúne e facilita o acesso a periódicos acadêmicos online para autores e leitores, favorecendo a criação e o compartilhamento de conhecimento e oferecendo muito mais visibilidade a nossas produções. Acreditamos que, dessa forma, estaremos mais próximos a pesquisadores, instituições de pesquisa e universidades do mundo todo, possibilitando a interlocução com outras áreas e democratizando o saber dentro do nosso campo.

Convidamos a todos a participar conosco deste movimento de abertura que nos permite caminhar na direção de uma Psicanálise mais acessível e democratizada no Brasil.

Gisele Assuar e Luana Viscardi

Sumário

Artigos

- 15 **Leituras sobre o Inconsciente com *O Espelho* de Machado de Assis: um passeio pela alma brasileira**
Fabiana Villas Boas
- 21 **Psicanálise, sexualidade e gênero: atravessamentos sociopolíticos na constituição do sujeito**
Gisele Assuar
- 35 **Formar ou deformar: reflexões sobre a formação do analista nos dias de hoje**
Ana Karina Fachini Araujo
- 45 **Formação em Psicanálise – Formação do analista**
Armando Colognese
- 51 **A perversão como defesa contra o não-dito: implicações no manejo da contratransferência**
Aline Choueke Turnowski
- 63 **Desafios do encontro analítico diante dos estados psicóticos do paciente e suas reverberações no analista**
Sheila Nogueira Santos

Leitura

- 78 Mais um fim de análise (um caso de amor)**
Estanislau Alves da Silva Filho

Tradução

- 91 A identidade sexual: entre a sexualidade, o sexo e o gênero**
Silvia Bleichmar
Tradução por Maria Cristina Perdomo e Rogéria Coutinho Brandani

Resenha

- 106 Sobre a mente do analista: questões e implicações**
Eliane Michelini Marraccini
- 112 Sobre os autores**

Artigos

Leituras sobre o Inconsciente com *O Espelho* de Machado de Assis: um passeio pela alma brasileira

Comprehensions about the Unconscious with reading of the *O Espelho* by Machado de Assis: a tour of the Brazilian soul

Fabiana Villas Boas

Resumo:

A partir do conto *O Espelho*, de Machado de Assis, analiso o eleitor abstêmio das eleições presidenciais brasileiras de 2018 como paradigmático para pensar a alma brasileira. Parto da noção de universal de Frantz Fanon, trago a função especular tal como discutida por Françoise Dolto, introduzo o *das unheimliche* de Freud e trago para discussão a tese de Lélia Gonzalez sobre o racismo na cultura brasileira.

Palavras-chave:

Relações raciais; psicanálise; estranho; Machado de Assis.

Abstract:

From the short story *O Espelho* by Machado de Assis I study the abstemious voter of the 2018 Brazilian presidential elections as a paradigm for thinking about the Brazilian soul. I start from Frantz Fanon's notion of universal, I bring up the specular function as discussed by Françoise Dolto, I introduce Freud's *das unheimliche* and I discuss Lélia Gonzalez's thesis on racism in Brazilian culture.

Keywords:

Race relations; psychoanalysis; stranger; Machado de Assis.

Em *O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, Machado de Assis narra a desventura de Jacobina que (des)encontra seu duplo numa estadia no sítio de sua tia. Esse homem, que Machado descreve como calado, pensativo, provinciano, capitalista, abstêmio, um tipo que não entrava em discussão, porque, como ele mesmo defendia, a abstenção o remeteria à perfeição espiritual, enquanto as discussões o levariam à bestialidade humana. É interessante pensar que esse tipo lembra muito um certo brasileiro que, nas eleições presidenciais de 2018, preferiu abster-se de seu voto, ajudando a colocar Jair Messias Bolsonaro na Presidência da República. Será que a alma humana que Machado de Assis nos apresenta é a desse brasileiro “normal”, “neutro”? Aqui, Frantz Fanon (2008) já o apontaria como o protótipo da branquitude que se coloca como a boa, bela e verdadeira – ou seja, o normal, o neutro, o universal – e compreende o negro como seu oposto, o bestial. Mas ainda não temos negros nessa história, então continuemos com a narrativa.

Pois um dia, esse abstêmio resolveu falar na roda de amigos, com uma condição: que ele pudesse ser ouvido sem interrupções, diálogos, discordâncias ou ressonâncias. Afinal de contas, Caetano Veloso e Gilberto Gil (1968) já diziam, para “Eles”, “a vida começa/no ponto final”. Não teríamos novidades se, esse “casmurro”, como o classifica Machado de Assis (2019, p.136), não tivesse apresentado uma teoria da alma enquanto duas instâncias: “uma [alma] que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro”. Freud, corre aqui! Para o pai da Psicanálise (2010), o aparelho psíquico é formado por uma instância consciente e outra inconsciente que funcionam de maneiras distintas. A consciência tem origem no recalque, cujo objetivo é impedir que o representante da pulsão se torne consciente, logo, o recalcado é inconsciente. Lembremos disso.

Continuando... Jacobina narra que, aos seus 20 e poucos anos, foi nomeado alferes da Guarda Nacional, o que causou admiração de algumas pessoas queridas e recalque nas inimigas. Peço licença aos ilustres colegas psicanalistas, que leem este texto, para usar a versão *funkiana* de recalque, ou seja, inveja. Considero que os ares cariocas do *funk*, como gênero musical brasileiro, periférico e expressão cultural de resistência, precisa ser incluído, de alguma forma, na discussão de uma obra machadiana, como homenagem ao próprio Machado de Assis, carioca de origem periférica, que resistiu como homem negro e existiu como nosso maior escritor. Dado um jeito de homenagear a cultura brasileira com a cultura brasileira, podemos seguir.

Jacobina foi visitar a sua tia Marcolina em seu sítio e diz que sofreu uma espécie de sequestro pela senhora que o manteve ali por um tempo. Ela era viúva de outro militar e resolveu matar a saudade do marido com o sobrinho, tratando-o com todos os obséquios possíveis destinados a um alferes. Era

um “alferes para lá, alferes para cá”, todos na casa, inclusive os escravos, só o reconheciam como alferes. Nesse momento, aparece o famigerado espelho: a melhor peça da casa é oferecida para acompanhar o alferes em sua estada ali. Retomemos o título completo do conto *O espelho: o esboço de uma nova teoria da alma humana*. A essa altura do processo, começo a acreditar que Lacan leu Machado de Assis e não deu os créditos. Enfim, de tanto passar pelo espelho da tia, Jacobina vira só o alferes.

Como estou desconfiada da integridade intelectual de Lacan, vou me referenciar à Dolto para pensar o *Espelho*. Para Dolto (2017), a relação escópica da criança com o espelho é a de menos, o que deveríamos valorizar é a dimensão relacional e simbólica dessa experiência. Para ela, a criança reconhece a si mesma através da mãe que a representa através da linguagem mímica e vocal a cada encontro entre ambas. Dessa forma, a imagem de si é construída na relação com a mãe. Nessa relação dialética com o outro, construímos uma imagem do corpo que não corresponde totalmente ao esquema corporal. Esse desencontro aponta para uma ferida narcísica e para a entrada no simbólico.

No entanto, não é bem isso o que acontece com Jacobina na relação com sua tia. Ainda a partir de Dolto, é possível inferir que a relação especular à qual foi submetido não permitiu que ele encontrasse alguém do outro lado do espelho, e sim, “apenas a dureza e a frieza de um espelho, ou uma superfície de uma água dormente na qual, atraídas no encontro com o outro, tal como Narciso, não encontra ninguém: apenas uma imagem.” (2017, p.121)

No caso, a imagem do alferes. Se para alguns, atravessar o espelho pode levar para o mundo das relações simbólicas, para outros, a situação pode ser dessimbolígena, se a criança não reconhece o seu corpo como seu (DOLTO, 2017). É nesse momento que surge o duplo de Jacobina: o alferes.

Freud (2020, p.69), apoiado em Otto Rank, descreve a origem do duplo como “uma garantia contra o declínio do Eu”, num período em que a criança não diferencia mundo interno e externo, quando o animismo ainda é presente, no narcisismo primário, fase em que ela investe sua libido em si própria e acredita na onipotência dos seus pensamentos. Com o passar dessa fase, o duplo ficaria presente como *das unheimliche*, termo que possui diversas traduções, prefiro a de ‘estranho familiar’. O estranho familiar é aquilo que deveria estar recalcado, mas encontra uma maneira de vir à tona através da experiência de estranhamento. Ressaltando que a gente só estranha o que conhece. Então, se originalmente o duplo tinha o objetivo de proteger, passado o narcisismo primário, ele vem dar sinais daquilo que o psiquismo rejeita, mas o que o psiquismo de Jacobina rejeita tanto a ponto de emergir um duplo na sua experiência na casa da tia?

Sigamos com a história. Quando o duplo já tinha se instalado, a tia Marcolina recebeu a notícia de que uma de suas filhas estava gravemente enferma. Ela e os outros moradores da casa grande foram ao encontro da moça e deixaram o alferes com os escravos. Nesse momento, Jacobina sente “uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p.138). Ao mesmo tempo, os escravizados passam a ser mais gentis, respeitosos e alegres. Algo bem diferente dos seres bestiais dos quais o alferes tenta se diferenciar desde o começo do conto, quando explica o porquê de evitar discussões. Para desolação de Jacobina, os escravizados fogem ao longo da madrugada, o que para ele, segundo suas próprias palavras, isso é pior do que a morte. Por quê?!

No início do conto *O Espelho*, e desse artigo, vemos a apresentação de Jacobina como um brasileiro padrão, que evita humores inflamados ou uma “postura radical” – “nem de direita, nem de esquerda, e sim, de centro”, como diriam hoje. Jacobina vai para casa da tia, que abriga alguns familiares e pessoas escravizadas. Lá é tratado como Senhor e se perde no seu duplo. Ao ficar sozinho com as pessoas escravizadas, gentis e alegres, diferentes da bestialidade que ele infere inicialmente, Jacobina se desorganiza mais e mais a ponto de se sentir preso. A partir daí, as pessoas escravizadas ficam livres. Essa situação, pior que a morte, nos remete à dialética do senhor e do escravo. Em que um depende do outro, necessariamente, para exercer seu papel. E, como esperado dentro do campo dialético, parece que o jogo virou.

Machado de Assis nos leva a pensar a dialética do senhor e do escravo proposta por Hegel (2001): duas pessoas disputam por algo, uma ganha e escraviza a outra. O escravo, por medo da morte, aceita trabalhar para o senhor. Contudo, nessa relação, quem depende de quem? O senhor permanece em liberdade, mas passa a depender do trabalho do escravo, que perdeu a liberdade. Se o senhor depende do escravo para ser senhor, já não é mais tão senhor assim. Então, pela via do trabalho, o escravo deixa de ser um ser para o outro e passa a ser um ser para si. Então, a situação era pior que a morte, porque Jacobina não perdeu apenas escravos/mercadorias, ele perdeu o lugar de senhor de si.

Invoco a ilustríssima Lélia Gonzalez para nos acompanhar a partir daqui. Ela, por sua vez, chama Lacan, então, sou obrigada a des-desconfiar do psicanalista francês, por amor à Lélia. Ao longo do artigo *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*, Gonzalez (2020) questiona o fato de o brasileiro reconhecer como coisa de brasileiro aquilo que veio de África, de afirmar que vivemos numa democracia racial e ao mesmo tempo dizer que somos racistas reversos quando questionamos essa tese. A autora afirma que “colocamos o dedo na ferida deles” (branquitude brasileira) ao subverter a ordem pré-estabelecida (GONZALEZ, 2020, p.91). Que ordem? Gonzalez (2020) remonta a dialética

do senhor e do escravo, tal como relida por Lacan no *Seminário 17*, para nos apresentar sua tese da neurose cultural brasileira.

Nesse seminário, Lacan (1992) apresenta a teoria dos discursos. Estes seriam aquilo que sustenta os laços sociais, que unem pessoas, ao mesmo tempo que negam algo, que deixam algo de fora, no caso, o mal-estar, a partir de como Freud descreve em *O Mal-Estar na Civilização*. Essa negação merece destaque e mais adiante veremos como ela aparece na tese de Lélia Gonzalez. Por hora, vamos compreender de que se trata a dialética do senhor e do escravo na teoria lacaniana dos discursos. Todo discurso é composto por quatro lugares:

FIGURA 1 – DISCURSO

O agente é aquele que inicia o discurso e se dirige ao Outro, o princípio de alteridade radical. Na relação do agente com o Outro é extraída uma produção que tem efeito de satisfação. Essa produção fica em torno da verdade, que está sempre oculta, é algo que nunca pode ser alcançado.

A partir daqui, podemos falar do discurso do mestre. Dentro da lógica colocada, ele se apresenta como:

FIGURA 2 – DISCURSO DO MESTRE

S1 (significante mestre) ocupa o lugar de agente; S2 (o saber) o do Outro; \$ (sujeito barrado) ocupa o da verdade e *a* (pequeno a, como o mais-de-gozar), ocupa o lugar da produção. S1 (o senhor) detém o poder e incita o S2 (escravo) a produzir. S1 tem um saber teórico e S2 um saber prático. Como o senhor se coloca como o dono do poder, não pode se mostrar como sujeito castrado (\$). Então \$ fica no lugar da verdade, que está oculta, e sustenta o S1. *a* é o lugar do gozo tanto para S1 quanto para S2. Em suma, o senhor que detém de um saber teórico faz o escravo produzir, da produção tem algo que o escravo não vai possuir, que é expropriado dele. Toda essa relação é sustentada por uma verdade oculta, que é a castração do senhor, ou seja, o fato de que o senhor não é todo.

Voltando à Gonzalez (2020), a psicanalista brinca com o discurso do mestre para falar das relações raciais no Brasil: apresenta S1 como o negro, e S2 como o branco. O que, supostamente, estaria invertido, uma vez que o negro (escravizado) estaria no lugar do branco (senhor). No entanto, segundo Gonzalez (2020), o negro brasileiro já subverteu a ordem estabelecida há algum tempo, e essa é uma verdade encoberta. Não seria à toa que ele é considerado ladrão aonde quer que vá, porque ele roubou o S1. Ao mesmo tempo, a branquitude violentaria os negros, porque sabe que não é mais senhora. O que representa o Brasil não é pizza, mas feijoada; não é fado, mas samba e *funk*; não é Camões, mas Machado de Assis.

Falando nele, vamos retomar o conto. Não seria isso o que acontece com Jacobina? Diante da relação com seu estranho familiar, emerge o duplo como defesa diante do horrível, que é se reconhecer como bestial? Fanon (2008) já descrevia o mecanismo da branquitude de projetar no mundo negro sua parte insólita e não civilizada, de maneira a eliminar tensões que poderiam comprometer seu equilíbrio. No conto, Machado de Assis nos mostra os efeitos perturbadores, em Jacobina, de entrar em contato de forma abrupta com um familiar que fora recalcado e projetado no outro. Ao fugirem, os escravizados o deixaram à mercê de si mesmo, virando o jogo, ou subvertendo a ordem, como Lélia Gonzalez (2020) propõe.

Apesar de S1 e S2 terem mudado de posição, segundo a tese da neurose cultural brasileira, a verdade segue encoberta. Contudo, a verdade se dá a ver nas manifestações culturais, no encobrimento e na tentativa de apagamento dos responsáveis pela criação e disseminação dessas mesmas manifestações, na desorganização da branquitude diante do seu estranho, na tentativa desse mesmo grupo de se manter abstermido diante de representantes do fascismo e, ainda, entre outras situações, quando uma pessoa negra é acusada sem provas de roubar algo de um representante da branquitude, o que na verdade significa ser acusada de exercer sua liberdade de ir e de vir.

REFERÊNCIAS

- DOLTO, F. O espelho. In: *A imagem inconsciente do corpo*. p.120-134. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: R. Silveira. Salvador: Editora Edufba, 2008.
- FREUD, S. O inconsciente. In: *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução: P. C. Souza. p.99-150. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. O infamiliar. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud. O infamiliar e outros escritos*. Tradução: E. Chaves e P. H Tavares. p.27-150. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: F. Rios e M. Lima Orgs. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. p.75-93. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HEGEL, G.W.F (2001). Independência e dependência da consciência de si: dominação e escravidão. In: *Fenomenologia do Espírito*. Tradução: P. Meneses e K.H Efen. p.126-140. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- LACAN, J. *O seminário livro 17: o avesso da psicanálise*. Tradução: A. Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *O Espelho e outros Contos*. p.135-142. Jandira: Principis, 2019.
- VELOSO, C. E GIL, G. Eles. In: VELOSO, C. *Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: Warner Chappell Music, 1968.

Psicanálise, sexualidade e gênero: atravessamentos sociopolíticos na constituição do sujeito

Psychoanalysis, sexuality and gender: sociopolitical intersections in the subjects constitution

Gisele Assuar

Resumo:

Este artigo pretende introduzir uma reflexão acerca das questões de gênero em articulação com o saber psicanalítico. Nossa intenção é mostrar como as questões de gênero marcam o processo de subjetivação, levando o sujeito a encontrar um lugar e uma forma próprios de ser e estar no mundo, num arranjo sempre temporário, precário, demandante de trabalho psíquico, insuficiente e inconcluso. Pretendemos pensar também algumas fronteiras existentes na atualidade entre a Psicanálise e os estudos de gênero e *queer* como espaços porosos, nos quais encontramos possibilidades e limites que nos provocam e nos instigam, enquanto psicanalistas, a revisitar nossas teorias e escuta clínica.

Palavras-chave:

Psicanálise; gênero; sexualidade; estudos *queer*; hibridéz.

Abstract:

This article's objective is to foster reflection about gender studies in its relation with psychoanalytical knowledge. Our intention is to expose how gender takes part in the subjectivation process, taking the subject to find its own way of being in the world, a never conclusive and always temporary, insufficient and somehow precarious arrangement. Ever demanding for additional psychic work. In addition, we propose an examination of the contemporary relation between psychoanalysis, gender and queer studies, as a poriferous boundary, where we can find an instigating and provocative environment to revisit psychoanalysis and the clinical listening practice.

Keywords:

Psychoanalysis; gender; sexuality; queer studies; hybrid psychoanalysis.

SALUTE E FIGLI MASCHI¹!!

“Desde muito cedo, ouvi de minha avó um voto que se pretendia de bem-aventurança: ‘salute e figli maschi!’.

A frase vinha em momentos diversos, nos brindes, nas celebrações, até mesmo depois de um espirro. Vinha repetidamente e, ainda assim, nunca se naturalizou para mim, nunca deixou de me inquietar; não entendia por que desejar o bem estaria associado a ‘conquista’ de uma descendência masculina ou talvez não fosse uma questão de compreensão, mas de resistência.

Com o passar dos anos, aos diversos questionamentos que fiz sobre o tema, contrapunham-se sempre outras palavras dogmáticas: ‘filha mulher é problema’, ‘mulher dá muito trabalho’, ou ainda, ‘as mulheres sofrem muito na vida, melhor ser homem’.

Para minha avó, o lugar da mulher era de profunda desvalia, apagamento e subjugação, e isso dizia respeito a uma ordem ‘natural’ que, a seu entender, marcava a diferença dos sexos.

Em mim ficava um estranhamento... Talvez eu não fosse o que ‘deveria’ ser?

Precisou um bocado de tempo e muitas sessões de análise para que eu entendesse que o que eu procurava encontrar, na briga com a frase de minha avó, era um lugar de reconhecimento. Pensava se minha mãe que tinha ‘apenas’ duas filhas seria infeliz por isso e acabava supondo aí uma explicação para qualquer pequeno traço de insatisfação ou tristeza que pudesse encontrar em seu olhar. Foi preciso ainda mais tempo para compreender que diferença não significa necessariamente desigualdade.

Minha avó, no início do século xx, décima primeira filha, nascida num navio de imigrantes que vinham da Itália para o Brasil em busca de trabalho, tinha certeza (será que tinha mesmo?) do lugar hierarquicamente rebaixado da mulher num mundo dominado por homens e acreditava que o natural era que assim mesmo fosse.

1 Saúde e filhos machos!!

Eu pude duvidar, encontrei brechas, encontrei minha própria voz. Entre nós duas, Histórias e histórias em transformação. Sujeitos de tempos diferentes e singularidades diversas, mas imbricadas num encontro geracional, na maior parte das vezes inconsciente, caminhamos juntas.”

Começar este escrito por um depoimento tem uma dupla intenção. Primeiro, mostrar que o que somos ou não somos, o que gostaríamos de ser, o *eu* que construímos e afirmamos estará sempre de alguma forma alienado ao outro que nos recebe no mundo e nos apresenta a ele. Nunca escaparemos a isso. As mensagens, sempre tão enigmáticas², que recebemos sobre nós mesmos já estão prontas antes mesmo de chegarmos à vida, antes mesmo dos nossos pais. Isso é o que nos constitui e também o que nos aliena e nos escapa.

O relato traz, ainda, uma segunda intenção, que julgamos fundamental discutir, pois quando as mensagens que recebemos do Outro promovem desigualdades, silenciamento, opressão e violência legitimados socialmente podemos entender que a história pessoal e a História social se articulam, produzindo em nós um sofrimento sociopolítico que precisa ser reconhecido.

Nesse trajeto, acompanhamos Freud na direção que nos aponta já na introdução de seu *Psicologia das massas e análise do eu*:

Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado (FREUD, [1921] 2021, p.14).

Diante disso, este artigo pretende introduzir nossa reflexão acerca das questões de gênero³ em articulação com o saber psicanalítico. Gênero é entendido aqui

2 Para Jean Laplanche, na sua teoria da sedução generalizada, a ideia de mensagem enigmática se refere à relação entre adulto e criança, na qual, pela assimetria de saberes fundante da situação originária, circulam mensagens de significação sexual inconscientes, percebidas pela criança como enigmáticas. Ver: LAPLANCHE, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

3 A noção de gênero, criada na década de 1960 pelo psicólogo e sexólogo Jonh Money e pelo psiquiatra e psicanalista Robert Stoller, no trabalho com pacientes intersexo e transexuais, foi retomada na década de 1970 por pesquisadoras feministas que desejavam desnaturalizar a feminilidade. Assim, o conceito normativo tornou-se uma ferramenta de reflexão crítica. Para aprofundamento sobre o conceito de gênero na teoria *queer* ver: RUBIN, G. *Tráfico de mulheres: notas sobre a 'economia política' do sexo*. São Paulo: Ubu, 2018; BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

como categoria histórica e social contingente, que procura dar sentido às relações de poder⁴. Nossa intenção é mostrar como as questões de gênero atravessam nossa vida, marcando nosso processo de subjetivação, nos levando a encontrar um lugar e uma forma próprios de ser e estar no mundo, independentemente do naco de sofrimento que isso nos traga, num arranjo sempre temporário, precário, demandante de trabalho psíquico, insuficiente e inconcluso.

Para essa argumentação, apoiaremos-nos, sobretudo, nas teorias sobre a constituição do sujeito e o estádio do espelho, desenvolvidas por Jacques Lacan, e nos aportes de Piera Aulagnier sobre o tema.

Paralelamente, pretendemos pensar algumas fronteiras existentes na atualidade entre Psicanálise e os estudos de gênero e *queer*⁵ como “espaços porosos, nos quais encontramos possibilidades e limites que nos provocam e nos instigam, enquanto psicanalistas, a revisitar nossas teorias e escuta clínica” (ASSUAR; POLISTCHUCK, 2019, p.69).

Queremos colocar em questão se e como a Psicanálise pode oferecer escuta ao sofrimento psíquico resultante das marcas de gênero que atravessam a constituição do psiquismo ou se estaríamos apenas dando continuidade, nos nossos consultórios e instituições, a um discurso hegemônico que reproduz uma lógica patriarcal, heterocêntrica, cisnormativa, opressiva, binária e excludente, direção na qual os estudos de gênero e *queer* apontam suas críticas há algum tempo. Neste desenvolvimento, nos apoiaremos nas construções do psicanalista marroquino Thamy Ayouch, que discute a ideia de hibridez na Psicanálise.

DESTINOS, ARRANJOS, POSSIBILIDADES

*Reconheceram-me logo por quem não era
Eu não disse nada, e me perdi
(Fernando Pessoa)*

O que define ser mulher ou homem numa determinada cultura, num determinado tempo?

- 4 O conceito de poder será usado aqui no sentido foucaultiano de dispositivos que esboçam um efeito de conjunto, de táticas locais, sem transparecer alguém que as tenha concebido ou formulado, garantindo desse modo grandes estratégias anônimas de sustentação das relações de força no campo social.
- 5 Usamos aqui a denominação “estudos de gênero e *queer*” nos referindo de maneira global ao conjunto das teorias que nascem dos movimentos feministas, gays, lésbicos, trans, intersexuais ou *queer*, sem a preocupação de apontar as diferenças de posições, por vezes conflitantes, que existem entre eles, destacando o que nos parece comum a todas essas posições: o questionamento de uma lógica heterocêntrica da binariedade sexo/gênero que sustenta as representações da sexuação e da sexualidade.

No humano, definir a diferença dos sexos é matéria extremamente complexa. Sexualidade, gênero e até mesmo o sexo biológico são resultado de uma intrincada determinação.

Segundo Ceccarelli (2017), mesmo na Medicina, onde o senso comum insiste na configuração binária dos sexos, há que se levar em conta o sexo morfológico, o cromossômico, o genético, o endocrinológico, em uma complexidade de esquemas de genes, enzimas e hormônios que faz parecer que os “estados normais” não passam de um modelo de utopia social. Portanto, nada implica que os sexos sejam pensados necessariamente como dois. Aliás, Freud já nos falava da verdade dessa ideia também no imaginário, como nos mostram as suas teorias sexuais infantis (FREUD, [1905] 2016).

Do ponto de vista anatômico, as coisas também são bastante complicadas. Thomas Laqueur, no seu livro *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud* (2001), numa profunda e rica pesquisa histórica, nos conta que até o século XVIII predominava no Ocidente o modelo do sexo único. Neste modelo, baseado na definição da ordem dos seres de Aristóteles e na do corpo anatômico de Galeno, homens e mulheres se diferenciavam segundo o grau de perfeição alcançada no desenvolvimento de seus corpos. Os órgãos reprodutores eram vistos como semelhantes e correspondentes, diferenciando-se apenas pelo amadurecimento que permitia com que eles ficassem completos e externalizados, como apareciam no homem, ou mal desenvolvidos e encruados no interior do corpo, no caso das mulheres.

Segundo essa teoria, no processo reprodutivo, caberia às mulheres o papel de incubadora, guardando com o calor de seu corpo a semente masculina, única responsável pelo desenvolvimento da vida. A criança gerada seria um ser perfeito, ou seja, nasceria anatomicamente macho, se o calor da mãe fosse suficiente para o pleno desenvolvimento, caso contrário, nasceria um corpo falho, um corpo de mulher.

É interessante notar que mesmo depois da Renascença, quando passou a ser legal a dissecação de cadáveres para estudos médicos, o modelo de sexo único permaneceu. A ciência, mesmo podendo ver, não conseguiu enxergar, preferindo sustentar o “conhecimento” como dispositivo de manutenção de relações sociais de poder, até as vésperas da Revolução Francesa. O que fica claro nas conclusões de Laqueur é que o corpo biológico também se constrói a partir do discurso da cultura. O sexo é linguagem.

Para a Psicanálise, desde sua criação, o biológico está fortemente submetido à dimensão simbólica e ao inconsciente. Os sintomas histéricos e as manifestações psicossomáticas nunca respeitaram leis anatômicas. A nova ciência, nascida no final do século XIX, nos alerta que o corpo é palco de conflitos psíquicos. Ele é pulsional.

Assim, Freud fundou uma nova maneira de ver o sexo, a sexualidade e o desejo. A radicalidade de suas teorias, sobretudo a teoria da sexualidade infantil e das pulsões, coloca em xeque as determinações biológicas da sexualidade, embora nunca as elimine totalmente. Sob sua pena, já em 1905, em *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, deixa claro que a sexualidade infantil perverso polimorfa é atemporal, que a pulsão não cessa de procurar satisfação e que, totalmente diversa do instinto, é desprovida de objeto fixo para realizar sua meta, implicando “escolhas” objetais inconscientes, plásticas e mutáveis. Essa característica anárquica e desnaturalizada do conceito freudiano levou Judith Butler, inclusive, a dizer que a pulsão é, por essência, uma categoria *Queer*⁶.

Mas, como homem de seu tempo, Freud não era imune aos seus próprios arranjos identificatórios e ao discurso social de sua época. Com tantos adendos nas edições sucessivas, o texto de 1905 acaba perdendo sua radicalidade. Freud reafirma em diversos outros artigos que a “anatomia é o destino” e salvaguarda os padrões de “normatividade” de sua época.

Apesar de haver algo de subversivo e inovador, há uma ambiguidade inerente à psicanálise que faz com que, por vezes, Freud esbarre no equívoco de se prestar a certos ideais civilizatórios, ao mesmo tempo que sua teoria faz com que caiam por terra (MOREIRA, 2021, p.29).

É em Lacan que encontramos uma leitura bastante interessante para a compreensão das questões identitárias de sexo e de gênero, que afasta de uma vez por todas os resquícios do biologismo freudiano⁷. O psicanalista francês propõe que ‘Homem’ e ‘Mulher’ são significantes vazios em si, significados pelas insígnias da linguagem, que independem do sexo anatômico. “São marcas com

6 Judith Butler, uma das maiores referências para os psicanalistas brasileiros dos estudos *queer*, utiliza em suas construções teóricas não só o conceito freudiano de pulsão, como também faz uma releitura particular da forclusão lacaniana para cunhar a noção de melancolia de gênero. Para uma discussão qualificada do assunto ver: BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2017; COSSI, R.K. *Lacan e o feminismo: a diferença dos sexos*. São Paulo: Anablume, 2018.

7 A teoria lacaniana da sexuação, articulando os conceitos de semblante, gozo e fantasia, nos permite uma leitura da diferença sexual baseada em posições lógicas que nada tem a ver com o biológico. As fórmulas da sexuação tem se mostrado um terreno fértil para novas interpretações que considerem a problemática política e epistemológica que as teorias de gênero representam. Neste trabalho não desenvolveremos esse aspecto, que pode ser aprofundado em DUNKER, C. *Semblante, gozo e fantasia: uma transleitura da sexuação*. São Paulo: Agente Publicações, 2017.

as quais nos identificamos e devem um tanto ao modo como os pais tomam a criança quando ela vem ao mundo” (PORCHAT, 2021, p.35).

Isso significa dizer que não nascemos menino ou menina, identidade de gênero e sexualidade são aspectos de um psiquismo que se constitui no laço discursivo com um outro, através de um intrincado processo de identificações. A anatomia não é o destino.

[...] No psiquismo não há nada pelo que o sujeito possa situar-se como ser de macho ou de fêmea [...] as vias do que se deve fazer como homem ou mulher, o ser humano terá sempre que aprender, peça por peça, do Outro (LACAN, 2021, p.200).

Antes de prosseguirmos, é importante sublinhar que na perspectiva psicanalítica que assumimos aqui, esse corpo pulsional ao qual nos referimos antes se faz no contato com o outro. Posto isso, é necessário lembrar alguns elementos fundamentais de como se dão os processos identificatórios na constituição do sujeito, deixando mais claro, acreditamos, aonde pretendemos chegar.

Em Freud, a identificação, conceito-chave para a Psicanálise, comporta um jogo de duplo movimento: permite ao mesmo tempo a apreensão do outro e a separação dele, processo que constitui o *eu*. Para o pai da Psicanálise, a identificação é “a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma outra pessoa” (FREUD, [1921] 2021, p.60), sendo o *eu* um “precipitado de identificações”.

Lacan, com seu desenvolvimento da noção de sujeito, modifica e traz contribuições inovadoras para o conceito freudiano de identificação. Em Lacan, é o objeto e não o *eu* que tem um papel ativo no processo, na medida em que o sujeito é constituído pelo outro, ou melhor, pelo desejo do Outro. O desejo dos pais captura o bebê numa “trama de linguagem que guardará ou não um lugar de sujeito para o mesmo, dependendo do arranjo estrutural que lhe proverá o efeito da castração simbólica nos pais” (GARCIA, 2009, p.7). Essa marca, esse traço unário, aliena o sujeito na identificação primeira que projeta sobre ele o ideal de *eu* tramado no narcisismo dos pais. Mas é no encontro especular de sua imagem com o outro, momento estruturante e, ao mesmo tempo, alienante, que se produz, numa identificação primária, a síntese imaginária que chamamos de *eu*, como Lacan nos mostrou no *Estádio do espelho* (1949). É a essa imagem jubilatória, projetada pelo olhar do outro no espelho, que o sujeito se identifica e é a partir dela que se produzem as identificações secundárias.

A identificação seria, portanto, um processo que tem três dimensões: uma dimensão simbólica, que é o nascimento do sujeito do inconsciente e que produz um traço absolutamente singular que marca sua história; uma dimensão imaginária, que forja a imagem identitária do *eu* no espelho e que é sempre uma “linha de ficção” alienante; uma dimensão fantasmática, que dá origem a fantasia fundamental em que o sujeito se identifica ao objeto e vivencia uma cena de conteúdo sexual ou, dito de outra forma, que produz as lentes dos óculos através das quais o sujeito vai enxergar seu mundo psíquico, entender a realidade, se aproximar dos seus objetos e estabelecer suas relações.

Tomando este suporte teórico, podemos dizer que

[...] nascemos com um corpo e, à medida que esse corpo é erotizado pelo outro que nos recebe no mundo e encarna para nós a cultura, teremos que explorá-lo e conhecê-lo. Mais cedo ou mais tarde todos nós teremos que nos haver com o real desse corpo e teremos um enigma singular para desvendar, encontrando um modo próprio de ser e estar no mundo. Segundo Leguil (2016), a forma singular que encontramos para lidar com esse real do corpo estará sempre ligado a algo que nos escapa, algo do inconsciente que nos constituiu e ao qual nos alienamos: o desejo do outro. Independentemente de qualquer norma é nessa alienação ao Outro que nos constituímos e isso estará sempre para além daquilo que podemos controlar (ASSUAR, POLISTCHUCK, 2019, p.77).

Piera Aulagnier também traz importantes aportes teórico-clínicos para pensarmos a constituição do sujeito e seus processos de identificação.

Para essa autora, o Outro, que preexiste ao *eu*, constitui “o espaço onde o *eu* pode surgir”. A mãe⁸ exerce para o bebê a função de “porta-voz”, ela dá sentido às primeiras manifestações do bebê, traduzindo o mundo para o *infans*, uma vez que ela se apresenta para ele como representante de uma ordem exterior, e verbalizando o *infans* para o mundo. Essa antecipação que o dizer e o fazer maternos fazem do conhecimento do bebê só poderão ser metabolizados se a

8 Nos referimos aqui à função daquele/a que, independentemente de seu gênero ou sexualidade, introduz a criança no universo da linguagem, função chamada materna. Optamos por manter “mãe” para estar em acordo com o vocabulário e encaminhamento da autora.

psiquê da mãe puder exercer a função de prótese psíquica, acolhendo o desamparo psíquico primitivo.

Esse encontro, necessário e constitutivo, é também violento. A ideia de violência – que a autora conceitua como “violência primária” – refere-se ao descompasso inevitável entre o que a mãe projeta sobre a criança (a criança ideal) e o que a criança revelará ser (a criança real), porque o *infans* nunca corresponderá às expectativas projetadas nele pelo narcisismo dos pais. O *eu* se constitui, portanto, num espaço pré-formatado por uma espera que não é sua.

A capacidade da criança em responder a essa violência relaciona-se diretamente com o que dela se espera. Tanto uma expectativa desmedida em relação à resposta da criança – a mãe que ‘cola’ excessivamente seu desejo à criança – quanto a falta de expectativa geram um ‘excesso de violência’, com consequências as mais variadas (CECCARELLI, 2017, p.105).

Assim, as contingências que o sujeito deverá enfrentar no seu processo singular de constituição, nesse jogo narcísico de expectativas e decepções, imprimirão marcas das mais variadas no seu psiquismo, promovendo possibilidades de arranjos diversos dos elementos identificatórios, que não necessariamente se submeterão a nenhuma norma desenvolvimentista socialmente estabelecida como adequada. Nesse sentido, é perfeitamente possível que sua “escolha” objetual não se refira ao sexo oposto e/ou o gênero assumido não coincida com o sexo anatômico. Esse pressuposto é de fundamental importância quando pensamos na necessária despatologização do que Judith Butler chama “gêneros não inteligíveis”, infelizmente ainda tão excluídos, na medida em que a continuidade lógica desse raciocínio leva a pensarmos que essas manifestações da sexualidade e/ou identidade são soluções diversas como quaisquer outras.

Para a Psicanálise não importa, portanto, se o/a paciente é homo, hetero, cis⁹ ou trans. Nenhuma antecipação deve ser feita. Em termos de sexualidade e gênero, não existe “transexual típico”, “heterossexual típico” ou “homossexual típico”; o que existe são arranjos possíveis, sempre precários, insuficientes e inconclusos. “Numa análise, o que será de fato relevante é antes a posição que o sujeito ocupa no discurso do Outro e de que maneira ele ou ela está alienada nesse lugar” (AMBRA, 2016, p. 111).

9 O termo cis ou cisgênero foi criado por comunidades trans e se refere a um sujeito não transgênero, ou seja, um sujeito no qual o sexo biológico e a identidade de gênero coincidem. Cis, do latim, significa ‘do mesmo lado de’.

HIBRIDEZ E SUBVERSÃO

Retomando o que dissemos até agora, para a Psicanálise, a sexualidade e a identidade de gênero são construções subjetivas que se ligam aos intrincados processos identificatórios que o sujeito vive no cenário singular de sua própria história, entretanto os aspectos da cultura também o atravessam singularmente, e ele precisará sempre se posicionar em relação a isso. Portanto, a dimensão do gênero interessa à Psicanálise. Interessa, sobretudo, porque é uma dimensão que se materializa, inúmeras vezes, como vulnerabilidade, violência, silenciamento, desumanização, patologização de sujeitos profundamente hostilizados na sociedade e, inclusive, na própria clínica.

E o que significam os atravessamentos de gênero na subjetividade? Recordemos as palavras de Hélène Cixous na potência de seu riso de Medusa:

[...] eu também transbordo, meus desejos inventaram novos desejos, meu corpo conhece cantos extraordinários, eu também, tantas vezes, me senti plena de torrentes luminosas a ponto de explodir, de formas muito mais belas do que aquelas que, emolduradas se vendem por migalhas. E eu também nada disse, nada mostrei; não abri a boca, não pintei com novas cores minha metade do mundo. Tive vergonha. Tive medo e engoli minha vergonha e meu medo. Eu dizia a mim mesma: você está louca! [...] Qual a mulher efervescente e infinita que [...] mantida no obscurantismo e no menosprezo dela mesma pela grande mão parental-conjugal-falocêntrica, não sentiu vergonha de sua potência? [...] não se acusou de ser monstruosa? [...] não pensou estar doente? (CIXOUS, 2022, p.43)

É preciso dizer que há uma resistência conservadora presente em um certo tipo de discurso supostamente analítico que pensa as transformações sociais da contemporaneidade como “ataques à lei simbólica, o que é muito problemático, porque é como se psicanalistas se autoproclamassem guardiães de um funcionamento inalterável do aparato psíquico” (AYOUCH, conferência, 2020). Para Thamy Ayouch, alguns psicanalistas acabam por perpetuar uma violência de gênero na medida em que se colocam como se detivessem o saber sobre as modalidades corretas de subjetivação e pudessem prescrever uma performatividade de gênero que levasse ao itinerário freudiano do desenvolvimento psicológico: castração, Édipo, assunção da diferença dos sexos, matrimônio feliz e família heteronormativa. Dessa forma, esses psicanalistas acabam se posicionando ao

lado de um discurso que reproduz uma lógica de dominação patriarcal, opressiva e excludente. Comprometida com a ética do desejo, nascida como uma prática e um saber subversivo e libertador, nada disso é função da Psicanálise.

A psicanálise concebe qualquer construção de identidade como unificação imaginária que, embora possa ser politicamente real, é ontologicamente fantasiosa. Mas a abordagem psicanalítica não pode só afastar com um encolher de ombros a questão das identidades minoritárias e referir sua etiologia à fantasia. Essa desconstrução da fantasia de identidade pela hibridez, que quebra toda unidade, deve ser acompanhada de uma análise de como funciona uma identidade implícita na postura enunciativa, supostamente neutra, da psicanálise. Enquanto muitos/as analistas rejeitam as identidades minoritárias como capturas imaginárias, essa mesma captura também caracteriza a identidade majoritária implícita a partir da qual eles/as falam (masculina, heterocêntrica, cis-cêntrica, ocidental, branca), igualmente construída, sem ser, porém, submetida a mesma crítica (AYOUCH, 2019, p.140).

Como pensar instrumentos metapsicológicos que possam dar conta da especificidade dessas identificações e vivências contemporâneas de gênero e sexualidade? Como entender sua singularidade?

Segundo o psicanalista marroquino, não se trata de fazer uma Psicanálise específica para esses grupos, mas de definir uma escuta e teorização psicanalíticas que levem em conta aspectos das particularidades das subjetivações oriundas das posições minorizadas, revendo e reelaborando nosso próprio referencial teórico naquilo que nos parece historicamente datado. A tese, colocada dessa forma, amplia-se não apenas para pensarmos as questões de gênero e sexualidade, mas também para articularmos aspectos étnico-raciais, culturais e linguísticos. Reconhecemos aqui a ideia de uma Psicanálise implicada¹⁰.

Com base nessas reflexões, Ayouch propõe o que chama de hibridação da Psicanálise com os estudos de gênero e *queer*, ou seja, uma Psicanálise em

10 Esse pensamento de Thamy Ayouch, acreditamos, está em profunda sintonia com os estudos teórico-clínicos da psicanalista e pesquisadora Miriam Debieux Rosa, de quem emprestamos o termo psicanálise implicada. Com esse conceito, Debieux se refere à articulação entre a clínica psicanalítica, a política e a cultura no trabalho com sujeitos submetidos a violências diversas, como: discriminação, exclusão social, pobreza, racismo, indiferença, humilhação, imigração forçada e exílio.

interlocução com outros saberes, atenta à necessidade de reconhecimento dessas vozes minoritárias sem, porém, essencializar sua identidade.

A noção de hibridez para o campo analítico está ligada à afirmação da necessária alteridade como fundamento da Psicanálise. A introdução de elementos estrangeiros e heterogêneos, movimento constitutivo da própria Psicanálise, é o que lhe permite resistir a qualquer fixação identitária, inclusive evitando fixar-se numa identificação imaginária consigo mesma¹¹. A hibridez introduz uma subversão no nível enunciativo de todo discurso da cultura, porque coloca em perspectiva a historicidade da prática e da teoria. O que está em jogo nessa definição da Psicanálise é “que esse saber continue a ressoar a multiplicidade das vozes dos/as analisados/as sem que essas sejam silenciadas por uma posição sábia de *expertise*” (AYOUCH, 2019, p.156).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o *eu* é constituído pelo desejo do Outro, e o inconsciente, como nos diz Lacan, é a política, a cultura será sempre dimensão da Psicanálise e, diante do sofrimento sociopolítico, cabe aos psicanalistas perguntar: que Psicanálise queremos? Que Psicanálise vale a pena fazer hoje?

É importante alertar que o posicionamento que se toma a respeito das transformações no campo dos discursos sobre sexualidade e gênero e da abertura para uma com-versa¹² com outros campos do saber não passa apenas por aspectos de ordem teórica e científica, mas também pelo campo de valores éticos e políticos. Nesse sentido, não há neutralidade possível. É preciso decidir, enquanto psicanalistas, que lugar queremos ocupar: uma posição dominante, aferrada no universalismo de um único ponto de vista, o que nos parece entrar em contradição com os fundamentos do próprio discurso analítico ou uma posição atenta às multiplicidades de vozes e aos processos de subjetivações minoritários, que inclusive nos ajudam a lançar luz sobre o discurso hegemônico.

Se, como Lacan nos adverte em sua conhecida provocação, “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1998, p. 321), então devemos estar abertos à questionar constantemente o lugar do qual um/a analista e um/a

11 Como parte da sustentação de sua ideia de que a hibridez é parte constitutiva da Psicanálise, Ayouch se refere longamente ao texto freudiano *O Inconsciente* (1915), retomando com ênfase uma passagem na qual o autor compara a relação do consciente, pré-consciente e inconsciente à miscigenação. No trecho, Freud diz que o Inconsciente perturba o consciente, como o mestiço perturba a ordem colonial. (AYOUCH, 2019, p.80).

12 ASSUAR, POLISTCHUCK. Psicanálise e Estudos de gênero: uma com-versa. In: *Psicanálise, Sexualidade e Gênero: um debate em construção*. São Paulo: Zagodoni, 2019.

teórico/a da análise escutam e falam, não isentando seu discurso da mesma crítica que a Psicanálise endereça a outras perspectivas.

A resposta que Ayouch nos traz não é a única. Na última década, no Brasil, assistimos diversos analistas e instituições psicanalíticas saírem do isolamento e buscarem diálogo com o feminismo, o movimento LGBTQIA+ e também com o movimento negro e a perspectiva decolonial. Acreditamos que esses encontros, marcados pelo reconhecimento da importância de outros saberes, não para uma assimilação pura, mas para a construção de um diálogo criativo na alteridade, ampliam os campos e podem permitir à Psicanálise um importante revisitar de si, em consonância com nosso tempo.

Os estudos de gênero e *queer* tem como mérito levar a psicanálise a seus limites e fazer com que ela se esforce para encontrar, nas brechas que seu saber permite, as condições de compreender o campo indefinido e sem fronteiras de gêneros e sexualidades (PORCHAT, 2021, p.32).

Certamente, isso só será possível se levarmos a cabo a radicalidade antinormativa, vocação primeira da Psicanálise, que orienta nosso trabalho clínico, oferecendo nossa escuta como ferramenta de transformação para os sujeitos das mais diversas identificações de gênero e sexualidade, por deixar aparecer, nas singularidades de cada um, aquilo que escapa a qualquer regulação das normas.

REFERÊNCIAS

- AMBRA, P. *O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no Ocidente*. São Paulo: Annablume, 2015.
- AMBRA, P. A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. In: *Periodicus: revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades*. Universidade da Bahia, UFBA. v.1, n.5, p.101-120. Salvador, maio/out., 2016.
- AULAGNIER, P. *Um intérprete em busca de sentido*. v.1. São Paulo: Escuta, 1990.
- ASSUAR, G., POLISTCHUCK, L. Psicanálise e estudos de gênero. In: *Psicanálise, Sexualidade e Gênero. Um debate em construção*. p.69-82. São Paulo, Zagodoní, 2019.
- AYOUCH, T. *Psicanálise e hibridiz: gênero, colonialidade e subjetivações*. Curitiba: Calligraphie, 2019.
- BIRMAN, J. Sexualidade na contemporaneidade. In: *Caderno de Psicanálise (CPRJ)*, v.40, n.38, p.137-159, jan/jun. Rio de Janeiro, 2018.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CECCARELLI, P. R. *Transexualidades*. São Paulo: Pearson, 2017.

- CIXOUS, H. *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- COSSI, R.K. *Corpo em obra: contribuições para a clínica psicanalítica do transexualismo*. São Paulo: nVersos, 2011.
- COSSI, R.K. *Lacan e o feminismo: a diferença dos sexos*. São Paulo: Annablume, 2018.
- DUNKER, C.L.L. Semblante, gozo e fantasia: por uma transleitura da sexuação. In: DAQUINO, M. (org.). *A diferença sexual: gênero e psicanálise*. São Paulo, 2017.
- FOUCAULT, M. *A vontade de saber. História da sexualidade*. v.1. Trad. M.T.C. Albuquerque e J.A.G. Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas*. v.6. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- _____. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Obras completas*. v.16. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- _____. Os instintos e seus destinos. In: *Obras completas*. v.12. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- _____. Psicologia das massas e análise do Eu. In: *Obras completas*. v. 15. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2021.
- _____. Sexualidade feminina. In: *Obras completas*. v.18. Trad. P.C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- GARCIA, J. C. (2009) O Eu é tudo que se tem. In: *Revista Boletim Formação em Psicanálise*. São Paulo: ano XVII. vol.XVII, jan./dez. 2009.
- IANNINI, G. LIMA, V.M. Encontros à beira do abismo: psicanálise, gênero e estudos queer. In: *Revista Cult Dossiê*. São Paulo: Bregantini. e. 270, jun. 2021.
- LACAN, J. O estádio do espelho. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- _____. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. 2 ed. Trad. A. Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2 ed. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- _____. *O seminário 20: mais, ainda*. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEGUIL, C. *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan*. Trad. Vera Avelar Ribeiro. Belo Horizonte: EBP Editora, 2016.
- PORCHAT, P. *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler*. Curitiba: Juruá, 2014.
- ROSA, M. D. *A clínica política em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta, 2018.

Formar ou deformar: reflexões sobre a formação do analista nos dias de hoje

Form or deform: reflections on the training of analysts on present days

Ana Karina Fachini Araujo

Resumo:

Este artigo surgiu do convite para ministrar a aula inaugural do Curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, cuja temática versou sobre a formação do analista ou os desafios enfrentados no decurso de uma formação. Falar ou escrever sobre a referida temática nunca é demais, sobretudo em tempos como esses, em que somos atravessados por muitos questionamentos, desde a formação em si, os efeitos da pandemia e uma graduação em Psicanálise. O artigo se divide em dois tempos: a formação do analista e a transmissão da Psicanálise. No primeiro, está presente o que é essencial para uma formação permanente e continuada. No segundo, um convite a refletir sobre a transmissão da Psicanálise e as necessárias saídas criativas para tanto.

Palavras-chave:

Formação; psicanalista; transmissão; psicanálise.

Abstract:

This article stemmed from the invitation to teach the inaugural class of the Training Course in Psychoanalysis at Instituto Sedes Sapientiae, whose theme has covered the training of analysts and the challenges faced throughout this journey. Talking or writing about the aforementioned topic is never enough, especially in times when we come across many questions, from the training itself, the effects of the pandemic and an undergraduate degree in psychoanalysis. The article is divided into two stages: the analyst's training in which the gist in the sense of a permanent and continued training is presented. And by conveying psychoanalysis, an invitation to reflect on the necessary creative outlets to do so.

Keywords:

Training; psychoanalyst; conveying; psychoanalysis.

Embora o tema da formação analítica tenha sido extensamente abordado, não me parece exaurido. Pelo contrário, tanto por sua relevância para o futuro do nosso campo quanto por ser gerador de polémicas, debates e cisões no movimento psicanalítico, considero que cada nova geração de analistas o recupera e vê-se solicitada a significá-lo à luz dos desafios que a realidade impõe (TANIS, 2018, p.29).

Este texto surgiu do convite para ministrar a aula inaugural do Curso Formação em Psicanálise. Sabe-se que é um momento especial, de retomada de nossas atividades letivas com os que estão em formação e com os que estão iniciando essa caminhada interminável. Estamos vivendo em meio a uma profusão de ideias e questionamentos que atravessam a Psicanálise e os psicanalistas, a Pandemia alterou nossa realidade de vida e de trabalho sobremaneira, desde então estamos nos reinventando e buscando saídas criativas, ao mesmo tempo em que somos procurados em nossos consultórios e nos cursos de formação. Neste contexto, nos sentimos procurados, desejados, cotejados e surpreendidos quando recentemente soubemos da aprovação do curso de graduação em Psicanálise. Tempos desafiadores e que merecem reflexão.

Embora a temática sobre a formação do analista já tenha sido exaustivamente debatida, continua sendo atual e merece que nos dediquemos a ela. Objetivo, então, dividir esse artigo em dois momentos. No primeiro, falarei sobre a formação do analista e no segundo sobre transmissão e formação, em que farei considerações sobre os cursos de formação e “graduação em Psicanálise”. Embora o texto seja escrito em dois tempos, quero salientar que eles não são excludentes, pelo contrário, dialogam profundamente entre si.

(DE)FORMAR, FORMAR E TRANSFORMAR

[...] a formação analítica deve ampliar seus horizontes sem perder a sua especificidade. [...] a formação de psicanalistas demanda uma especificidade, enfatizando a análise de quem a almeja como condição necessária, como possibilidade de abertura à ressignificação da própria subjetividade e como reconhecimento da eficácia do próprio inconsciente. Embora a análise seja condição necessária e primordial, não é suficiente quando o assunto diz respeito à formação (TANIS, 2018, p.30-31).

Um jovem analista no percurso de sua formação precisa beber nas fontes, buscar as raízes da Psicanálise e, nesse sentido, estou falando de Freud e Klein, para ter uma formação consistente e não dogmática que lhe permitirá saídas criativas para pensar-se como analista. O percurso de uma formação tem sentido quando nos propomos a formar também um sujeito ético e engajado com o pensar e fazer a Psicanálise, não no sentido de enquadrá-lo numa teoria, mas de pensá-lo como singular, único e em movimento.

Um movimento que começa pela busca do curso Formação em Psicanálise. Um curso com sua história e que fora pensado através do olhar questionador, transgressor e revolucionário de Madre Cristina em 1977, quando o Instituto Sedes Sapientiae (ISS) se tornou o primeiro espaço de transmissão da Psicanálise fora de instituições filiadas à Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Um curso cujo objetivo estava de acordo com a carta de princípios do ISS e se propunha nas palavras de Persicano (2007) ao:

[...] rompimento com o elitismo dominante no pensamento da época, de aproximação do saber à realidade social e política brasileiras, de construção de um pensamento e formar profissionais de Psicanálise, que se opusessem ao discurso e à prática dominante (p.103).

Nasce, então, o “Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica”, nota-se que o curso não foi nomeado diretamente como curso de Psicanálise por ser um ato muito ousado para época, no entanto, já caminhávamos nesta direção (VIANA, 2007). O Sedes e seu compromisso respeitoso com a pluralidade abraçou a ruptura que houve, três anos após a fundação do curso mencionado, entre Roberto Azevedo e Regina Chnaiderman. Assim, dois cursos de Psicanálise passaram a existir no Sedes, o curso do Roberto, chamado “Psicoterapia e Psicopatologia Psicanalítica” e o da Regina “Curso de Psicanálise”.

Em 1990, novas mudanças ocorreram e Roberto Azevedo deixou o curso junto com alguns colegas. Então, o grupo que permaneceu decidiu renomeá-lo tendo como premissa que: “[...] a formação do analista é permanente e interminável” (VIANA, 2007, p.133). Nasce, com isso, o “Curso Formação em Psicanálise” e quatro anos depois a fundação do Departamento Formação em Psicanálise (PERSICANO, 2007).

Alguns anos mais tarde, os docentes notaram a crescente procura pelo curso e a incapacidade de receber a todos. Então, pensaram numa maneira de acolher, preservar e incentivar aqueles que tinham transferência com o Formação. Em 1999, criou-se o Fundamentos da Psicanálise com base em três premissas, receber aqueles que tinham curiosidade sobre a Psicanálise, aqueles que gostariam de

conhecer os fundamentos da Psicanálise e os que tinham o intuito de amadurecer para chegar ao Formação¹. Maria Helena Saleme e Oscar Miguelez acompanharam de perto o desenvolvimento do Fundamentos (COLOGNESE; SALEME, 2022).

O curso Formação em Psicanálise gesta a ideia “[...] que reconhece no fazer psicanalítico um eterno vir a ser” (VIANA, 2007, p.33). A autora ainda complementa dizendo que a singularidade do curso e a diferença para o outro curso de Psicanálise é que temos um ensino profundo de Melanie Klein e seus seguidores. Retomo a ideia de que as raízes são fundamentais para que o tronco e os galhos se sustentem. Dito de outra maneira, é preciso que exista um pai e uma mãe para que se tenham filhos (CAMARGO, 2022)², ou ainda, “[...] Três pessoas são necessárias – mãe, pai e filho – para criar uma criança edipiana saudável” (GABBARD; OGDEN, 2009, p.314). Reiteramos que somente através de um conhecimento sistematizado e aprofundado desses dois autores – o casal parental da Psicanálise – é que uma formação psicanalítica se dará, sobretudo, quando pensamos em estudar outros pensadores da Psicanálise.

Por falar na “criança saudável” – a Psicanálise – temos que retomar a genialidade, generosidade e brilhantismo de Freud. Somente a partir de suas ideias é que novos desenvolvimentos puderam acontecer, e Klein foi sua seguidora fiel! Ela mesma não conseguia se nomear kleiniana por sua ligação e gratidão a Freud (PETOT, 1987-88).

Kristeva (2002, p.13) a nomeia como “[...] mãe fundadora da Psicanálise das crianças e, ainda mais, de refundadora, depois de Freud, da Psicanálise dos adultos, notadamente a das psicoses”. E ainda acrescenta sua contribuição para a clínica do autismo.

Nesse mesmo sentido, Ferro (1995) considera sua grande contribuição para a Psicanálise infantil e análise de psicóticos. Somado a isso, afirma que Klein abriu caminho para aprofundar a compreensão dos neuróticos por meio da ampliação da escuta de suas angústias. Uma mudança de vértice no sentido de alcançar pacientes que não eram os chamados “tradicionais”, revelando novos modelos nosográficos, metapsicológicos e de compreensão da mente.

Ela manteve uma troca efetiva e rica com seus alunos, estimulando-os a fazer o mesmo entre si, tal situação promoveu uma grande ampliação do seu pensamento na clínica e para além dela. Ferro (1995) destaca a fecundidade de sua contribuição por meio do pensamento estético com Hanna Segal, e eu

1 Comunicação oral de Armando Colognese Junior, coordenador, à época, do Departamento Formação em Psicanálise e de Maria Helena Saleme, docente do curso Formação em Psicanálise, em 22 de fevereiro e 04 de março de 2022 respectivamente.

2 Comunicação oral em reunião do grupo kleiniano em 02 de fevereiro de 2022.

acrescento Meltzer, entre outros. Sua extensão ao pensamento político-filosófico com Money-Kyrle, ao trabalho com grupos por Bion e às questões do cotidiano social e institucional com autores, como Elliot Jaques e Salzberger-Wittenberg. Por fim, seu aporte ao pensar sobre a guerra e a política com Fornari.

É notório o quanto a linha inglesa se expandiu a partir de Melanie Klein, “o gênio feminino” –, inclusive, psicanalistas não-kleinianos puderam beber nesse seio abundante. O autor considera que “[...] os conceitos nascidos no modelo kleiniano [...] se tornaram patrimônio do movimento psicanalítico como um todo” (FERRO, 1995, p.25).

Uma consideração se faz necessária, não podemos deixar de lado a clínica que foi para o “casal parental da Psicanálise” ponto de partida para que pudessem desenvolver suas teorias. Penso que somos pegos pelas entranhas com as nossas análises e que disparam em nós o desejo de nos tornar psicanalistas.

Não é o conhecimento das teorias que nos torna analista, mas nossa própria análise, que nas palavras de Figueiredo (2021) produzem uma experiência de amor e gratidão à própria análise e, então, abre um caminho interno para que possamos oferecer esse espaço para ser habitado pelo outro. O autor nomeia esse espaço interno de “enquadre interior”:

[...] é um espaço côncavo de hospitalidade, escavado pelo amor e gratidão à experiência de haver sido recebido, escutado e pensado no encontro com alguém que, psicanalista ou não, pôde oferecer seu próprio espaço e tempo ao sujeito (FIGUEIREDO, 2021, p.10).

É disso que se trata, do encontro precioso entre duas mentes em profundo contato emocional – experiência emocional. Retomo Freud (1937) em *Análise terminável e interminável* quando considera que podemos caminhar com nossos pacientes até onde chegamos em nossa análise, pois se estamos “cegos” para nós mesmos, como poderemos conduzi-los? (ARAUJO, 2018). Reiteramos a importância da análise pessoal como ponto de partida para a formação do analista ou do analista em contínua formação, acrescido de supervisão e uma boa formação teórica.

2. TRANSMISSÃO E FORMAÇÃO

Quando pensamos em formação, recorro a Tanis (2018), quando apresenta em seu artigo uma discussão sobre transmissão e formação. A transmissão estaria para um peso grande do passado no presente, como algo que propõe a repetição, impedindo que os analistas sejam criativos e ousados. Já na formação o “vir a ser analista” abarca os conflitos e a transformação que fazem parte desse processo. O autor afirma que esses dois modelos estão presentes em instituições e que precisam ser analisados com crítica, no sentido de que o passado não impeça o surgimento do novo, acrescento a isso que o novo não se proponha a negar a importância do passado para compreender o presente, problematizando-o e sonhando o futuro.

Retomo a história do nosso curso, em que transmissão e formação dialogam e estão entretecidas. O ato transgressor e revolucionário de Madre Cristina em criar um curso de Psicanálise fora da IPA nos ajuda a compreender o presente e a pensar o futuro que queremos. Sim, temos um compromisso nessa empreitada no sentido de estarmos abertos para o novo, mas sem que para isso precisemos rasgar e queimar o velho, trama e tessitura. Godoy (2021)³, reiteradamente em Assembleia de Professores, nos questiona enquanto curso Formação em Psicanálise: “o que queremos e para onde iremos?”.

Penso que queremos formar continuamente psicanalistas capazes de pensar e criar seu próprio pensamento sem que para isso tenham de obliterar as raízes da Psicanálise. Gabbard e Ogden (2008) nos falam que no processo de se tornar analista é preciso sonhar-se de uma maneira autêntica, o que envolve libertar-se dos analistas que passaram por nossas vidas, de nossos professores e/ou supervisores, autores que admiramos. Experimenta-se “[...] uma tensão dialética entre reinventar-se, por um lado, e utilizar a própria ascendência emocional, por outro lado” (p. 318).

Sou levada a Odgen (2014) quando discorre sobre o “parricídio amoroso”, em que nos apropriamos do que é admirável das figuras parentais, ao mesmo tempo que em rumamos para um momento de autonomia e individuação, que, em última instância, equivale à morte em fantasia de um dos pais da situação edípica (ARAUJO; CINTRA, 2020).

Os psicanalistas que ingressam na formação, os que estão na formação permanente e continuada precisam estar atentos para questões históricas que nos atravessam. Hoje, a Psicanálise é alvo de vários questionamentos. A análise

3 Comunicação oral da reunião do grupo kleiniano em 02 de fevereiro de 2022. É preciso ressaltar que esse é um questionamento feito com frequência pela autora ao grupo de professores do curso Formação em Psicanálise.

demanda tempo e investimento, os sistemas de saúde não nos veem com bons olhos. A terapia cognitivo comportamental e as neurociências estão ganhando terreno, pois dialogam muito de perto com o discurso médico curativo e corretivo. Será que somos capazes de acompanhar as novas patologias que surgem na contemporaneidade? Ainda temos que lidar com a proliferação de cursos de Psicanálise de modo aleatório. E agora uma graduação em Psicanálise!

Freud (1919) escreveu um artigo: *Deve-se ensinar Psicanálise nas universidades?*. Nele considerava honroso para a Psicanálise o fato de estar na universidade, mas o psicanalista poderia dispensar tal fato e, assim, recorrer às reuniões científicas, leituras específicas e a prática clínica. Salientava à época que o caminho para o psicanalista se dava pela experiência como paciente, como analista e sob supervisão de colegas.

As universidades estão interessadas na Psicanálise e em nós psicanalistas. Ora, ora! Qual é o sentido desse repentino interesse? Alegam que é uma forma de deselitizar a Psicanálise. E como garantir um ensino de qualidade? Penso num encurtamento de caminho, justamente do precioso caminho da formação, sustentada no e pelo “tripé psicanalítico”. Outra indagação me vem à mente: quem serão os docentes a ministrar aulas? Questões éticas também me intrigam. Muitos se dedicaram a escrever sobre esse tema nos últimos meses, inclusive, em 21 de fevereiro de 2022, recebemos um comunicado do Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras acerca da nota técnica enviada ao Ministério da Educação (MEC), documento que também nos convoca a repensar desde de dentro e desde sempre a formação do analista.

Neste cenário, a seguinte questão se faz presente: como garantir uma formação nos tempos de hoje? Neste sentido, Tanis (2018) nos ajuda a pensar e nos propõe refletir sobre cinco aspectos. O primeiro deles é convidar os analistas em formação para contarem sobre as inquietações de sua prática clínica e sobre as múltiplas possibilidades de atuação do psicanalista, ao mesmo tempo em que a metapsicologia é apresentada gradativamente, “[...] como um movimento de teorização necessário para delimitação do campo da clínica psicanalítica” (TANIS, 2018, p. 36). Outro ponto para reflexão é pensar no clima institucional no sentido de que seja um ambiente onde não haja disputas entre escolas, e sim caminhos abertos para diálogos. Num clima amistoso, poderíamos oferecer “oficinas de clínicas”, em que analistas mais experientes apresentam alguns de seus casos clínicos⁴. Aprende-se muito nesse

4 Prática comum nos eventos que realizamos no mês de outubro de cada ano sob o título de Supervisão Clínica. O evento consiste em convidar um psicanalista a apresentar um caso clínico, que é supervisionado por um docente do curso ou um psicanalista convidado também palestrante do evento.

“exercício da clínica”. E, ainda, a organização de seminários temáticos e de trabalho na clínica para que possamos escutar e aprender na pluralidade de pensar psicanalítico, que está para além das escolas, e que comporta semelhanças e diferenças.

Como terceiro aspecto, nos convida a pensar sobre a “Psicanálise e suas clínicas”. Somos convocados a acompanhar as diferentes formas de sofrimento humano. Assim, onde quer que haja sofrimento humano, há campo de trabalho para o psicanalista. Isto implica que nossa prática clínica aconteça de maneira elástica. Isso me remete à Ferenczi (1928) quando este escreve sobre a elasticidade da técnica. Precisamos preparar os que estão em formação para terem um repertório clínico para além do “tratamento padrão” ou dos “casos tradicionais”, como mencionamos. É preciso pensar na ampliação da ação da Psicanálise para onde ela é chamada a intervir. E, então, oferecermos espaços para formar analistas implicados que possam ocupá-los.

Por fim, a questão da interface entre Psicanálise, universidade e pesquisa. Aqui, Tanis (2018) aponta para o fato de que muitos buscam a pesquisa na universidade como um atalho ou substituição da formação. Os cursos de formação psicanalítica precisam debater o assunto e abrir espaço para refletir sobre a pesquisa, que em nosso entendimento, surge das inquietações de um analista no seu fazer analítico. Abro um parêntese para compartilhar com vocês sobre minha experiência nesse contexto. No quarto ano do formação, muito intrigada com dois casos que tinham um funcionamento em comum, comecei a pensar sobre a identificação projetiva e contratransferência, com essa temática ingressei no Doutorado para aprofundar ainda mais o assunto. Sempre da clínica para a teoria que o pensamento da linha inglesa se deu.

Retomando a questão do percurso da formação analítica, apresento as considerações de Somensi (2021):

[...] o futuro analista seria capaz de compreender a especificidade do ser psicanalista, a partir de seu ponto nodal – o sujeito do inconsciente. Entendo que não perder de vista a especificidade, o alcance, bem como os limites da psicanálise é fundamental para poder refletir sobre diferentes clínicas, dialogar com outras áreas do conhecimento, compor equipes interdisciplinares etc.

Pensamos na formação ampliada, sem perder sua essência. Sampedro (2005, p. 463) nos apresenta uma passagem que gostaria de deixar como reflexão: “Ao longo de minha vida sempre foi mais claro o que não queria e o que não deveria, e é a partir dessas rejeições que venho chegando ao que sou ou acredito ser”⁵. Faço um paralelo com o autor, a Psicanálise e a formação do analista. Podemos não saber muito bem o caminho, mas precisamos ter claro o que não queremos e não devemos nesse percurso, penso que estamos falando da essência de cada um de nós e da especificidade da Psicanálise e do psicanalista.

5 Tradução livre da autora. “A lo largo de mi vida siempre he tenido más claro lo que no quería y lo que no debía, y es a partir de esos rechazos como he ido llegando a lo que soy o creo ser”.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. K. F. *O renascimento psíquico vivido em análise*. 2018. p.115. (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica). Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.
- _____; CINTRA, E.M.U. Uma leitura do Complexo de Édipo em Freud, através de Loewald e Ogden. In: *Boletim Formação em Psicanálise*. São Paulo, v.1, n.1, p.77-88, 2020.
- FERRO, A. Um rápido zoom sobre os modelos teóricos. In: *A técnica na psicanálise infantil. A criança e o analista: da relação ao campo emocional*. p.15-34. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FERENCZI, S. (1918). A elasticidade da técnica. In: *Obras completas*. São Paulo, v.3, p.29-42. Martins Fontes, 2011.
- FIGUEIREDO, L.C. Um pressuposto básico para servir de introdução. In: *A mente do analista*. p.9-13. São Paulo: Escuta, 2021.
- FREUD, S. (1923). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Moisés e o monoteísmo, esboços de psicanálise e outros trabalhos*. v.23, p.225-270. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1919). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: *Obras Completas. História de uma neurose infantil. O homem dos lobos. Além do princípio do prazer e outros trabalhos* (1917-1920). v.14, p.377-381. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GABBARD, G.O. OGDEN, T.H. Sobre tornar-se um psicanalista. In: *Int. J. Psychoanal*, v.90, p.311-327. 2009.
- KRISTEVA, J. O século da psicanálise. In: *O gênio feminino: a vida, a loucura e as palavras. Tomo II. Melanie Klein*. p.13-22. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras. *Acerca da nota técnica enviada ao Ministério da Educação*. Disponível em: <http://sedes.org.br/Departamentos/Formacao_Psicanalise/dfp/formacao-psicanalise/>. Acesso em: 11 de julho de 2022.
- PERSICANO, M.L.S. (2007). Dos cursos de psicoterapia psicanalítica e de psicopatologia e psicoterapia ao Departamento Formação em Psicanálise: uma reflexão crítica sobre o destino de um nome. Uma história transgeracional. In: *Boletim Formação em Psicanálise*, v.1, n.1, p.99-128. São Paulo, 2007.
- PETOT, J.M. *Melanie Klein*. v.1. São Paulo: Perspectiva, 1987-88.
- SAMPEDRO, J.L. *Escribir es vivir*. Madri: Areté, 2005.
- SOMENSI, T.C.D. *Alicerces da formação psicanalítica: algumas considerações*. Material de aula 20 de setembro de 2021. Instituto Sedes Sapientiae: São Paulo, 2021.
- TANIS, B. A formação psicanalítica: especificidades e transformações. In: *Jornal de Psicanálise*, v.5, n.95, p.29-41. 2018.
- VIANA, S.A. Difusão da psicanálise: um olhar sobre a transmissão. In: *Boletim Formação em Psicanálise*, v.1., n.1. p.129 -138. São Paulo, 2007.

Formação em Psicanálise – Formação do analista*

Psychoanalysis training – Psychoanalyst training

Armando Colognese

Resumo:

Este trabalho trata da formação do psicanalista. O cuidado com sua preparação tanto no nível teórico como no clínico, mas, principalmente, no pessoal.

Palavras-chave:

Formação; psicanálise.

Abstract:

This work is about psychoanalysis formation. It's included your personal preparation care, in both aspect : theoretical level and clinical level. Within focus in Personal aspect.

Keywords:

Training; psychoanalysis.

* Este trabalho foi inspirado na *Masterclass*, proferida no Instituto Deep – Projeto *Diálogos abertos: de dezembro a dezembro – luz na escuridão*, em 29 de janeiro de 2022.

A formação em Psicanálise sempre foi um tema discutido, desde os primórdios da Psicanálise e pelo próprio Freud. Vários foram e são os incentivos para que essa questão esteja sempre presente nos grupos de psicanalistas.

De início, Freud formou o grupo inicial de psicanalistas, orientando-os. Depois, aconselhou os médicos e iniciantes da prática da Psicanálise. Ainda teve a oportunidade de defender a prática da Psicanálise por leigos – termo usado por ele, para a definição da época, daqueles que não eram formados em Medicina.

Hoje em dia, temos nos deparado com a mesma questão vinda de outra forma, ou seja, regulamentar a Psicanálise, torná-la uma profissão. Desde sempre algumas questões básicas sobre “ser psicanalista” se mantêm: o fato de não ser uma especialidade da Medicina nem da Psicologia; também não é ciência (no rigor do conceito); muito menos, religião, misticismo ou coisa que o valha. E o que é? É Psicanálise. É investigação dos processos mentais. É tornar consciente as ideias inconscientes. É substituir os atos mentais inconscientes por atos mentais conscientes.

Desde Freud e defendido por ele mesmo, vemos que a formação de um psicanalista passa pelo tripé contínuo: fazer análise – ter análise pessoal; estudar a teoria psicanalítica, como também a teoria da técnica psicanalítica; supervisionar-se, ou seja, ter acompanhamento e análise do próprio trabalho como psicanalista. Trata-se de uma compreensão simples e óbvia para quem já fez Psicanálise e se tornou psicanalista.

Vamos observar que nos textos de Freud essas questões estão postuladas desde sempre e com a mesma coerência. Texto sobre a Psicanálise e o método psicanalítico, de 1913. Textos sobre a técnica psicanalítica, de 1911 a 1914. *A questão da análise leiga*, de 1926 e o pós-escrito, de 1927, *O futuro de uma ilusão*, também de 1927 e, ainda, *O mal-estar na civilização*, 1930. Apenas para citar o que, penso eu, são os mais importantes sobre a questão.

O pós-escrito foi para ratificar a posição de defesa do Dr. Theodor Reik, que depois de ter sido denunciado como charlatão, teve as acusações retiradas por falta de provas sustentáveis. Freud afirma que charlatão não é o profissional que não tem o diploma de médico e exerce a função de psicanalista, e sim aquele que não se qualificou para ser psicanalista.

Quero recomendar aqui os livros, em dois volumes, elaborados pelo grupo Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras, que tanto me orgulho de ter participado da primeira reunião informal, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, em junho de 2000, além de ter sido participante quando da fundação e oficialização do grupo.

Quero lembrar também do esforço de Freud para manter a Psicanálise como um ofício e não profissão, e de sua luta para manter os conceitos e preceitos que mantêm a Psicanálise até hoje possível do exercício de psicanalisar.

Resistiu a ruptura com Adler, 1912; Jung, 1913 e as várias controvérsias, por exemplo, com Reich. E ainda que seja o próprio fundador da Psicanálise, em 1930, no texto *O mal-estar na civilização*, Freud cita que há três tarefas impossíveis de se realizar até o fim: educar; governar e psicanalisar. Claro, para falar o mínimo, o inconsciente é inesgotável!

Você não se tornará um psicanalista porque quis (não se trata de realização de desejo); ou leu Freud, mesmo que alguém o tenha ajudado a ler a obra completa de Freud (não se trata de cultura literária ou coletânea de informação). Seu desejo, associado à(s) sua(s) aptidão(ões), esforços pessoas e seguir o caminho continuado de contemplar o tripé o colocará no rumo da formação, mas ainda não basta!

Muitos esforços pessoais, muitas elaborações sobre seus limites e controle dos seus desejos deverão acontecer. Uma mente aberta que aceita o não saber, o não conhecer de modo inesgotável. A suportabilidade frequente dos momentos em que será desafiado a dar respostas e a prometer “a cura”.

Não buscamos dados palpáveis e concretos com pesquisas. Não buscamos crenças, certezas, que classificam situações como certas ou erradas. Não formamos grupos religiosos ou partidários.

O psiquismo é substantivado pela legitimidade de seu desejo. Por isso, a Psicanálise não pode ser adjetivada, ela não tem dono. Dialeticamente, toda crença implica em não acreditar em outra coisa.

Freud admitiu que havia mais que um córtex cerebral dentro da cabeça. E mesmo que pensadores, filósofos e poetas intuíram, anteriormente a Freud, a existência do inconsciente, Freud não o fez acreditando numa face oculta da consciência, ou um modo romântico da alma (“coração”). As descobertas que o pai da Psicanálise fez, foram com base em um trabalho de observação, formulação, estudo revolucionário com muita precisão na sua formulação, proveniente da elaboração de uma prática clínica original. Levar o sujeito a perceber-se como sujeito; o específico da condição humana que desvenda, revela nossa condição como sujeitos, presos a impulsos e sobre-determinações.

A partir do momento em que o inconsciente foi formulado como a Psicanálise o fez (século XIX), acaba-se por impor uma mudança radical na concepção que o homem pode fazer sobre si mesmo. Jean Paul Sartre no prólogo do filme *Freud além da alma*, escreveu, parafraseando o mestre:

O ser humano sofreu três grandes abalos no seu narcisismo (amor-próprio). Primeiro com Copérnico, quando ele demonstrou que a Terra não era o centro do Universo, diminuindo a importância do planeta em

que vivemos; segundo foi Darwin, quando demonstrou que somos parentes descendentes de seres inferiores e terceiro Freud, com o advento do inconsciente.

Em nossa busca por oferecer espaço mental que contribua para que o analisando encontre meios de transformar atos inconscientes em manifestações conscientes, temos ainda que lidar em não nos afastarmos da teoria e da técnica. Manter sustentáveis os três pilares que constituem a Psicanálise: o inconsciente; as pulsões; a transferência (a relação de objeto, muito embora busquemos espaço para a percepção do objeto da relação). Sem nos esquecermos de manter vivo e próximo os conceitos a serem considerados sempre: o topográfico, o dinâmico e o econômico. Nada disso se aprende na escola, apenas lendo.

Simbolicamente, metaforicamente, ninguém se torna cirurgião teórico (apenas teoricamente). Não há regulamentação possível que torne teórica a prática psicanalítica ou que nos engesse em nossa liberdade e individualidade. Um dos precursores da Psicanálise no Brasil, Dr. Durval Marcondes, numa entrevista nos contou – reproduzo parte dela a seguir.

Pergunta. A peculiaridade de São Paulo aceitar candidatos não médicos para formação tem algo a ver com este primeiro núcleo de trabalho na Higiene Mental?

Resposta. Eu acho que tem, mas não só. Em primeiro lugar, a causa disto é que Freud pensava assim. E eu queria seguir Freud o quanto se podia. Nos Estados Unidos, é que se criou esta história de Psicanálise ser privativa dos médicos. Foi uma atitude política dos americanos. É que a Associação Médica Americana tem grande força política e os psicanalistas resolveram se escudar nesta instituição. Nos Estados Unidos, isto não faz muito mal, porque aqueles psicólogos que não pertencem à Associação Psicanalítica Americana são, em geral, respeitados, fazem análise com analistas da Associação e até publicam trabalhos em revistas de renome, sendo citados frequentemente pelos analistas médicos.

Eu achei que aqui, deveríamos incluir psicólogos também, pois, no cenário internacional, os psicanalistas não médicos não fizeram nenhum mal à psicanálise. Basta mencionar dois nomes famosos, como Melanie Klein e Anna Freud. Aliás, Freud no seu trabalho sobre análise leiga faz algumas piadas, como dizer que, para o psicanalista não há nenhuma vantagem em conhecer a anatomia

dos ossos do tarso. Eu não estou muito de acordo com ele nisto, pois a anatomia dos ossos do tarso nos diz alguma coisa a respeito do organismo humano. Mas, também, não sejamos tão radicais.

Eu nunca entendi porque só os médicos é que poderiam ser psicanalistas. Em São Paulo, os médicos, com raras exceções, não aceitavam a Psicanálise. Os psicólogos, que ainda não eram bem psicólogos, porque naquele momento se estava apenas criando essa nova profissão entre nós, a aceitavam. No ambiente da Seção de Higiene Mental Escolar, que eu havia fundado, foi se formando um centro espontâneo de discussão de temas psicanalíticos, onde os psicólogos tinham grande presença. Mas, a inclusão dos psicólogos no movimento psicanalítico de São Paulo não teve apenas essa causa. Valeu, sobretudo, minha decisão inabalável de que não nos devíamos curvar, neste ponto, à orientação de nossos amigos americanos. Não éramos colônia deles.

A situação do Rio de Janeiro tem sido um tanto perigosa, porque, ao rejeitar gente de capacidade que tanto pode aderir a outros movimentos, como ir ao estrangeiro para ter sua formação analítica, criar-se-ia, a meu ver, uma situação que acarretaria a perda do controle do movimento psicanalítico no Brasil.¹

(Entrevista com Dr. Durval Marcondes sob o Título *Trajectoria Modernista*. Texto final de Raquel Nelken e Luiz Carlos U. Junqueira Filho)

Por ser Psicanálise um estudo da mente e atitudes do humano, psicanalisar é um ofício e não uma profissão.

1 Revista ID, ano 4, n.6.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1911). O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1912). A dinâmica da transferência. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913). O método psicanalítico. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915). Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1919). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.17, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1926). A questão da análise leiga. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.21, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.20, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. Pós escrito sobre a absolvição (retirada das acusações) de Theodor Reik. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.20, Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v.21, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MARCONDES, D. Trajetória Modernista. Entrevista. Org.: Raquel Nelken e Luiz Carlos U. Junqueira Filho. *Revista ID*. ano 4, n.6, 1978.

PERES, U.T. *A Formação do Psicanalista*. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/textos/perez_uranio_tourinho-formacao_do_psicanalista.shtml. Acesso em: 15 de agosto de 2022.

A perversão como defesa contra o não-dito: implicações no manejo da contratransferência

Perversion as defense against the unspoken: implications on the management of countertransference

Aline Choueke Turnowski

Resumo:

O presente artigo trata de um caso atendido em consultório. Inicialmente, o paciente possuía características típicas de uma estrutura perversa. Ao longo do atendimento e confecção do artigo, foi surgindo a hipótese de que os comportamentos perversos seriam uma construção defensiva contra angústias de aniquilamento e morte, provenientes de um silêncio mortífero sobre o passado dos pais na Segunda Guerra Mundial. Foi também pensada a possibilidade de manejo da contratransferência diante do horror causado pela história e pelo silêncio.

Palavras-chave:

Perversão; defesa; confusão de línguas; contratransferência.

Abstract:

The present work is based on the case of a patient seen in the consulting room, who at first was considered as having a perverse structure. Throughout the analysis process and the elaboration of this work a new hypothesis has arisen, that is the perverse behavior would be a defensive construct against annihilation and death anxieties, caused by a deadly silence about the past of his parents in the Second World War. The possibility of handling countertransference in the face of the horror caused by the history of silence was also considered.

Keywords:

Perversion; defense; confusion of tongues; countertransference.

A PERVERSÃO COMO DEFESA CONTRA O NÃO-DITO¹

O presente artigo traz um recorte da minha monografia de conclusão de curso, que tem por objetivo fazer uma reflexão sobre um caso atendido em meu consultório há alguns anos. Proponho, neste trabalho, pensar a perversão como defesa contra um não-dito diante de um trauma transgeracional. Chamarei aqui o paciente pelo nome Marcelo.

Vários indícios me levaram, durante os atendimentos, a enxergar Marcelo como perverso. Seu comportamento sexual promíscuo, seu modo de lidar com as regras, o fato de usar as pessoas como objetos e uma relação sádica com a esposa me levaram a essa conclusão, mas havia também o modo como ele colocava a analista, inicialmente, como *voyeur* de suas cenas sexuais e, depois, como personagem de suas fantasias, o que acabou por paralisar a possibilidade de análise, por necessidade de defesa da analista.

Em busca de pensar a respeito da possível perversão de Marcelo, faço aqui algumas breves considerações teóricas sobre como a Psicanálise vê esse modo de funcionamento. Muito importante frisar que não se trata apenas de falar em estrutura ou questioná-la, mas também do sofrimento que começou a se apresentar em Marcelo, uma vez que seus comportamentos o mantinham nesse lugar.

Em *A divisão do ego no processo de defesa* (1940[1938]), Freud descreve o processo de clivagem do ego, que estaria presente no modo como o perverso recusa a castração. Na ocorrência de um trauma psíquico, de uma situação de perigo iminente, o ego precisa decidir entre reconhecer o perigo, renunciando à satisfação pulsional, ou ignorar a realidade. A criança, ante à percepção da castração, responde ao conflito com duas reações contraditórias.

Por um lado, com o auxílio de certos mecanismos, rejeita a realidade e recusa-se a aceitar qualquer proibição; por outro, no mesmo alento, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico e subsequentemente tenta desfazer-se do medo (FREUD, p.293).

É desta forma que se dá a clivagem do ego, em que o objeto fetiche surge como substituto para o pênis não existente nas mulheres, o que permite não dar crédito à angústia de castração, evitando assim, que sinta culpa por suas fantasias masturbatórias. Mas a recusa se caracteriza por uma atitude dupla:

1 Optou-se por manter o hífen no termo 'não-dito' para preservar o estilo da autora.

é justamente porque a fantasia de castração acossa o sujeito que ele se vê obrigado a se defender, via fetichismo.

De acordo com Colognese, Freud compreende:

[...] a recusa da realidade como mecanismo de defesa das perversões, assim como a necessidade da burla, enganação, mentira e supervalorização narcísica, ficam como conotações típicas das perversões (2003, p.79).

Assim, podemos pensar que Marcelo é perverso, pois ele tem todas as características: não reconhece a castração da mãe (que morreu quando quis, pois tentou se matar, mas morreu do coração quando estava recuperada da tentativa), nem a própria (passou cheque sem fundo em nome da filha, sem entender o motivo dela ter ficado brava, não entendeu uma multa por estacionamento proibido), só pode ter satisfação através de fetiche (mulheres casadas e jovens), cisão do ego diante de um trauma (silêncio), burla, mentira e supervalorização narcísica.

Marcelo possuía uma relação extremamente afetuososa com sua neta, o que me fez questionar a perversão como estrutura. Como não possuía a característica de utilitarismo desta, comecei a pensar em como seria a perversão em Marcelo.

A história familiar do paciente foi pouco falada durante o tempo em que estive em análise. De forma breve e no início dos atendimentos me contou que era filho de dois sobreviventes do Holocausto, que haviam perdido famílias na guerra, fato que praticamente não era mencionado para o menino; havia um silêncio mortífero acerca da tragédia. Levanto a hipótese de que a perversão do paciente seja uma defesa contra o trauma provocado por um horror transgeracional, tratado como se nada houvesse ocorrido.

Durante vários meses iniciais da análise, Marcelo relatou sucessos e frustrações de suas aventuras sexuais, com frequência em riqueza de detalhes. O fato dele ter começado a colocar a analista como personagem de suas fantasias paralisou a análise. Houve um princípio de vínculo, mas a análise com uma analista que não suportou o horror pode ter sido tão traumática para ele quanto o silêncio; pode ter ocorrido uma confusão de línguas (Ferenczi, 1932) entre paciente e analista, o que levou à paralisação e consequente interrupção da análise.

De acordo com Colognese (2003, p.79), para Klein “a perversão não tem um mecanismo específico: são pessoas com alteração na sexualidade”. É uma luta contra as ansiedades primitivas, e em última instância, uma luta contra a angústia de aniquilamento. Colognese também afirma que:

No perverso veremos muitos movimentos, mas não mudanças. É porque o perverso está tentando evitar uma dor maior, mas fará de tudo para nos convencer, na transferência, ou a qualquer um na rotina do cotidiano, que a dor é necessária, que o prazer, mesmo envolvendo risco, compensa. A luta está contra a fragmentação patológica. Para isso é necessário que se monte a cena da sedução, do golpe de esperteza, do saber indiscutível, estados mentais onipotentes que garantam mesmo violando o bom-senso, a lógica, a lei (2003. p. 81).

De acordo com Melanie Klein (1927), o alicerce das perversões, assim como da neurose obsessiva e das psicoses, está no momento do surgimento de sentimentos sádico-orais associados aos objetos de amor. As fantasias são de que o pai ou o próprio menino: “(...) esfaçalha a mãe, espancando-a, arranhando-a, cortando-a em pedaços, são exemplos de uma concepção infantil da relação sexual.” (p. 200). Essas fantasias agressivas e destrutivas são postas em prática por criminosos adultos, apesar de estar presente em todas as crianças, em suas brincadeiras.

Ainda de acordo com Klein, o superego do perverso não é menos severo que os outros, mas funciona de outra maneira; permite que algumas tendências sejam mantidas para que outras mais censuráveis não surjam. Estas tendências mais censuráveis seriam as que se referem ao complexo de Édipo; o que parece inibição das tendências, na realidade não é. É efeito de um superego extremamente rigoroso, mas que age de uma maneira diferente. Não é que falte superego; é uma presença excessiva deste que gera a ansiedade e leva a atacar o outro, porque o outro passa a ser visto como ameaça. Penso que algo desse tipo se passou com Marcelo.

A confecção deste trabalho me trouxe uma possibilidade de reencontro com a humanização deste homem, que no início era uma coleção de comportamentos perversos que me deixavam, a analista, em uma situação tão traumática quanto a dele.

Um dos pontos que mais chamou minha atenção durante a confecção do trabalho a respeito da história de Marcelo, que pode ser fundamental na constituição das defesas perversas por ele utilizadas, é a história de sobreviventes de guerra, de horror, de tragédia vivida por seus pais.

Segundo relatava, os horrores vividos por seus pais não eram falados, sendo que tudo o que ele podia contar era que seus pais haviam perdido familiares diretos. Ficou em mim a sensação de que Marcelo foi o filho dos

sobreviventes, e de que talvez ele tivesse sido criado em um ambiente no qual bastava estar vivo, no qual o primordial era sobreviver. Isto tudo não havia chamado minha atenção durante os atendimentos; mantinha-se o imperativo do silêncio, enquanto a perversão ocupava toda a cena, o que é um indicativo de que fosse uma defesa em forma de busca pelo horror.

O pai de Marcelo era um homem mais velho e doente; provavelmente a mãe vivia em uma luta por manter o filho vivo, por mantê-lo alimentado, vestido, aquecido, mas talvez tenha faltado um olhar, investimento libidinal necessário para a constituição do psiquismo. De acordo com Ferraz (2002), falando do trabalho de Masud Khan, a mãe do perverso realiza intensos cuidados pessoais de forma impessoal. Trata o filho como mais maduro, provocando desenvolvimento egoico precoce.

O menino era mantido sempre com suas necessidades básicas atendidas, mesmo seu pai tendo falecido quando ele ainda era novo; mãe lutadora, batalhadora, “fazedora”. Mas enquanto tudo isso era realizado, havia algo sobre o qual não se falava, mas que poderia estar ocupando a mente da mãe constantemente: os mortos, a luta pela sobrevivência e o medo.

É de uma realidade onde a humanidade do outro foi destruída, e o assassinato não foi entendido como crime, e sim como solução; que os pais de Marcelo sobreviveram. Provavelmente também por questão de sobrevivência, isso não foi falado, mas foi transmitido, tendo se tornado traumático para o garoto desde os seus primeiros momentos de vida, de certa forma fazendo parte de sua história pessoal, mas ao mesmo tempo não o fazendo de forma explícita: uma herança transgeracional; algo transmitido de forma silenciosa.

Todo ser humano é depositário de uma história individual que é relacionada à história coletiva, mas quando essa relação é omitida, o indivíduo fica abandonado em uma solidão, não há inscrição simbólica do horror da realidade. No caso da família em questão, não houve o testemunho, não houve a transmissão que oferece “ao indivíduo a possibilidade de testemunhar sobre si próprio, permitindo-lhe reconhecer a história à qual pertence, assumindo dessa maneira a responsabilidade por si próprio” (KOLTAL, 2009, p.147). Quando há uma interrupção da transmissão, como neste caso, esta procura uma outra via de inscrição, muitas vezes nas gerações seguintes.

Em *Los degradados, para fora, para baixo, morte, o trauma transmitido e inflingido, conforme foi encontrado na análise de uma menina de 6 anos* (2005), James M. Herzog afirma que:

A mente de uma criança desenvolve-se refletindo as diferentes realidades de seus pais: quem são e com o que se debatem. Ela coloca dentro de si o estado

emocional de sua mãe e o de seu pai e observa como ambos funcionam juntos. Quando eventos históricos do passado e do presente estão muito próximos, seu impacto é tão imediato que impede uma compreensão e uma integração adequadas e estas situações se tornam também uma parte do mundo interior da criança (HERZOG, p.76).

O que não foi metabolizado pelos pais e a família é transmitido como trauma para a criança. Frequentemente ela apresenta o desenvolvimento precoce de algumas funções, como a linguagem, mas também da capacidade de conter, representar, disfarçar ou lidar com as situações nas quais um dos pais ou ambos não foram capazes de protegê-la. Marcelo, nesta situação de não transmissão, pode ter desenvolvido precocemente algumas dessas funções; pode ter tido a necessidade de se proteger sozinho muito cedo. Ele iniciou muito precocemente sua vida sexual, e seus amigos eram sempre mais velhos; isto indica um possível amadurecimento precoce.

Sandor Ferenczi, em *Confusão de línguas entre adultos e a criança* (1932) traz em sua obra uma original teoria do trauma, que está alicerçada na ideia do desmentido. Este é a negação por parte de um adulto que ouve a criança, de que esta sofreu um abuso, dizendo a ela que nada aconteceu ou que o acontecido não tem importância, ou ainda, que se trata de uma fantasia. Este desmentido toma um contorno traumático e desestruturante para a criança, fazendo com que esta não confie mais em sua percepção. Para que ocorra um trauma, é necessário que o indivíduo que o sofre não consiga se defender e que haja um desmentido.

É possível considerar a hipótese de que houve um desmentido sobre a percepção da criança de que algo muito ruim ocorreu, e que um adulto diz não ser importante ou trata como fantasia. Nessa família, talvez o silêncio mortífero tenha se tornado esse desmentido; havia nele uma percepção de que uma tragédia havia ocorrido, mas ao não ser conversada, essa tragédia percebida pode ter tomado um contorno traumático. Nem é necessário dizer o quanto um bebê está indefeso ao evento traumático, impossibilitado de defesa. Porém, este tem uma mínima possibilidade de reação, caso contrário pereceria.

Uma importante consequência do trauma é a identificação com o agressor (FERENCZI, 1933), mecanismo que ocorre quando a criança reage pela identificação ansiosa com a ameaça. Dessa forma, a violência deixa de existir na realidade e passa a ser intrapsíquica. A consequência disto pode ser uma maturidade precoce, própria dos adultos, e “um comprometimento da capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, que se faz acompanhar de uma dificuldade

de expressar afetos de amor e de ódio e de uma diminuição da potência para se afirmar de modo singular” (KUPERMAN *apud* OSMO e KUPERMAN, 2012).

A criança de quem se abusou converte-se num ser que obedece mecanicamente, ou que se fixa numa atitude obstinada; mas não pode mais explicar as razões dessa atitude. Sua vida sexual não se desenvolve ou assume formas perversas [...] a personalidade fracamente desenvolvida reage ao brusco desprazer, não pela defesa, mas pela identificação ansiosa e introjeção daquele que ameaça e agride (FERENCZI, p.103).

É possível que algo desta ordem tenha ocorrido com Marcelo, a partir da invasão traumática do silêncio mortífero, ele se identificou com o agressor, o soldado nazista, que vê os outros com indiferença, desumanizados, como simples objetos a serem utilizados e descartados; eliminados, mortos, dizimados. Tornou-se incapaz de amar e de ser afetado pelos outros.

Podemos pensar, com base no que vimos até aqui, que o não-dito a respeito do sofrido pelos pais pode ter sido vivenciado como um trauma extremamente violento para a criança criada no silêncio. Ele precisou se defender desta invasão traumática sozinho, o que levou a um desenvolvimento precoce de várias funções e também pode ter levado à organização de defesas perversas para garantir a sobrevivência contra angústias de aniquilamento e morte. O fato de ele ter impossibilitado a analista de se dar conta do trauma do nazismo antes do término da análise talvez também faça parte do disfarce para manter longe o sofrimento. A sessão se enche de perversão, paralisa a escuta da analista e a dor fica intocada.

No caso de Marcelo, foi possível perceber a presença de sadismo na relação com a esposa, no sexo um tanto agressivo, em provocar incômodo na analista. De acordo com Klein (1927), o superego de indivíduos como Marcelo é extremamente severo. Na transferência, eu pensei ser possível que Marcelo não tivesse reprimido o sadismo que demonstrava na vida para que a força repressora ficasse focada em reprimir o desejo edípico do menino, que se via entre uma mãe séria, mas cheia de potência, um pai idoso e doente, e um fantasma de silêncio familiar aterrorizador. Houve identificação com o agressor (Ferenczi), com o soldado nazista que trata seres humanos como objetos. As defesas perversas tiveram a função de garantir a sobrevivência; porém essa agressão não havia sido sofrida por ele, mas por seus pais e antepassados.

Considero a hipótese de que a perversão de Marcelo tenha se constituído como uma forma que ele encontrou para se defender do trauma por ele sofrido

em sua infância. Trauma decorrente do silêncio mortífero de seus pais em relação aos horrores por eles sofridos nas mãos dos nazistas. O não-dito acabou se tornando parte de sua história pessoal, mas não de forma explícita, o que fez com que ele tivesse sentido um horror que não teve inscrição possível. A criança que ele foi, filho de uma mãe extremamente batalhadora e fazedora, não pode lidar com o desmentido que o que não era dito se tornou.

Com base no conceito de contratransferência, irei tecer considerações sobre como a perversão defensiva de Marcelo paralisou a analista, impedindo que houvesse um trabalho contratransferencial do material bruto projetado. Sem esse manejo da contratransferência, a angústia tomou todo campo analítico, impossibilitando a continuidade da análise.

O MANEJO (OU NÃO) DA CONTRATRANSFERÊNCIA

A contratransferência é um dos principais conceitos a serem pensados quando se fala em clínica psicanalítica, pois ela pode se tornar um instrumento para o analista ou paralisar completamente a análise. No caso de Marcelo, foi possível perceber o surgimento de um vínculo incipiente. Poderia se pensar, então, no surgimento da transferência e, a partir disso, de uma resposta contratransferencial por parte da analista.

No texto *A técnica psicanalítica*, de 1919, Ferenczi traz um tópico sobre o domínio da contratransferência, no qual diz que o analista “jamais deve abandonar-se aos seus afetos, pois o fato de estar dominado por afetos, ou mesmo por paixões, constitui um terreno pouco favorável à recepção e assimilação dos dados analíticos” (FERENCZI, p.416). Contudo, como este é um ser humano, o analista deve, por um lado, observar o paciente e seu comportamento e, por outro, controlar a própria atitude, ou seja, controlar a contratransferência. A condição para isso é que o analista tenha sido analisado.

Quando o psicanalista aprende a “controlar” a contratransferência, corre o risco de tornar-se extremamente duro e inacessível ao paciente, o que geraria uma resistência à transferência. Assim, o trabalho do analista parece trazer exigências contraditórias; por um lado, o analista deve dar livre curso às suas associações e fantasias e, por outro, deve examinar com atenção o material fornecido pelo paciente e por ele próprio.

Em *Confusão de línguas entre o adulto e a criança* (1933), Ferenczi fala sobre a situação analítica. Pode ocorrer que o paciente se identifique com o analista ao invés de acusá-lo de haver cometido erros ou de confrontá-lo. A crítica ao analista só se torna possível se houver por parte deste permissão expressa ou encorajamento para tal. O analista deve investigar, além de episódios desagradáveis do passado, as críticas recalçadas ou reprimidas a ele endereçadas pelo paciente. Isso pode levar o analista a se defrontar com suas próprias

resistências; deve ser muito bem analisado para lidar com o ódio e desprezo que as associações do paciente podem trazer. E também deve poder admitir seus erros, para obter a confiança do analisando.

A partir das observações de que a contratransferência seria uma fonte de dificuldades, Paula Heimann escreveu seu importante artigo *Sobre a contratransferência* (1950). Verificou que muitas vezes os analistas sentiam-se culpados por ter sentimentos por seus analisandos, evitando, assim, qualquer resposta emocional, o que os mantinha insensíveis e distantes. Essa distância pode ser justificada na literatura psicanalítica, que em muitos lugares propõe que sentimentos do analista em relação ao paciente são obstáculos a serem superados.

No texto de 1950, Heimann usa o termo ‘contratransferência’ para falar dos sentimentos que o analista tem em relação ao paciente e que não pode escolher não sentir. De acordo com a autora, o uso de “contra” sugere fatores adicionais à transferência por parte do analista.

Minha tese é a de que a resposta emocional do analista para com seu paciente na situação analítica representa uma de suas principais ferramentas de trabalho. A contratransferência do analista é um instrumento de pesquisa para penetrar no inconsciente do paciente (HEIMANN, 1950).

A suposição básica da autora é a de que o inconsciente do analista capta o do paciente. “Essa harmonia a nível profundo vem à superfície na forma de sentimentos que o analista percebe em resposta ao paciente, na sua ‘contratransferência’. Essa é a forma mais dinâmica pela qual a voz do paciente o alcança” (1950). Porém se as emoções são violentas, elas podem levar o analista mais para a ação, o que fará com que ele se perca em seu objetivo.

“Deste ponto de vista, a contratransferência do analista não é apenas uma parte muito importante da relação analítica, mas é uma criação do paciente, é parte de sua personalidade” (1950). Quando o analista tem bem trabalhados em sua própria análise os seus conflitos e suas ansiedades, não vai atribuir ao paciente o que não é dele.

Money-Kyrle (1956) também trata a contratransferência como algo que tem causa e efeito no paciente; como algo a ser nele analisado. Isso não implica que tenha deixado de constituir um obstáculo. O autor fala sobre contratransferência normal, situação na qual o paciente fala, o analista se identifica introjetivamente e, entendendo o paciente, reprojeta e interpreta. Desta forma surgem “interpretações efetivas que o ajudam a responder com outras associações que, por sua vez, podem ser compreendidas” (MONEY-KYRLE, 1956, p.37).

No entanto, a contratransferência não é contínua, pois não há analista onisciente. O analista falha quando o paciente se aproxima de um aspecto ainda não compreendido do próprio analista; falha por sua própria neurose, em consequência da severidade de seu superego. Então, o material fica obscuro. Falha também porque há certos pacientes com os quais o analista tem dificuldade de manter contato. Esta situação gera um aumento de ansiedade, que tem por consequência diminuir ainda mais a compreensão.

De acordo com Zimerman, em *Bion: da teoria à prática* (1995):

[...] Bion alerta que o maior risco de uma análise é não só o estabelecimento de um conluio de calmaria e acomodação [...] como também de um resultado analítico que se respalde e pactue com uma recíproca fascinação, que pode estar refletindo uma submissão do paciente [...] (ZIMERMAN, p.201).

Já Viana (1993, p.49) delinea a contratransferência, segundo dois aspectos: o primeiro como condição de escuta do analista e o segundo como perda de linguagem; emergência de uma angústia siderante e mortífera. No segundo caso, ocorreria uma falha no desenvolvimento da linguagem criativa,

E é exatamente nesse momento, onde a experiência emocional do analista foi atravessada pela angústia contratransferencial siderante e mortífera, que a contratransferência deixa de ser condição de escuta e de linguagem, porque denuncia um movimento transferencial do analista (VIANA, 1993, p.55).

Com base no que lemos nos autores citados, podemos pensar sobre a dificuldade clínica que é lidar com a contratransferência; por um lado devemos reconhecê-la em nós e por outro saber que é material trazido pelo paciente. Tentar manter a neutralidade e a distância do analisando para que não ocorram respostas emocionais por parte do analista pode fazer com que o analista evite perceber a contratransferência e, assim, deixe de lado parte fundamental da relação analítica. Ao mesmo tempo, a contratransferência pode se constituir em um obstáculo que paralisa e cega o analista quando não reconhecida.

No início da análise de Marcelo, eu sentia um desconforto enorme em relação às descrições que ele trazia de suas relações sexuais e ao modo como ele se relacionava com sua esposa e demais pessoas. Os comportamentos perversos, mesmo que constituídos como defesa, e a violência da identificação

com o agressor, de início me causavam horror. Em muitos momentos eu acabava por me sentir contratransferencialmente como se eu fosse uma *voyeur* na cena. Mas com o tempo, fui me acostumando com as falas; sentia como se ele trouxesse tudo isso como descrições e deixei de ser “espectadora” dos relatos.

Acredito que a reação de “me acostumar” com os relatos de Marcelo tenha sido uma tentativa da minha parte de “controlar” a contratransferência e em consequência tenha me tornado uma analista distante e dura; impossibilitada de entrar em contato com o sofrimento que o comportamento perverso causava no paciente. Estava, assim, na situação de conluio e calmaria citada por Bion.

Em dado momento, eu passei a ser objeto das fantasias de Marcelo, coisa que me pegou de surpresa, já que eu me acreditava distante e consequentemente segura. Penso que essa atuação tenha sido realizada em consequência da necessidade de Marcelo de trazer a analista novamente para a proximidade, para um lugar no qual eu pudesse voltar a sentir o sofrimento e a angústia ocultados pela perversão que ele havia construído para se defender.

O que eu senti foi uma “angústia siderante e mortífera” (Viana, p.55), que me impossibilitou de desenvolver aproximação, de me comunicar com ele por meio de uma linguagem criativa. A partir deste momento, não houve mais análise, não havia mais comunicação possível entre nós, apenas uma analista paralisada e um analisante assustado com o que havia causado. Marcelo interrompeu os atendimentos, fazendo ataques, antes que eu pudesse retomar minha posição analítica.

A contratransferência, nesse caso, não foi usada como linguagem, como uma forma de comunicação criativa para que a analista pudesse compreender o sofrimento do paciente. A tentativa inicial de controlar, depois a paralisção que foi provocada tornaram a comunicação impossível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aparente perversão, que no caso era a tentativa de Marcelo de se defender de angústias insuportáveis, mostrou sinais de enfraquecimento, o que se tornou assustador e trouxe atuações que deixaram a analista contratransferencialmente assustada e imobilizada.

A angústia siderante e mortífera que eu senti talvez tenha sido provocada não apenas pelos comportamentos e fantasias da construção defensiva perversa, mas também pelo silêncio, também mortífero, acerca da história de horror da origem de Marcelo. Como não havia palavra, surgiu a angústia e a paralisia, muito provavelmente sensações que ele carregava, relativas ao passado. A paralisia impediu que tocássemos no passado, impediu que mudássemos o status do silêncio imposto por seus pais.

Pensar sobre este caso me trouxe a importante conclusão de que o indivíduo como este paciente não é apenas um perverso inanalísável, mas que ele passa por extremo sofrimento, e que o comportamento perverso é uma forma de se defender. Sendo assim, existe a possibilidade de o analista estar disponível para receber e atender alguém que sofre. A possibilidade de manejo da contratransferência é condição para que possa haver continuidade e progresso no atendimento analítico.

REFERÊNCIAS

- COLOGNESE, J. A. *A trama do equilíbrio psíquico: A questão econômica e as relações objetais*. São Paulo: Ed. Rosari, 2003.
- FERENCZI, S. (1919) A técnica psicanalítica. In: *Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. (1933) Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERRAZ, F.C; *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- HEIMANN, P. (1950). On Countertransference. In: *International Journal of Psycho-Analysis*, n.31, p.81-84.
- HERZOG, J.M. Los degradados, para fora, para baixo, morte, o trauma transmitido e inflingido, conforme foi encontrado na análise de uma menina de 6 anos. In: *Rev. Brasileira de Psicanálise*, v. 39, n.1, p.75-93, 2005.
- KLEIN, M. (1927) Tendências criminosas em crianças normais. In: *Amor, culpa e reparação*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.
- KOLTAI, C. Memória do inominável. In: *Trauma, memória e transmissão: a incidência da política na clínica psicanalítica*. São Paulo: Ed. Primavera, 2009.
- MONEY-KYRLE, R. Contratransferência normal e alguns de seus desvios (1956). In: *Melanie Klein hoje*. v. 2. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1990.
- OSMO, A; KUPERMANN, D. Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi. In: *Psicologia em estudo*. v.17, n. 2, p. 329-339, Maringá, 2012.
- VIANA, S.A. *Contratransferência: a questão fundamental do psicanalista*. São Paulo: Escuta, 1993.
- ZIMERMANN, D.E. *Bion: da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.v. 2, p. 329-339, 2012.

Desafios do encontro analítico diante dos estados psicóticos do paciente e suas reverberações no analista

Challenges of the analytic encounter considering the patient's psychotic states and their reverberations on the analyst

Sheila Nogueira Santos

Resumo:

Diante dos estados psicóticos da paciente e como estes reverberam na analista, surgem questionamentos sobre o encontro analítico que foi se revelando entre ambas e o desafio do trabalho de análise. Portanto, pretende-se aqui compartilhar a investigação de um estado psíquico, que se apresenta no encontro analítico, de forma que a analista o experimenta contra-transferencialmente e que gera impasses no campo do trabalho de análise. Busca-se, com isso, trazer alguma perspectiva de como o trabalho desta dupla analista-paciente pode se endereçar para as possibilidades do encontro.

Palavras-chave:

Estados psicóticos; transferência; contratransferência; encontro analítico; estado experimental.

Abstract:

Faced with the patient's psychotic states and how they reverberate in the analyst, questions arise about the analytical encounter that was revealed between them, and the challenge of the analysis work. Therefore, it is intended here to share an investigation of a psychic state that presents itself in the analytical encounter in a way that the analyst experiences it countertransferentially, and that generates impasses in the field of analytical work. And from that, we seek to bring some perspective on how the work of this analyst-patient duo can be addressed for the possibilities of the encounter.

Keywords:

Psychotic states; transfer; counter-transference; analytical encounter; experimental state.

A presente escrita se desenvolveu a partir de um caso que, aqui, escolho chamar de Maria. Ao receber tal paciente, no contexto do atendimento em Clínica Institucional, me deparei com seus estados psicóticos que reverberaram em mim e me levaram a questionar o encontro analítico que foi se revelando entre nós e o desafio do trabalho de análise. Devo considerar que em determinado momento de meu percurso no campo da Psicanálise ouvi de analistas que o trabalho com pacientes que vivenciavam estados psicóticos era um atendimento experimental. Isso me intrigou!

Assim, proponho-me a percorrer e compreender esse “estado experimental” suscitado a partir do caso clínico citado. Parto desse espírito experimental investigativo, tendo Klein e autores pós-kleinianos como esteio para pensar tal caso e seu “estado experimental”. Ressalvo apenas que, apesar de não ser meu objeto de estudo direto, as questões transferenciais e contratransferenciais que perpassam, no meu compreender, o fazer do analista também compõem o presente artigo.

Como forma de introduzir meu raciocínio clínico, creio ser uma informação interessante de compartilhar que a escolha pelo nome Maria se deu por ser uma variante de Mary. E talvez seja de conhecimento do leitor a existência de Mary Temple Grandin, mulher autista criadora de um inovador método de abatimento de gado, mas não apenas! Em seu livro *Um antropólogo em Marte*, Oliver Sacks (1995) nos conta de outra criação de Mary, uma “máquina de espremer”, ou “máquina do abraço”, pois:

Quando era uma menininha [...], desejava muito ser abraçada, mas ao mesmo tempo ficava aterrorizada com qualquer contato. Quando era abraçada, especialmente por uma tia predileta (e gorda), sentia-se esmagada, subjugada pela sensação, tinha um sentimento de prazer e paz, mas também de terror e de ser afundada (SACKS, 1995, p.270).

Com o trecho citado, estamos diante de um encontro que nos remete a algo da ordem do inusitado, sob a forma de prazer e terror! Com a obra completa, estamos diante de uma coincidência, pois trata-se de um livro do gosto pessoal de Maria. No que diz respeito a qualquer estranhamento que possa nos sobrevir de uma tentativa de contato com o outro e, trazendo-o para nosso contexto analítico, é interessante o que nos fala uma passagem bioniana, ao nos explicar que, em casos de estados confusionais, “(...) fustigados pelas mutilações e lutando por escapar dos estados confusionais”, pacientes que apresentam tal estado mental prosseguem no processo analítico apresentando

uma “(...) oscilação entre a tentativa de ampliar o contato e a tentativa de restringi-lo” (BION, 1957, p.57).

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE MARIA

Por se tratar de um atendimento em clínica institucional, é costumeiro haver prontuário de cada paciente que passa pelo processo inicial da instituição, que antecede o encaminhamento ao analista. Nesse caso, isso não ocorreu – um caso sem registros. A única notícia é sobre a insistência de Maria ao ligar para a clínica para saber quando seria seu atendimento individual.

Maria, vinda de outro estado para São Paulo por motivos acadêmicos, é a primogênita da família, e estava morando em um pensionato, onde cultivava poucos contatos. No entanto, era permitida por funcionários do local a vigilância constante dos pais, mesmo à distância. Apesar da vinda para estudar, Maria estava tendo dificuldades no que tange às relações com os grupos de estudos, e um de seus professores recomendou-lhe instituições e profissionais que pudessem acompanhá-la em suas demandas psíquicas.

O inusitado surge logo de início, com o uso que ela faz do espaço da sala de análise: vai de imediato ao divã num primeiro encontro; puxa a cadeira de forma a ficar bem próximo à analista no segundo. Faz emergir na analista a imagem de uma cola, um adesivo, acompanhada da sensação de desconforto e invasão. Além disso, ao fazer perguntas que pudessem me aproximar de sua demanda de análise, sou surpreendida com a resposta de que sua história estava registrada no prontuário.

No decorrer das sessões, a história de uma vida se revela no vaivém fragmentado, que muda a todo momento. Por vezes, a sensação, ao ouvi-la, é a de estar pisando numa areia movediça, ou seja, tragada por um solo inconsistente. Mudanças de cidade, configurações familiares, relacionamentos, trabalhos, terapeutas/psiquiatras, datas – tudo se mistura em um aglomerado de informações movediças. Sua queixa? A “fala truncada”¹ ou seria um ‘Eu truncado’²?

Em meio à angústia por não conseguir compreender simples informações por ela verbalizadas, peguei-me tentando costurar os retalhos de uma história inconsistente e, aparentemente, destituída de alguma apropriação por parte de sua própria protagonista. No entanto, aos poucos, vou percebendo que o não saber, a não compreensão, era justamente o que estava sendo comunicado.

1 As frases e expressões entre aspas são falas da paciente.

2 A autora utiliza aqui especificamente o termo ‘Eu’ e não ‘ego’ para fazer um jogo de palavras, no sentido de marcar uma possibilidade da paciente referir-se a si mesma, o mesmo uso pode aparecer outras vezes mais adiante e aparecerá entre aspas simples.

No decorrer do processo analítico, as sessões começam a ser permeadas por ideias de Maria, de que pessoas próximas a ela estariam ligadas entre si e dispostas a lhe fazer algum mal, assim como músicas em locais públicos, vídeos, blogs e serenatas estariam sendo utilizadas como recursos de terceiros para lhe comunicar coisas, como: declarações, ciúmes, desconfiança, acusações, etc. Revela-se aqui muita persecutoriedade, mas a certeza do que diz nem sempre a acompanha. Decorrido algum tempo de nosso trabalho, Maria consegue acessar o campo da dúvida sobre essa sua percepção. Mostra-me o caos e me demanda dizer-lhe o que é real: “me diz se isso é coisa da minha cabeça?”.

Não sem muito esforço, fora do *setting* analítico, Maria consegue ter seu próprio apartamento, circular pela cidade, fazer novos amigos, resgatar antigos e buscar atividades artísticas. Contudo, o medo constante de voltar a uma “relação simbiótica com a mãe” a acompanha, já que não é a primeira vez que ela tem esse movimento de procurar seu próprio espaço, a aquisição de casa própria. Eu percebia que ela também despendia grande esforço em estar à vontade no *setting* analítico. Essa é uma leitura possível do fato de que seu acesso à analista ocorreu através de uma instituição, submetendo-se aos encontros coletivos que a recepcionaram, mesmo dispondo de recursos financeiros para atendimentos em consultório particular.

Assim que muda para esse novo apartamento, Maria passa a queixar-se de uma grande dificuldade em organizar esse novo espaço. Paralisa ao ver seus móveis e objetos pessoais, sem saber o que fazer com eles. A questão da desordem em sua nova morada a captura de tal forma que fixa toda a sua atenção. Ela deixa, também, de fazer e pensar em qualquer outra coisa, inclusive falta reiteradas vezes à análise. No momento inicial da mudança, ela diz ter esquecido do horário, mas em momento posterior justifica: “não vou, estou muito desorganizada.”

Entre me mostrar e esconder sua realidade psíquica, podemos ver sua dinâmica transferencial e, também, ao longo do tempo, perceber a construção de seu próprio espaço analítico. Vale mencionar que Maria foi atendida por diversos profissionais e, várias vezes, pelo que conta, essa relação estabelecida sofreu alguma interferência de seus familiares. A título de exemplo do que ocorreu em tais circunstâncias: algum familiar contactou o profissional alegando que Maria não teria condições de explicar nada sobre si mesma, e que eles o fariam em seu lugar. Houve tentativas da família de entrar em contato também com a presente analista, porém Maria não aceitou que o fizessem e disse: “aquele (o *setting* analítico) é o meu espaço.”

Mas, então, diante de uma dinâmica que oscila entre uma tentativa de ampliar o contato e uma tentativa de restringi-lo. Ficam as questões: qual é a “dosagem” ou quais são as possibilidades do encontro? Para responder a

essas perguntas, será preciso um esteio teórico que nos auxilie a compreender as demandas de Maria.

APORTES TEÓRICOS E APRESENTAÇÃO DOS PRINCIPAIS ASPECTOS DE UMA ANÁLISE A RESPEITO DO ENCONTRO ANALÍTICO

De acordo com Klein (1952), podemos acessar o inconsciente por meio da compreensão da transferência, pois ela permeia todas as relações do paciente, de forma que suas experiências mais primitivas serão revividas, e

[...] passam a localizar-se no psicanalista. Disso decorre que o paciente lida com conflitos e ansiedades que foram reativados, recorrendo aos mesmos mecanismos e mesmas defesas, como em situações anteriores (KLEIN, 1952, p.71).

Para falarmos das ansiedades e defesas que podem ser reativadas no encontro analítico, é preciso revisitar algumas ideias kleinianas sobre o funcionamento mental do primeiro ano de vida do bebê, considerando sua perspectiva acerca da influência das ansiedades, dos mecanismos de defesa do ego arcaico e de suas relações objetais, presentes desde o início da vida.

Klein (1960) nos convida a pensar as experiências emocionais terríveis da vida do bebê e a presença dos processos psicóticos que compõem a constituição psíquica até mesmo no desenvolvimento normal da criança. Para Klein (1946), existe uma ansiedade primária de natureza psicótica que surge diante da operação da pulsão de morte, que se configura no medo do aniquilamento. Nesse momento, o ego, ainda muito rudimentar, está começando a lidar com as ansiedades e se utiliza de alguns mecanismos de defesa, como cisão, introjeção e projeção.

A vida mental do recém-nascido, conforme Klein (1946), é marcada pelo medo persecutório característico da posição egoica mais primitiva, a esquizoparanoide. Em 1958, a autora afirmou que mesmo amparado na primeira relação objetal – ainda parcial – para o ego, o seio nutridor (o já mencionado objeto) também será fonte de ansiedade de natureza persecutória, uma vez que impulsos sádicos-orais serão direcionados a ele, e seu possível retorno ao ego será temido.

Ainda nas considerações que Klein faz em 1946, vemos que a cisão entra como um estruturante mecanismo, que irá separar o objeto bom gratificador do objeto mau frustrador. Outros mecanismos, como o da projeção e introjeção, serão utilizados para que o ego projete para fora o que ameaça por dentro. No entanto, o mecanismo de introjeção poderá trazer mais uma vez para

dentro os aspectos agressivos e aumentar ainda mais os níveis de ansiedade, fazendo novamente com que o ego se utilize da projeção. O uso excessivo de tais mecanismos, além de nos indicar que o ego está com dificuldades em lidar com as ansiedades, pode levar a um enfraquecimento egoico.

Por volta dos três ou quatro meses de vida, ainda com a predominância da ansiedade persecutória em vigência e o pico do uso do mecanismo da cisão, temos o uso da identificação projetiva, de forma que, para a vida mental do bebê, é como se partes suas excindidas continuassem sua existência no corpo materno. Klein (1955) também irá dizer que a introjeção de sentimentos de amor e ódio, antes projetados na mãe, servirão como base para a internalização materna, compondo as imagens superegoicas. E mais, o processo de introjeção do seio materno será o protótipo para as internalizações subsequentes.

A partir dos seis meses de vida, espera-se uma mudança na direção da integração egoica, resultante do movimento da introjeção do objeto parcial para a introjeção do objeto completo, isso é o que nos conta Klein, em 1946. Ela ainda dirá que, na entrada da posição depressiva, temos uma maior aproximação com a realidade psíquica, tanto quanto com a realidade externa. Há diminuição das ansiedades, das idealizações do objeto e da experiência terrorífica.

Contudo, a complexidade da dinâmica das posições parece se intensificar na publicação de 1935, quando a autora fala da possibilidade de encontrarmos a depressão na paranoia leve ou grave. Temos aqui um importante ponto das elucidações kleinianas, pois, mesmo no processo normal do desenvolvimento, a transição das posições egoicas será um misto de paranoia – com conteúdos e defesas – ligada à possibilidade de perda do objeto completo. Contudo, – como forma de distinguir os movimentos egoicos, Klein (1935) nos diz que o depressivo sente um pesar e busca reparar o objeto desintegrado, enquanto o paranoico sente-se perseguido por essa desintegração. Uma das formas de lidar com as ansiedades paranoides é o uso de defesas maníacas.

Vale destacar que, em seu estudo sobre o luto, Klein (1940) postula que defesas maníacas podem ser acionadas no luto da vida adulta e podem reativar a experiência do luto arcaico (ainda da relação objetal parcial), com sua sensação de perda de objeto bom inteiro e de que o ego esteja à mercê dos objetos maus perseguidores.

Outro aspecto cabível para pensarmos o caso vem da publicação de 1952, quando Klein introduz a relevância da função da formação simbólica, assim como a capacidade de fantasiar, que ocorre nos processos de maior interação com o mundo externo. Esta temática é avançada por Hanna Segal (1955), que irá dizer que a formação simbólica é um recurso do ego para lidar com as ansiedades provenientes da relação com o objeto, no que diz respeito aos medos de objetos maus e/ou à perda de objetos bons. Isto é, o processo de

simbolização é um reflexo do desenvolvimento egoico e está intimamente relacionado, também, à capacidade de comunicação.

O processo de simbolizar também passa por uma transição que acompanha o desenvolvimento egoico. Assim, inicialmente, o símbolo é sentido concretamente como o objeto – a chamada equação simbólica. Com o alcance da posição depressiva, é possível a percepção da distinção entre ego e objeto, e, assim, diferenciar mundo interno e externo.

Consequentemente, o símbolo passa a ser um representante do objeto. Contudo, o ego pode retornar à posição esquizoparanoide, assim como o processo de simbolização pode voltar à forma de equação simbólica.

Segal (1955) compreende que a comunicação está intimamente ligada à capacidade de simbolizar, pois a “(...) capacidade de comunicar-se consigo mesmo através de símbolos é a base do pensamento verbal” (p.176). Com isto, a autora permeia o campo de investigação da comunicação no estado psicótico, pois conclui que um ego, enquanto desintegrado, não faz comunicação entre suas partes excindidas. Dessa forma:

Uma das dificuldades sempre recorrentes na análise de pacientes psicóticos é a de comunicação. As palavras, por exemplo, sejam do analista, ou do paciente, são sentidas como objetos ou ações, e não podem ser facilmente usadas para fins de comunicação (SEGAL, 1955, p.175).

E Maria, como ela se comunica e de quais formas o encontro analítico ocorre? Para pensarmos tudo isso, resgataremos o início de nosso trabalho. Na primeira entrevista, Maria se incomoda com minha pergunta sobre ela, e diz que está tudo em seu prontuário, que já escreveram sobre ela. Isto me levou a pensar: ela é o que os outros veem? Ela é o que os outros escrevem sobre ela? Falar sobre si é possível para o narrador que ainda não tem um ‘Eu bem constituído’? Ou quando o ‘Eu’ é um adesivo? Maria pareceu colar no que foi registrado sobre ela no prontuário.

O termo ‘truncado’³, usado no início deste artigo, pode referir-se àquilo que é ‘mutilado’, ‘incompleto’ ou mesmo ao ato de “omitir parte importante”. Com relação a Maria, penso que se refere a uma dificuldade em utilizar palavras enquanto recurso de comunicação com o outro. Em sessão, mais especificamente na contratransferência, foi que a analista se aproximou desse “truncar” enquanto

3 De acordo com o dicionário *Aurélio da Língua Portuguesa* (2008).

verbo/ação, por ser um efeito que a presença de Maria lhe causou no processo de pensar, ou melhor, na dificuldade de pensar! Impasse! Maria se assemelhava mais a fragmentos desconexos do que a uma pessoa. As palavras verbalizadas pela paciente exigiam grande esforço para a compreensão, tanto pelas longas pausas que fazia numa mesma frase, como, também, por não se dar conta de localizar suas lembranças no tempo e espaço, como se a analista estivesse dentro dela, fosse uma parte dela... Confusão...

Além disso, Maria me fez experimentar incômodos que posso nomear como sensação de precipitação e invasão. A precipitação através de sua ida prematura ao divã na primeira entrevista, onde é possível pensarmos na transferência psicótica, adesiva e precipitada, que denota a forma imatura como se dão as relações de objeto, conforme nos fala Bion em 1956. Já a invasão ocorre na segunda entrevista, quando Maria se aproxima de mim, uma concretude de presença que me causou sufocamento. A intensidade do uso da identificação projetiva ao longo dos encontros também me fazia experimentar, com frequência, essa sensação de invasão. Parecia se tratar de aspectos mais primitivos da paciente que chegavam até mim por meio de uma comunicação não verbal. Diante disso, um grande desafio: me manter na função analítica diante de projeções que se destinavam a atrofiar nosso encontro.

Sobre isso, Rosenfeld (1988) nos atenta para o fato de que uma comunicação não verbal e bem primitiva é utilizada pelo paciente em estado psicótico, e envolve desde os movimentos do corpo à forma de olhar. A sensação de invasão também vai ao encontro das ressalvas do autor, quando menciona que as projeções de tais pacientes podem causar sufocamento e levar o analista à percepção de estar sendo invadido, podendo paralisar sua função como forma de atuação. Dessa forma, poderia a analista ser continente ou mesmo ter uma função alfa⁴, descrita por Bion (1962), diante de uma projeção que se destina a atrofiar o encontro? Um grande desafio para esse encontro analítico.

Em meio a uma análise marcada com o uso de projeções em demasia, vale lembrar a relação simbiótica entre mãe e filha, da qual a paciente se queixava. Isto me fez pensar numa relação objetal fusionada, que parece ser lugar comum e necessário. Dá notícias de um ego empobrecido por ser fundamental se alojar em morada externa. Fala-nos de uma confusão entre *self* e objeto no modo de funcionamento da paciente, que seria revivida na análise.

4 “Função mental para transformar estímulos apreensíveis sensorialmente em elementos úteis ao pensar, para formar sonhos e memória.” Dessa forma, seria um “instrumento de trabalho do psicanalista praticante para facilitar problemas de pensar a respeito de algo desconhecido” (SANDLER, 2021, p.390).

Conforme Klein (1958), o processo de introjeção do seio materno servirá de protótipo para as demais internalizações ao longo da vida. A internalização do seio bom, portanto, será primordial para o fortalecimento egoico, exercendo influência oposta à dos processos de cisão e de dispersão e, com isso, aumentando a capacidade de integração do ego. No caso de Maria, observa-se que estamos diante de um ego enfraquecido para lidar com as diversas ansiedades que as situações lhe despertam e que, portanto, recorre à identificação projetiva como forma de comunicar a precariedade de seu mundo interno e, também, de povoar a mente da analista, controlando-a.

O enfraquecimento egoico pode ser pensado em decorrência do que Klein (1946) postulou quanto ao uso excessivo da projeção e da introjeção, quando o ego apresenta dificuldades para lidar com as ansiedades, cenário que afeta diretamente as relações internas e externas. Um ego que não consegue se diferenciar do objeto não simboliza, como bem elucida Segal (1955), ou seja, o ego deixa de criar este importante recurso para lidar com as ansiedades surgidas na relação com o objeto. Sem que o processo de simbolizar ocorra, o desenvolvimento egoico paralisa. Pode-se perceber a concretude e a equação simbólica de Maria na situação inicial de análise anteriormente descrita.

Rosenfeld (1964) também nos auxilia na compreensão de outra questão que podemos atribuir à situação simbiótica de que se queixava Maria. Pela perspectiva do autor, o narcisismo será expresso na transferência, de forma a nos revelar mais a respeito das relações de objeto do paciente e, também, de suas possíveis dificuldades em diferenciar-se, o que o autor denomina relações objetais narcisistas. Trata-se de um encontro com uma experiência bastante arcaica da vida mental, no qual as ansiedades mais primitivas predominam. Com isso, podemos estar diante de um aparelho mental que se utiliza de defesas como fantasias onipotentes, como a de adentrar o corpo de uma analista-mãe para controlá-lo, dificultando sua separação em relação ao espaço mental da paciente.

A fala fragmentada de Maria era um desafio. Em parte, porque era como se para ela não fosse preciso completar frases, uma vez que em sua fantasia eu já saberia, por sentir-me como parte sua. Era preciso fazer uma separação amorosa entre nossos aparelhos mentais. Portanto, era importante discriminar o que era meu e o que era de Maria para, assim, fazer um bom uso da contratransferência. Mesmo que sua parte psicótica se endereçasse à cola, foi preciso guardar em mim o sonho da paciente ser capaz, fortalecer-se e ganhar autonomia.

E quanto à areia movediça? Muitas mudanças em seus relatos me despertavam curiosidade, mas me levavam a um lugar cada vez mais inconsistente: um convite de Maria para que eu experimentasse seu desespero. Um exemplo? Ela conta de um acidente em sua infância. Que acidente? Foi grave? Houve acidente? Apenas areia movediça, de forma que ela parecia nem mesmo saber

de sua história, apenas repetia o que diversas pessoas falavam sobre ela, cada qual com sua versão. Parecia um ego que não poderia saber de si, e que o outro saberia mais do que ela, desautorizando-a.

A partir da ideia de areia movediça, observou-se em Maria uma linguagem que não comunicava e remetia àquela relatada por Bion (1953), em que promove, por exemplo, a divisão. Para o autor, a comunicação poderá ocorrer de diferentes formas, uma delas, a de ação, que pode estar a serviço da identificação projetiva e da divisão do objeto. Quando o analista é identificado com os perseguidores internos, o paciente o faz dar duas interpretações opostas a um mesmo conteúdo ou mesmo produz sensações e sentimentos contrários. Dessa forma, o que Maria praticava era uma (in)comunicação por via da identificação projetiva e da divisão! E mais, o aglomerado de fatos relatados em seu discurso era destituído de tempo e causa, além da paciente parecer não se incluir enquanto participante dos acontecimentos que narrava. Bion (1958), nesse sentido, afirma que o não agregar tempo, causa e participação aos eventos relatados vem a ser uma expressão de trabalho de uma parte psicótica da personalidade, diante da incapacidade de tolerar frustração e transformá-la em pensamento, não simbolizando a perda e acionando defesas arcaicas.

Contratransferencialmente, era muito angustiante ouvir Maria, percebi minha tentativa de costurar seus fragmentos, de organizá-los. Me vi transformada na máquina de espremer de Mary Temple, de forma que seria improvável que minha figura de analista pudesse ser introjetada como um objeto bom, e sim identificada com um superego esmagador. Fui levada a figurar o esmagador objeto materno. Mais um desafio no trabalho analítico com Maria. Portanto, compreender a transferência e a contratransferência foi de extrema importância para não ser puxada para a aglomeração; tentar ser continente sem me tornar uma “máquina de espremer”; lidar com as palavras-coisas que Maria colocava em mim.

O momento em que Maria deixa o pensionato e vai para um apartamento só seu é mais um impasse, pois parece acionar experiências de luto e carregar defesas maníacas, de forma que ela faz uma tentativa onipotente de enfraquecer nosso vínculo e reduzir o valor da análise: falta e diz ter esquecido da sessão. Quando consegue estar em sessão, me fala da dificuldade em organizar o novo ambiente repleto de móveis e coisas espalhadas. Parece que a mudança a levou a estabelecer uma relação equacionada entre seus fragmentos internos e as coisas em seu apartamento. Quando lhe é possível, ela se dá conta do caos interno e diz: “hoje não vou, estou muito desorganizada”, mas ainda com desconfiança em me mostrá-lo. Seria um medo de que a analista repetisse a invasão familiar? Percebo aqui seus aspectos paranoides fortalecidos. Entende-se que o processo de análise foi convidando a paciente a entrar em contato com seu caos, aspectos mentais que ela odeia, expele, mutila!

Nesse contexto, também é preciso nos atentarmos ao que Bion fala em 1953, de que a análise exigirá do paciente justamente o pensamento verbal que tanto o horroriza. Isso porque o pensamento verbal está associado à indesejável posição depressiva, e todo o intolerável estado emocional que ela traz ao paciente. A percepção e o acesso ao conteúdo envolvido na formação de pensamentos dizem respeito à parte não psicótica da personalidade. Já a equação simbólica nos dá notícias de predominância da parte psicótica. Podemos dizer predominância pois, para Bion (1957), há coexistência de personalidades. No caso, Maria parece recusar-se a perceber a coexistência entre uma parte psicótica e não psicótica da personalidade.

Aos poucos, vai emergindo a paranoia experimentada pela paciente, de forma cada vez mais intensa, onde figuras à sua volta se tornam uma grande ameaça. Elas estariam ligadas entre si para acusar Maria de ser e de sentir. Estariam dispostas a vigiar seu mundo interno através da TV, do celular, computador, etc., o que nos leva a pensar como a vida da paciente era permeada por “objetos bizarros”, dos quais nos fala Bion (1957). Haveria uma parte psicótica de Maria se utilizando de defesas para livrar a consciência de tendências indesejáveis. Tal parte ataca o aparelho da personalidade ligada à percepção da realidade, fragmentando-o e projetando-o em objetos externos, resultando no que o autor denomina de “objetos bizarros”.

O desafio analítico era proporcionar a Maria experiências de introjeção de bom objeto, experiências de nutrição e de mudança da imago superegoica materna, invasiva e esmagadora. Sem, com isso, deixar-me capturar pela areia movediça. Sem ser levada a fazer interpretações pedagógicas julgadoras de certo ou errado, assim como entrar em contato com minhas próprias angústias, de forma a ajudar a paciente a criar suas próprias ferramentas de discernimento. Construir com Maria um caminho/passagem do atípico incapacitante para um “atipicamente” modo de viver a vida. Aliás, parece que esse era o seu pedido, quando, entusiasmada, me contou de um livro que estava lendo, *Um antropólogo em Marte*, no qual o autor conta diversos casos atípicos que se tornaram capazes e autônomos em suas vidas.

Vale lembrar que a capacidade de pensamento verbal, de simbolizar, está intimamente ligada à posição depressiva. Com base no que se discutiu até aqui, podemos pensar na dificuldade que Maria vivenciou em alcançar este momento do desenvolvimento emocional. No entanto, por diversas vezes ao longo da análise, pude notar em Maria o movimento de maior integração egoica e aproximação da realidade psíquica, o que me faz pensar que ela entrou na posição depressiva e está a patinar com muitas vivências da posição esquizoparanoide.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Coube ao processo de Maria o fortalecimento egoico, de forma que ela pudesse reconhecer-se nos mais diversos aspectos de sua realidade interna, sem deixar de considerar momentos de maior e menor integração, assim como os múltiplos momentos de expansão e de restrição de contato, levando em consideração o atípico, no caso sua parte psicótica, que sempre acompanhará seu processo. Neste caso, qual é a dosagem do encontro? Trata-se de um processo em seu próprio tempo e em sua própria dosagem. Além disso, é importante considerar a dupla, de forma que, quando pude admitir o quanto era possível tolerar estar em minha função diante de tais impasses transferenciais e contratransferenciais, nossos encontros puderam ser bem mais frequentes que os desencontros.

Após alguns anos do processo analítico e no contexto do consultório particular, Maria pôde se perceber uma boa tradutora em sua área acadêmica, mas o atípico lhe acompanha, mesmo que de outra forma. Ela diz: “tenho tido alguns pensamentos estranhos, sei que preciso contar, mas hoje não”. É possível olhar e nomear sua parte psicótica, mas em seu próprio tempo!

Contudo, não seria possível direcionar a investigação inicialmente proposta sem considerar a necessidade de encontrar a figura do analista em sua experiência em tais encontros. Na presente situação relatada, foi preciso levar em conta também a forma como a analista pôde lidar com sua própria onipotência, e considerar seus limites. No mais, o poeta bem pode contar do sonho da analista neste encontro com a paciente:

*Não cobiço nem disputo os teus olhos
Não estou sequer à espera que me deixes ver através dos teus olhos
Nem sei tão pouco se quero ver o que veem e do modo como veem os
teus olhos
Nada do que possas ver me levará a ver e a pensar contigo
Se eu não for capaz de aprender a ver pelos meus olhos e a pensar
comigo
Não me digas como se caminha e por onde é o caminho
Deixe-me simplesmente acompanhar-te quando eu quiser
Se o caminho dos teus passos estiver iluminado
Pela mais cintilante das estrelas que estreitam as noites e os dias
Mesmo que tu me percas e eu te perca
Algures na caminhada certamente nos reencontraremos
Não me expliques como deverei ser
Quando um dia as circunstâncias quiserem que eu me encontre
No espaço e no tempo de condições que tu entendes e dominas
Semeia-te como és e oferece-te simplesmente à colheita de todas as horas*

*Não me prendas as mãos
Não me faças delas instrumento dócil de inspirações que ainda não vivi
Deixa-me arriscar o barro talvez impróprio
Na oficina onde ganham forma e paixão todos os sonhos que antecipa-
ram o futuro
E não me obrignes a ler os livros que eu ainda não adivinhei
Nem queiras que eu saiba o que ainda não sou capaz de interrogar
Protege-me das incursões obrigatórias que sufocam o prazer da
descoberta
E com o silêncio (intimamente sábio) das tuas palavras e dos teus gestos
Ajuda-me serenamente a ler e a escrever a minha própria vida*

(Poesia de Ademar Ferreira dos Santos. In: Alves, 2004, p.6).

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. p.5-6. Campinas: Papi-
rus, 2004.
- BION, W. R. (1958). *Mecanismos psicóticos. Cogitações*. Trad. Ester Hadassa Sandler, Paulo Cesar
Sandler. p.15. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- BION, W. R. (1953) *Notas sobre a teoria da esquizofrenia. Estudos psicanalíticos revisados*. Trad.
Wellington M. de Melo Dantas. p.33-46. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. (1956). *Desenvolvimento do pensamento esquizofrênico. Estudos psicanalíticos revisados*.
Tradução de Wellington M. de Melo Dantas. p.48-54. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. (1957). *Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não psicótica*.
Estudos psicanalíticos revisados. Tradução de Wellington M. de Melo Dantas. p.55-77. Rio de
Janeiro: Imago, 1994.
- _____. (1962). *Uma teoria sobre o pensar. Estudos psicanalíticos revisados*. Tradução de Wellin-
gton M. de Melo Dantas. p.127-137. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 4 ed. p.1847-2002. Curitiba:
Editora Positivo, 2009.
- KLEIN, M. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Obras
completas de Melanie Klein: amor, culpa e outros trabalhos*. Trad. André Cardoso. p.304-329. Rio
de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1940). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In: *Obras com-
pletas de Melanie Klein: amor, culpa e outros trabalhos*. Trad. André Cardoso. p.386-412. Rio de
Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: *Obras completas de Melanie
Klein: inveja e gratidão e outros trabalhos*. p.17-43. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

- _____. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In: *Obras completas de Melanie Klein: inveja e gratidão e outros trabalhos*. p.85-118. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- _____. (1955). As origens da transferência. In: *Obras completas de Melanie Klein: inveja e gratidão e outros trabalhos*. p.70-79. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- _____. (1955). Sobre a identificação. In: *Obras completas de Melanie Klein: inveja e gratidão e outros trabalhos*. p.169-204. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- _____. (1958). Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In: *Obras completas de Melanie Klein: inveja e gratidão e outros trabalhos*. p.268-279. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- _____. (1960). Uma nota sobre a depressão no esquizofrênico. In: *Obras completas de Melanie Klein: inveja e gratidão e outros trabalhos*. p.298-304. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- SACKS, O. Um antropólogo em Marte. In: *Um antropólogo em Marte, sete histórias paradoxais*. p.253-301. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANDLER, P. C. *A linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico de conceitos*. Trad. Daniela Sandler, Giovana Del Grande. p.390. São Paulo: Blucher. 2021.
- SPILLIUS, E. B. (Editora). (1955). Notas sobre formação de símbolos. In: *Melanie Klein hoje, artigos predominantemente teóricos*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum. v.1, p.167-178. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- ROSENFELD, H. (1964). Da psicopatologia do narcisismo: uma aproximação clínica. In: *Os estados psicóticos*. Trad. Jayme Salomão e Paulo Dias Corrêa. p.194-204. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- _____. (1910-1986). *Abordagem psicanalítica no tratamento da psicose. Impasse e interpretação: fatores terapêuticos e antiterapêuticos no tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos, psicóticos e fronteirios*. Trad. Paula Maria Rosas. p.35-59. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- _____. (1910-1986). *Narcisismo destrutivo e a pulsão de morte. Impasse e interpretação: fatores terapêuticos e antiterapêuticos no tratamento psicanalítico de pacientes neuróticos, psicóticos e fronteirios*. Trad. Paula Maria Rosas. p.139-166. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

Leitura

Mais um fim de análise (um caso de amor)

Estanislau Alves da Silva Filho

*Não me leias se buscas/ flamante novidade/ ou sopro de
Camões./ Aquilo que revelo/ e o mais que segue oculto/ em
vítreatos alçapões/ são notícias humanas/ simples estar-no-
mundo,/ e brincos de palavra,/ um não-estar-estando,/ mas
que tal jeito urdidos/ o jogo e a confissão/ que nem distingo eu
mesmo/ o vivido e o inventado./ Tudo vivido? Nada./ Nada
vivido? Tudo./ A orelha pouco explica/ de cuidados terrenos;/ e
a poesia mais rica/ é um sinal de menos.*

(Poema-orelha. Carlos Drummond de Andrade)

É pela orelha do livro que o poeta escuta se dele falam mal ou se o amam. Uma orelha ou uma boca sequiosa de palavras? Espaços habitados, mas nem sempre respiráveis. Freud engravidou pelo ouvido e pariu pelo lugar certo: a boca. Boca que tem um órgão gravador, capaz de botar o que há de material na palavra sob forma visual, a saber a mão que faz a escrita – a palavra pra lá da palavra. Isso, é claro, não anula as fraudes, de confrades, que engravidam pelo lugar certo, mas que vão parir pela orelha mesmo, de modo a se valer do artifício única e exclusivamente para acabar com o artifício, ou seja, para acabar com a palavra: parir pela orelha é arrombar o aparelho de ouvir, obstetrícia de arrebatamento e arrebanhamento, ensurdecimento e mudez. É talvez sobre isso que já teriam dito que “se o engodo se tornar fraude, não haverá retorno.”

Mas um fim de análise tem que ver com uma existência sem álibi. Um discurso sem álibi. Sem explicação ou justificativa. Sem desculpas. Quase imperdoável, ainda que reparável. Sem âncora e improvável. Sem garantias. “Como se” tudo se edificasse sobre a areia e não sobre pedras. Sem, contudo, à diferença do poeta Borges, ter que assumir o dever de edificar como se fosse pedra a areia. Vertiginoso, por assim dizer. Impraticável se só assim for. De qualquer jeito, lembra mesmo – ou é mesmo – de uma posição sofista o trato, e que roga para que a verdade não intervenha. Um quase niilismo. Talvez um ateu viável, herético, por fim livre de um inquisidor ou de um Deus esmagador. O que não quer dizer livre de uma Lei. Pois é isso: livrar-se das vicissitudes da encarnação da Lei não é o mesmo que ser inconsequente. Agir de modo despudoradamente egoísta e como se o outro não existisse seria já um avesso do prólogo: máximo de liberdade é igual a máximo de responsabilidade. “Pode-se tudo, desde que”. Desde que se banque ou se sustente? Que se saiba que não há jogo sem regra – mesmo que seja o caso de prescindir dela, isto é, prescindir dela servindo-se dela. Bem dita sub-versão.

Tudo isto e isto tudo (preambularmente) não por uma ética da eficiência comunicativa, senão que por no equívoco assumir-se algo das próprias questões e, para além disso, não tirar o corpo fora pela impossibilidade, de modo a pagar o preço da meia-verdade, da resposta tangente, que não responde e erra. Consentir à divisão assujeitiva só pode ter muito que ver com amar-se na própria e irreconciliável parcialidade. No próprio inacabamento, que força a passagem por fora para haver qualquer dentro – só desde outro me tenho acesso. Estamos aqui para falar de amor.

‘AMOR, TE CIMENTO!’ OU ‘A MORTE-CIMENTO’?

*Uma vez que o amor tem olhos de aranha Para descobrir
uma dor que seja apropriada, Com toda paixão pas-
sando num só relance por todos os nervos: amante testa
amante, com crueldades de ‘tentativa e erro’; E quando
finalmente o assassinato se acaba, O leito nupcial traz lá
desespero, quiçá, Evocando a cada imagem imaginada
Uma figura real ali.*

(*Salomão e a Bruxa*. William Butler Yeats)

A língua é nosso amortecedor. Nosso amor-tecedor: quando nos beijamos, quando nos re-vestimo-nos um da língua do outro. Só se fala uma língua com outra língua. Falo alíngua materna com minha língua. Típico. Difícil não ser edípico. O poeta e tradutor britânico Keith Bosley dizia que tradução é uma língua *making love* com outra. Decisão de cada um se se verte em ‘fazendo amor’ ou em ‘trepando’ uma com outra, talvez na outra. Mesmo que sexo seja secção. Ser rei é transar a castração, como bem isto se mostraria pela aplicação da lei sobre si mesmo, quando, em verdade, a questão é Outra. A transmissão não se dá sem passe, sem a verdade do sujeito dar para a verdade do Outro, ainda que o dom não seja dado pelo Outro a um. Pois sim, é o caso de dar-para-isso: o dom de ser psicanalista.

Fernando Pessoa dizia que a arte mente porque é social, e que fingir é amar, sendo que amamo-nos todos uns aos outros, sendo mentira o beijo que trocamos. Lubrificante degradante, degradante, que une-se-para.

Não se pode perder de vista que o fracasso do inconsciente é o amor. O amor enquanto descuidado, é delírio descambado. Sob cuidado, delírio dirigido, chamaram psicanálise – cura pelo amor. Isto é, amor tratado. Em tratamento. Amor consumado e consumível, para transferência liquidada. Relação de poder sem dominação? Sabemos que só há santo em não se querer sê-lo, ao se renunciar à santidade. E, como se dizia, careceria de se reconhecer, por trás do dito amor de transferência, da submissão ou adoração de nossos filhos, pacientes, alunos, nós mesmos, o desejo nostálgico de libertação desse amor opressivo, amor compulsório, obrigatório. Também, já o disseram: transferência é um amor verdadeiro, mas um falso laço. Mas que laço restaria? Que amor restaria? Ou seria: o que do amor restaria? Laço de verdade, que não é amor à verdade (sobre si ou sobre qualquer Coisa), implica amor justamente àquilo que o que não enlaça, singular e vazio, faz (não é amar o que não enlaça, mas amar ao efeito causado por aquilo que não enlaça) – algo que nunca, jamais se deixará objetualizar, que nunca será objeto de amor: pois como objeto não há como se enlaçar.

Já o resto, o lixo, é esse exatamente o lugar do analista, esse produto produzido por uma análise. Até que ponto seria um produto de mercado, parece questionável – ao menos ainda se preferem *gadgets* a pedaços de lixo. Precisamente, existem aqueles que tentam a todo custo isolar a coisa pura e funcional, de modo a jogar o resto fora. Geralmente acaba sendo o caso de ir direto ao lixo porque só os restos, da voz individual, das dores isoladas e impartilháveis, de todas as falhas de mecanismos, é que trariam aquilo de que se trata. Sem contar a dimensão da publicação, esgoto de pública privada. Não destino, mas fundamento e fundilhos de cada vislumbre do faláciasser. [Em *Scilicet 1*, Lacan, falando do nó, diz: “O que caracteriza o interior e o exterior do corpo são apenas os resíduos, isto é, a merda”; a 8 de julho de 1953, em Saint-Anne, Lacan comentava que: “O homem caga, dá descarga e devora”. E como não pensar no luto que isso implicará? Sem luto não há como passar. Trabalho eterno de luto, no mínimo, pela infindável e insuperável morte da Coisa. Pobre sujeito. Haveria que considerar a posição de sua agressividade e mesmo de sua gratidão.

Aliás, dizer ‘sujeito’ é dizer que a experiência do ‘um-bi-visto’ é feita por um ‘falasser’ que se interroga, no campo da linguagem, sobre a existência de ‘eu’. Bendita *talking-curra*, que sofremos da Outra. Essa fadinha. Basta lembrar-se da Boceta de Pandora: metam o bico lá – dentro de cada um de nós – para ver o que acontece. Quem mesmo vai querer assumir esse lugar? E por quê? Ou, como é que vai sustentar? O que se passa numa cachola pra isso?

Claro, menos zeloso da integridade de um Eu, menos temeroso de manifestações fora de controle próprio, talvez um alguém leve menos a sério pretensões particulares e deixe de se torturar por tropeços.

Diretamente falando, essa dessuposição de saber, condição da liquidação do amor, tem inevitavelmente algo de uma assunção de outra relação com a linguagem, uma linguagem que não mais precisa aparecer como minha, na produção de um saber que não mais reforça a ilusão de minha propriedade e meu domínio. Não se sabe o que se diz, e quando se fala, há mesmo a deposição do falar de si, digo, desde si. Mas se está ali, como efeito, falado, enfim. Uma fala sem alibi, da qual sujeito, como efeito, sou decisivo fiador.

Quem sabe? Não seria um otimismo aí? Não faz mal. Eu aposto para perder. ‘Sempre’ faço a fantasia de que não estou sozinho para, depois, ter que enfrentar a solidão. [A verdade não se fala. Tudo que se fala é falácia. E o corpo, mesmo que seja o palco delas, também é uma ficção passível de correção. A questão de encolher ou se agigantar em oportuno espertar é a de fazer antes e depois num tempo que não passa].

Mas cadê o amor?

PRÉ(VIA)MISSA EM SI

Quando duas personalidades se encontram, uma tempestade emocional é criada. Se elas fizerem contato suficiente para adquirirem consciência uma da outra, ou contato suficiente para que elas NÃO tenham mais consciência uma da outra, um estado emocional é produzido pela conjunção desses dois indivíduos, e o distúrbio resultante dificilmente poderá ser considerado como uma melhoria na situação deles – caso eles nunca tivessem se encontrado. Porém, como eles se encontraram, e já que a tempestade emocional aconteceu, ambas partes dessa tempestade podem optar por fazer ‘o melhor possível de um mau negócio’.

(Como tornar proveitoso um mau negócio. Bion, 1979)

Há oposição entre as falas “bobas” de amor e as tão sofisticadas cartas de amor? Mas não eram todas as cartas de amor Ridículas também? Tanto que nem seriam de amor se ridículas não fossem? Seja como for, se poderia remunerar uma diferença imaginária entre falar e escrever, entre falas e escrituras. Diferentes com-posições e tessituras. Claro que você pode preparar um discurso antes de declamá-lo, escrever uma fala, bem como também pode deixar enunciamentos enquanto escreve despreziosamente – você pode falar com as mãos. Mas o ponto que me alegraria reafirmar é o da distância, digo, da ausência. A fala de amor se diz na presença, enquanto que a correspondência implica a ausência, o afastamento, a ‘perda’ do objeto amado. A primeira é boba porque a presença sempre a torna inútil ou vazia, às vezes arrogante. A segunda é ridícula porque expõe a realidade, a verdade, com a indevida nudez: a realidade da distância, do abismo intransponível entre nós dois. Do abismo da realidade e do muro que a palavra nos impõe, impedindo-nos de atravessar o sentido pelo seu gargalo ralo. Supõe-se aquela velha história de querer imprimir uma abstração tridimensional numa plataforma bidimensional. Bom, mas que isso não nos iniba. Tampouco que se entenda isso como crítica. Não há como não jogar esse tal jogo linguageiro que, pela outra mão, tem muito mais a oferecer do que aparenta. Dizem há muito que a palavra mata a coisa, que o nome anula a existência, curiosamente as presentificando em outro meio. Como exemplo bárbaro e grosseiro, ainda que amoroso: ouça ao pé do ouvido a palavra ‘Mamãe’ durante a transa e veja o que se lhe acontece. A presença em ausência que anula! Rá! Há magia nisso aí, é inquestionável. Magia esta que talvez esteja no sentido e na sofisticação das cartas amorais, digo, de amor. [Não há moralidade possível para elas, sim? Certo e errado quanto

a elas, uma ova!] Quem já leu algo da literatura portuguesa jamais negaria algo do rebuscamento ali alcançado quanto ao esforço de suprir o espaço, a distância, o empenho em transpor o abismo, ainda que o essencial não passe de um precipício, uma precipitação que dá, inexoravelmente com os burros n'água. Não, não é que não há alento! Nem que não seja um carinho, O carinho! Mas que amar é justamente esse impulso dedicado e incondicionado de salvar algo do que, ao cabo, cessou de não se reescrever.

E quantos são os que morreram tentando? Que morreram na praia? Com esse amor verborrágico, desesperado, de juras infinitas, elogios desmesurados e declarações repetidas? Aqueles que empurram e espremem, e batem com a cabeça; que dizem 'eu te amo Muito'. [Ah, os advérbios são sempre suspeitos – o engano deles perpassa a intenção e desrespeita o inacabamento – querem vencer pela força, no mínimo]; que lutam contra as marés escrevendo eu te amo na areia da praia com a eminência ininterrupta da onda que apaga [e ela paga, e a gente escreve de novo, e ela apaga, e agente escreve de novo, e ela apaga...]; enfim, os que se atiram ao sem fim! [...] Não, esses não são os que morreram. Mortos estão aqueles que nunca desamaram. Ou também, coitados, aqueles que do amor nenhum fragmento concatenaram. Quer dizer, do amor somente fragmentos se enunciaram. Assim ele é. Fragmentador, mais que fragmentário? Esse amor, querido, que faz inadimplência da inexistência, da inconsistência e da desarmonia. Quem suplementa não totaliza e nem completa. Faz outra coisa. Dá um jeito. Deve ser mesmo coisa pouco estável ou ainda efêmera. Como a vida? Sim, bora transar a vida, bicho, porque como problematiza Millôr Fernandes, “de todas as taras sexuais, a mais estranha é a abstinência” (como se ela houvesse!)! (nem sempre se pensa na sacada de contramão, também reassegurada: “a maior zona erógena do corpo é a mente” – vai saber por onde cada um sente saudade e chora?) Por que, no fim, *Love will tear us apart again*, nos separar e juntar, *again*, *Alone Together*, *alone with*.

UM CASO DE AMOR

É maravilhoso foder uma mulher peidorreira quando cada estocada arranca um peido de dentro dela. Acho que reconheceria um peido da Nora em qualquer lugar. Acho que eu saberia qual é o dela numa sala cheia de mulheres peidando.

(James Joyce, em uma de suas privadas cartas eróticas e amorosas a sua esposa Nora. 1909)

Não, nem todas as cartas de amor são ridículas. Algumas são sujas. Outras, duplamente sujas, o que é bom (é preciso esfregar bosta nas palavras, para lhes dar dignidade e asseio, retirar delas certas solenidades e atrapalhar algumas significâncias: o despropósito é mais saudável que o solene – mas se pode questionar qual das coisas dá mais ânsia). E, é claro, invariavelmente todas carecem de iniciar-se com “Sim, você tinha razão”. Há que acertar as horas e os porteiros. James Joyce fazia coro, em suas cartas, à canção “nenhum homem jamais será merecedor do amor de uma mulher”. Atabalhado, trepidante, enciumado, excitado. Adorava venerando, desassossegado e afogado, digo, afobado: não podia esperar, não sabia que o amor não tinha pressa e que aguarda em silêncio por milênios (nem que seja sofrendo). Quem ama não fala: quem fala do amor não está amando. Aliás, românticos e poetas escreveram tanto sobre o amor que acabaram por matá-lo, em sincericídio. “Toda má poesia é sincera”, estatelava Oscar Wilde, marcando o perigo de expediente tão “corajoso”, isto é, desesperado.

Corar e chorar não são lá muito díspares.

Por outra via, tem o Balzac dizendo que uma “paixão que não se acredita eterna é repugnante”, e o Badiou explicando que um “eu te amo” sempre é, em muitos aspectos, o anúncio de um “te amo para sempre”. Houve época em que os franceses não viam razão para um “sempre te amarei” inviabilizar um “não te prendo a mim”. Conciliadores ou libertinos? Não era o espírito cigano aquele de olhar para você e depois ir embora, sem dizer o porquê? Correndo perigo. Aquele frio sem fim, inesquentável. Inestimável guardar preces para a manhã seguinte. Pois se a sua carta não chegar, não pense que eu poderei te perdoar. Se o mundo estiver morrendo devagar, não vai dar para acreditar em você. E entre o inseto e o inseticida, vão-se os dedos.

“Para se ter compaixão por alguém e admiração, os nossos cães narcísicos precisam estar bem alimentados de vaidade, arrogância e supremacia cega”, já o disse outro poeta. Saco vazio, desamparo e devastação não param em pé. Mas “eu te amo” é mesmo uma promessa eterna, venérea e só no dito etérea.

AINDA NÃO

O que é o mundo quando o experimentamos a partir do dois, e não do um? O que é o mundo, examinado, praticado e vivenciado a partir da diferença, e não da identidade?

Penso que o amor é isso.

(Elogio ao amor. Alain Badiou)

A saída cristã do amor. ‘Love, love, love: amor deve ser a resposta!’. ‘Tudo o que você precisa é amor’; ‘Paz e Amor’; ‘Faça amor não faça guerra’; ‘Ame como a si mesmo’; ‘O amor triunfará’; ‘O amor vence o ódio’; ‘Só o amor salva’. Hippias são muito cristãos quanto ao amor. E os gregos mesmo adoravam Eros, erastes e eromenos. Aliás, foi na Grécia que casaram a Razão com o Amor, em manjedoura esplêndida como berço. Filosofia. Toda a história tem sido contada através dessa sua perspectiva, amante das verdades. Disseram até que a Ira ficou de lado: como seria a história contada do ponto de vista da Ira? Da Raiva que moveu o mundo ao longo dos tempos?

O fato é que filósofos e tantos outros também se dedicaram à escrita amorosa. Os mais idiotas conseguiram até mesmo explicar o amor (pois idiotas explicam, conseguem explicar). Badiou, uma vez mais o filósofo, fez um irrefutável “Elogio ao amor” – não, é claro, sem ter feito também uma impecável argumentação sobre ‘São Paulo’ e a fundação do universalismo, onde marcava o paulinismo como criador do acontecimento Cristo. Sua eloquência e sapiência invariavelmente nos fazem amar o seu amor platônico, isto é, o seu amor a Platão, a São Paulo e/ou a Lacan: é incrível! ‘O amor como força universal’; ‘O amor é a execução da lei’; ‘a fé somente é eficaz por meio do amor’; ‘se eu não tenho o amor, não sou nada’; ‘Agora então, estas três coisas permanecem: a fé, a esperança e o amor, mas a maior das três é o amor’. E lá se foram dois milênios de aposta no amor como solução. Solução muito cristã e deveras religiosa.

Querem chamar de ‘antiamor’ uma renúncia à parceria da diferença. Toxic narcisismo? Experimentar a partir do dois ao invés do um poderia ser exercício modulativo. Não é sempre e ‘só’. Haveria que ver qual dos Dois toparia deixar o Um aparecer quando preciso fosse. Indiferença tolerante às diferenças e identidades. Indiferença que não toma nenhum como si mesmo, que não é sinônima de desprezo, mas que sem apego sintomático, transa com qualquer repertório. Ora, precisaria ver que dois é esse que não está identificado. Será mesmo que não é um dois em especial? O Dois do Um amante não seria um Um só mesmo? “Diferente a cada encontro” – casei várias vezes

com a mesma mulher? Sei não. Mas continua bonito... identitário. Precisar de alguém, não precisar de ninguém. Denegação dalguns, nalguns identificista.

O diabo amoroso é símbolo signo digno da união. E, afinal, é curioso amar a diferença, ou querer a diferença como o mesmo que amor. Provavelmente esta equação faz perder de um e de outro; faz não ver nem um nem outro. Diferença não é amor, é só diferença mesmo, mesmo que massa. E antiamor não é não ter outro, mesmo que quem não tenha falta do outro não ame. Mal-entendido seja o amor-desamor. Malsucedido seja a própria ideia de saída e solução, vitória e ganho, pelo amor – história sem fim essa de ‘amor é viver a dois e felicidade é ter alguém’ (loucura é não ter ninguém – que te ature). Sem contar o cuidado com a paixão pela contingência e pela surpresa, já que são todas essas coisas muito apaixonantes e cativantes, pequenos príncipes. São poucos os passos para o Martelo das Bruxas, o Suicídio Estoico ou o mero amadorismo.

NÃO É MAIS COMO ANTES

Ele: Você trabalhava como garçonzete num barzinho, quando eu te conheci. Eu tirei você dali, cuidei de você e te dei um rumo. Você virou uma outra pessoa. Agora, cinco anos mais tarde, tens o mundo a seus pés, e o sucesso é facinho pra você. Mas, não se esqueça, fui eu quem te colocou aí, e eu posso te colocar pra baixo também. – Você não me quer? Não me quer mais?

Ela: Eu trabalhava como garçonzete num barzinho, até aí é verdade. Mas mesmo naquelas circunstâncias, eu sabia que as coisas iriam melhorar, com você ou sem você. Os cinco anos que passamos juntos foram mesmo maravilhosos: eu ainda te amo. Mas acho que agora é hora de seguir a minha vida só, por minha conta. É, acho que é exatamente isso que eu devo fazer.

(Don't You Want Me. The Human League)

Há o Elogio do perdão na vida amorosa. A impossibilidade de perdoar não perde em nada para o trabalho bem-aventurado do perdão. Mitos de independência e autoengendramento desbastam a coragem daquele que quando se sente mais forte, ao invés de exercer poder, reconhece sua fragilidade e é mais capaz de tolerar sofrer. Quanto mais dou, mais tenho? Quanto mais dói, mais desdenho, querendo comprar – sentença inafiançável, por certo. Objeto idealizado é objeto de demanda, não de amor. Eros desiludido, desencontro

erodido. Pelo óbvio, fodido. Pulseira libertina e aprisionada. Enfim, perdão só ganha sentido, somente é perdão, quando é chamado a fazer o impossível, o imperdoável: o resto é desculpa.

Não se pode esquecer que não será uma atitude do Outro que nos fará perdoar. Quer dizer, temos um trabalho solitário, exigente de tempo e recolhimento, de modo a lidar com, mais do que uma desidealização extrema do amado, o nosso resto mais próximo – sem anular marcas ferinas. A violência não é muito estranha ao amor. Arruína de cada dois. E que alegria, porém, pode advir disso, senão o mínimo de um bom encontro. Repara, são uma figa. (Diz-se que *Mano Fico* é a representação dos genitais femininos, principalmente o clitóris, associado à fertilidade e ao erotismo). E cem coelhos não fazem um cavalo.

AMOR, ANGÚSTIA E ELABORAR

Ela: Casada há muito tempo. Dezenove anos, vinte e um, vinte e quatro? Por aí. Tinha perdido a conta. Filhos crescidos, morando longe, cada um num canto. Idade deles? Não sabia bem. Dezoito, vinte. Tinham nascido depois do casamento. Disso tinha certeza. Ao menos. Com o marido dava-se bem. Bem? Não sabia mais. Não brigavam, ele voltava pra casa toda noite, cansado, calado. Toda noite, sempre igual. Não o beijava mais. Um dia tinha gostado do cheiro, da voz, das histórias, de fazer amor com ele. Ela em casa, feliz. Feliz? Os filhos cresciam, ela engordava, ele por ali. Sempre igual. Ela em casa, ordeira, comida na mesa. Um dia conheceu um homem. Bonito. Virou amante. Ruim de cama, apressado, não olhava nos olhos, fedía a cigarro. Pra quê? Tentou suicídio. Quase conseguiu. Nuinha, uma perna no parapeito, o marido chegou. Ficou louca? Chorou, gritou até mais não poder, perdeu a cabeça. Foi internada. De novo em casa. Tudo igual. De diferente, os olhares dele, os silêncios mais longos. – Cheguei. Ainda no telefone? – Tá cansado? – E sem vontade de falar. – Aconteceu o quê? – Nada. Televisão, o controle na mão, sem olhar pra ela, sem perguntar se podia trocar de canal. Ela ao lado, olhava sem ver, ouvia sem escutar. E se fosse um cachorro? Ia dar na mesma. Bastava ficar ali, quieta. Suicídio de novo? Nem pensar. Um dia ele morreu. Ficou sozinha. Comprou

o cachorro. Bonito, branco. Televisão, controle só pra ela. Feliz. Felicíssima. Finalmente.

Ele: Casado há mais de vinte anos, três filhos lindos, todos casados, uma já separada. No início se preocupou com ela, agora não mais. O problema era a mulher. No princípio paixão, atração louca, muito sexo. Gostava do cheiro, do hálito, de conversar. Conversavam pouco, é verdade, era calado, caladão, diziam. Depois do amor queria ficar quieto, curtir o silêncio, a respiração tranquila, sono reparador, mãos dadas como se tivesse morrido junto dela, dentro dela. Impossível. – Você ainda me ama? – Amo. À noite voltava cansado. Queria ficar perto, mãos dadas vendo tevê. A casa, porto seguro, a mulher, dona do lar, do seu coração. Queria repousar, fechar os olhos sem medo. Lá podia, só lá. A mulher sempre querendo conversar, ele não conseguia. Ela triste, engordava, enfeava, ele aflito, preocupado. Queria-a junto, quieta, calada, quente, adivinhando a angústia de quem não pode falar. Ela arrumou um amante. Não faz isso comigo, você me mata! Não conseguiu falar. No coração, chumbo, na garganta, pedra congelada. Um dia ela tentou pular da sacada. Ficou louca? Internada, voltou pra casa cada vez mais triste. Preocupado, perdido. Não sabia o quanto era amada? Que era tudo pra ele? Um dia, ele morreu de ataque. Ela comprou um cachorro. Bonito, branco. Televisão, controle, só para ela. Sozinha.

Sem jamais saber o quanto fora amada.

(Contos do divã. Sylvia Loeb)

MEU AMOR

Pensando bem, é possível ter-se tornado ruim em variadas coisas – é possível ser analfabeto em umas sete línguas. Sempre grosseiro e estúpido, apesar de aguçada sensibilidade: fazer é facilmente mais difícil que sentir ou transvêr. Essencialmente pior do que gostaria, mas melhor do que esperava. Equivocadamente, há de-ser assim. Falando quando não deveria e não falando quando devia, agindo ou não de modo igual.

“Mesmo que não seja dono do que digo, queria me responsabilizar por essas palavras buscadas para trazê-las aqui agora”, desse jeito – mesmo que ao lê-las possa já sentir que elas não estão de meu gosto: aquele que lê não é o mesmo que escreve: sequer o que começa a frase é o mesmo que a termina.

Queria oferecer um amor digno de ser amar. Ou que o amor ultrapassasse a necessidade de se ser amado por quem nos pode tornar culpados – malditos culpados! Dardos e parvos reflexos de desespero organizado.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. São Paulo: Escuta, 2001.
- DIAS, Magno Machado. *Ordem e progresso por dom e regresso*. Rio de Janeiro: aoutra, 1987.
- FERENCZI, Sándor. Confusão de língua entre adultos e a criança. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOLDENBERG, Ricardo. *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2018.
- JOYCE, James. *Cartas a Nora*. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- MELLO, Humberto Haydt de Souza. *Acta de Psicanálise*. v. XII, cap. III. Colégio Freudiano de Psicanálise. Brasília: Linha Gráfica e Editora, 1987.
- MELMAN, Charles. *A neurose obsessiva no divã de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2011.
- LACAN, Jacques. Luz, lição de 15 de abril de 1980 do seminário Dissolução, *Ornicar?* 22/23.
- RECALCATI, Massimo. *Não é mais como antes: elogio do perdão na vida amorosa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- SAFATLE, Vladimir. *Lacan, revolução e liquidação da transferência: a destituição subjetiva como protocolo de emancipação política*. Estud. av., São Paulo, v. 31, n. 91, p. 211-227, Dec. 2017.
- SILVEIRA JUNIOR, Potiguara Mendes da. *A tradução: dados para uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: aoutra, 1983.
- SOLER, Colette. *O que faz laço?* São Paulo: Escuta, 2016.

Tradução

A identidade sexual: entre a sexualidade, o sexo e o gênero

Silvia Bleichmar

Tradução: Maria Cristina Perdomo e Rogéria Coutinho Brandani

A evidência de mudanças nas formas de expressão da sintomatologia sexual – infantil e adulta –, observáveis tanto em nossa clínica como no entorno cultural, mostram, como temos proposto há algum tempo, a urgência de uma atualização de nossas formulações de base. Isso com o objetivo de identificar aqueles enunciados que permanecem, transcendendo as mutações na subjetividade que as modificações históricas e políticas produzem, e reencontrar neles os elementos permanentes do funcionamento psíquico, que não somente se sustentam, mas que assumem maior vigência em razão de que se tornam o único horizonte explicativo possível para esses novos modos.

Quem consideraria hoje como sendo da ordem da perversão as maneiras pelas quais um casal articula, em sua relação amorosa, formas pré-genitais com modos genitais ou, inclusive, os modos de produção mútua de prazer sob formas não tradicionais através da recorrência a um erotismo que possibilite o encontro impedido pela anatomia naqueles casos em que está obstaculizado o pleno acesso genital¹? Essas questões nos levam a revisar a definição de perversão como exercício de uma sexualidade com dominância das chamadas, segundo Freud, transgressões anatômicas, que fazem parte hoje, em grande medida, da sexualidade genital, e que encontraram um novo modo de inserção na sexualidade adulta, não necessariamente perversa.

Porque, além do caráter subversivo e globalmente não superado que possui um texto como *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, é naquelas propostas que ficaram impregnadas por uma visão teleológica da sexualidade submetida a um fim sexual reprodutivo, onde se manifesta, mais claramente, a necessidade de revisão. Isso não somente pela caducidade histórica das colocações, mas porque entram em contradição com enunciados centrais da teoria e da prática psicanalítica. Enunciados que fizeram desmoronar, precisamente, a relação existente entre sexualidade e procriação, desfazendo precocemente os laços entre os fins biológicos, morais em última instância, e os movimentos de prazer que definem os modos de acoplamento libidinal que regem o corpo e o psiquismo dos seres humanos. Isso bem antes que a história da ciência obtivesse os meios para sua realização ou que a sociedade civil tornasse pública a realidade de suas práticas sexuais.

1 Todos os que pertencem a uma geração que assistiu, através da cinematografia, as consequências da Guerra do Vietnã, lembrarão o enorme impacto que causou esse filme comovedor, chamado *Coming Home*, traduzido como *Amargo Regresso*. Nele, grande parte do enigma que angustiava os espectadores – e para além da temática de profunda implicação política e subjetiva em jogo – girava em torno da forma pela qual se aguardava que o casal, formado por um homem mutilado pela guerra e uma mulher anatomicamente completa, encontrasse uma forma de resolução sexual da paixão amorosa.

Começamos, então, por definir uma série de pontos que permitem um reordenamento da questão sexual, separando cuidadosamente aqueles elementos nucleares da teoria psicanalítica daqueles da teoria sexuais com as quais os seres humanos, desde a infância, tentam elucidar o mistério, não apenas da diferença entre os sexos, mas também da função que cumprem suas próprias excitações como elementos que movimentam seu desejo sexual.

Embora seja óbvio que a sexualidade humana não se reduza aos dois rubros canônicos que a sexuação impõe – entendendo por sexuação as regras que definem as práticas genitais sob as formas de recomposição que ligam a sexualidade ao semelhante em masculino/feminino –, parece necessário redefinir, hoje, quase um século depois do artigo *Três Ensaio*s, seu aporte fundamental: o fato de que a sexualidade humana não apenas começa na infância, mas que se caracteriza por ser não redutível aos modos genitais, articulados pela diferença dos sexos, com os quais a humanidade tem estabelecido, desde o manifesto, seu caráter.

Esse aporte fundamental, que considera como sexual tudo aquilo que, sendo da ordem do prazer, implica um *plus* que não se reduz às atividades autoconservativas, vem acompanhado, desde o começo, de uma proposta de sexualidade em dois tempos. Tempos que Freud considerou a dominância como biologicamente determinados, embora deixou em aberto, ainda que fosse apenas nas margens, a possibilidade de que o primeiro tempo, aquele que corresponde ao “pré-genital”, fosse o efeito da introdução da sexualidade adulta, da implantação precoce da sexualidade adulta, pulsional, genital e paragenital, na criança.

Um parágrafo notável do artigo *Três Ensaio*s propõe uma linha teórica que, não sendo dominante ao longo do trabalho, permite justificar, contudo, essas ideias que pretendemos expor. Trata-se do parágrafo relativo ao *Objeto sexual da época do aleitamento*, curiosamente incluído na terceira parte do livro, destinada à metamorfose da puberdade, na qual coloca em correlação a descoberta do objeto genital com o objeto sexual dos primeiros tempos da vida:

Para a criança, o trato com a pessoa que dela cuida é uma fonte contínua de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas, ainda mais porque essa – que geralmente é a mãe – dedica-lhe sentimentos que se originam de sua própria vida sexual: acaricia, beija e embala a criança, claramente a toma como substituto de um objeto sexual completo. Provavelmente a mãe se horrorizaria se lhe explicassem que

todos os seus carinhos despertam o instinto sexual² do filho e preparam a posterior intensidade desses instintos. Ela considera puro amor assexual aquilo que faz, pois evita cuidadosamente proporcionar mais excitações aos genitais do filho do que o que parece inevitável na higiene corporal [...] É verdade que um excesso de carinho será prejudicial por acelerar o amadurecimento sexual [...] justamente os pais neuropáticos, que se inclinam muitas vezes ao carinho desmesurado, são os primeiros a despertar no filho, com suas carícias, a predisposição à doença neurótica. Vê-se, por esse exemplo, que pais neuróticos podem transferir seu distúrbio para os filhos por caminhos mais diretos que o da hereditariedade.³

Como ficam nossos dois tempos canônicos, um que corresponde à pulsão parcial, e o outro ao genital, quando incluímos a sexualidade do adulto como produtora de excitações, se o adulto está atravessado, simultaneamente, por seus desejos inconscientes, “pré-genitais”, infantis, e eles se unem, necessariamente, em sua sexualidade genital já, não só conhecida, mas experienciada, excitante e que rege todo seu movimento libidinal?

Vemo-nos obrigados, então, a sustentar, e sobre isso temos falado amplamente em outros textos, que os dois tempos da sexualidade humana não correspondem a duas fases de uma mesma sexualidade, mas a duas sexualidades diferentes: uma derivada dos cuidados precoces, implantada pelo adulto, produtora de excitações que encontram vias de ligação e descarga sob formas parciais (sempre de caráter “frustrado”, já que se esquece, com demasiada facilidade, que a masturbação genital infantil não alcança caráter orgástico, não sendo, por isso, equivalente à sexualidade adulta, exceto em certos casos em que as crianças foram convocadas precocemente a seu exercício), e outra com primazia genital, estabelecida na puberdade e situada no caminho da maturação que possibilita o rearranjo genital, não constituindo, então, uma simples reedição do ápice da sexualidade infantil, mas um modo de recomposição ordenado e

2 Nota das tradutoras: Apesar da tradução da Editora Companhia das Letras optar pelo termo “instinto”, salientamos que o termo utilizado por Freud, *Sexualtrieb*, indica que o que é despertado é a pulsão sexual.

3 FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas*. v. 6, p.144-145. Editora Companhia das Letras, 2016.

guiado pela existência de uma primazia de caráter genital. Contudo, o paradoxo consiste, diria Laplanche, em que o “instinto sexual”, se é que algo permanece dele, a maturação puberal encontra todo o campo já ocupado pela sexualidade paragenital: os primeiros tempos marcaram fantasmática e erogenamente um caminho que, se não encontra vias de articulação, estabelece que o percurso se oriente sob formas fixadas que determinam, orientam ou obstaculizam as passagens de um modo de gozo a outro.

No entanto, – e eis aqui outra questão que se apresenta complexa – esses movimentos pulsionais são, a princípio, anteriores ou, melhor dizendo, têm sua origem em tempos prévios ao reconhecimento pela criança de que há um modo de bipartição da espécie humana que está determinado pelo sexo. A diferença entre homens e mulheres com as quais se estabelece a bipartição marcada por signos de cultura não remete no início, necessariamente, a masculino-feminino. Está articulada pela diversidade de signos, e não pela diferença anatômica e, em função disso, não tem incidência na orientação do desejo sexual-pulsional da criança, mas nos modos com os quais se determina seu pertencimento a um ou a outro gênero.

A sexualidade não é um caminho linear, que vai da pulsão parcial à assunção da identidade, passando pelo estágio fálico e pelo Édipo como marcos de seu percurso, mas que se constitui como um complexo movimento de recomposições e ressignificações, de articulações provenientes de diferentes estratos da vida psíquica e da cultura, das incidências da ideologia e das moções desejanter, sendo necessário, então, dar a cada elemento seu peso específico.

DIFERENÇA ENTRE GÊNERO, SEXO E SEXUALIDADE

A importância adquirida nos últimos tempos pela noção de gênero como elemento central de diferenciação em relação às categorias sexuais deve ser considerada sob duas grandes questões que não podem ser deixadas de lado. Em primeiro lugar, o fato de que os novos estudos de gênero se inscrevem, indubitavelmente, no interior de um avanço político progressivo em relação à visão predominantemente ao longo do século – visão que vem desde a Antiguidade – a partir da qual “Deus os fez homem e mulher”, afirmação enganosa que, sob a aparência do reconhecimento de uma anatomia diferencial e de modos de representação e formas de inserção na vida social e política, encobre a subordinação a um dos dois termos, o homem.

O mérito desses estudos de gênero consiste, justamente, em implodir esse modo de conceber a organização, que implica a subordinação a um único modo de representação, o masculino, e seria correto, possivelmente, circunscrever os limites dos estudos de gênero no interior de um movimento de maior alcance, presente tanto na História como na Antropologia e, atualmente, na Psicologia

com seus desdobramentos na Psicanálise, que têm um importante ponto de articulação com os estudos culturais, ao conceber as culturas subalternas na sociedade não já como culturas produzidas, mas como culturas impostas e, acima de tudo, ao colocar em discussão o caráter de cultura subalterna, dependente, aquela que não constituiu o pensamento oficial⁴.

Desde essa perspectiva, os estudos de gênero implicam um avanço importante ao propiciar um desprendimento dos enunciados que organizam os modos de representação, tanto femininos como masculinos, de uma suposta dependência da Biologia, como correlato direto da anatomia constituída enquanto substrato de toda produção ideativo-ideológica, gerando novas possibilidades de abordagem do tema.

A segunda questão, e esta compete à Psicanálise, enquanto acolher e pretender outorgar um lugar aos chamados “estudos de gênero”, remete à delimitação e ao reposicionamento conceitual dessa noção em relação a seu objeto e ao *corpus* central. Reposicionar metapsicologicamente esses elementos: sexualidade, gênero e sexuação, torna-se uma questão central.

Temos dedicado os primeiros parágrafos deste escrito a assinalar que a sexualidade, em termos da Psicanálise, não se reduz aos modos de ordenamento masculino-feminino e muito menos às formas com as quais a função sexual estabelece os rearranjos com a genitalidade, uma vez dadas as condições para que o sujeito possa aceder a ela. Estabelecamos agora a diferença necessária entre os movimentos desejantes, anárquicos, pulsionais, que atravessam a sexualidade ao longo da vida (genitais ou para-genitais, em razão de que não constituem um “pré” destinado a harmonizar-se) e aquilo que é da ordem da identidade sexual, ou seja, os modos com os quais o sujeito se reconhece como pertencendo a um ou outro setor no qual, não sem dificuldade, se posicionam a maioria dos seres humanos.

É desde esta perspectiva que se faz necessário assinalar que a identidade sexual tem um estatuto tópico, como toda identidade, que se posiciona do lado do Eu. Faço essa afirmação porque, embora bem conhecida, não é sempre lembrada. Enquanto tal, essa identidade, seja qual for, é da ordem da defesa em razão de que os enunciados que articulam a identidade egoica caracterizam-se pela exclusão, não apenas dos elementos de diferenciação com relação ao exterior, mas também ao externo/interno do inconsciente. Toda afirmação “sou mulher”, “sou homem”, “sou argentino”, “sou generoso”, opera ao modo de um centramento, deixa inevitavelmente do lado de fora os elementos que, pela força do contrainvestimento, tenta excluir, desempenhando em particular

⁴ Ver, com relação a isso, o texto de Carlo Ginzburg. *El queso y los gusanos*, Barcelona, Muchnik, 1981.

uma função no estabelecimento da denegação, naquilo que conhecemos como “negação determinada” a partir de Hegel, e que Hyppolite retomou colocando-a à disposição de Lacan em seu comentário a respeito da *Verneinung*⁵. O “sou mulher” ou o “sou homem”, núcleo da identidade sexual, não somente contém os atributos de gênero, mas também funciona como contrainvestimento, em particular, dos desejos homossexuais sepultados a partir do recalque dos elementos que costumamos considerar, seguindo Freud, como da ordem do Édipo invertido.

Esta afirmação é solidária com outra afirmação que temos proposto há vários anos: o inconsciente se define por sua dessubjetivação radical. O inconsciente não é uma segunda consciência, não se rege pela lógica da exclusão, nem da temporalidade, nem da negação, de modo tal que seria impensável que nele se estabeleça a alternativa masculino-feminino, alternativa esta que implica, necessariamente, a lógica da disjunção (“ou” masculino “ou” feminino). Pelo contrário, no inconsciente coexistem, sob a forma inclusiva, as categorias que para o Eu são da ordem da disjunção. Tampouco é o inconsciente da ordem de um sujeito, inclusive de signo oposto ao do pré-consciente: não se trata de que no interior de cada um de nós exista alguém – como muitas vezes foi degradado e vulgarizado – que quer o oposto ao que aparentemente queremos (se odiamos é porque, “de verdade”, amamos; se somos generosos, é porque “de verdade” há outro egoísta dentro de nós, que quer ter tudo; se somos heterossexuais é porque, “de verdade”, nos defendemos de nosso outro interior homossexual e vice-versa).

Se o que caracteriza o inconsciente é a ausência de sujeito – não há nele um Eu verdadeiro oposto ao Eu falso que acreditamos ser – a afirmação de Freud em relação a que no fundo todos somos homossexuais deve ser tomada na perspectiva correta: no inconsciente de todos os seres humanos, há desejos, moções desejanter, que não levam em consideração o caráter masculino ou feminino do objeto. Porém, esses desejos, se emergem, são qualificados pelo Eu como homossexuais⁶ do mesmo modo que ocorre com aqueles sentimentos ocultos, mas eficientes, em relação aos quais Freud afirma, na *Metapsicologia* – no terceiro capítulo do *O inconsciente*, deve ser estabelecido seu estatuto *a posteriori*: são inconscientes uma vez que foram qualificados pelo pré-consciente,

5 HYPOLITE, J. Comentario hablado sobre la Verneinung de Freud. In: *Escritos II. Lacan*. p.393. México, 1975.

6 E, do mesmo modo, como heterossexuais no caso dos homossexuais. As moções recalçadas são de ordem inversa àquelas que o sujeito possui do lado do Eu. Já é hora, então, que reconheçamos, apoiados por nossa clínica e nossos desenvolvimentos teóricos, o lugar da heterossexualidade recalçada naqueles que constituem sua identidade sexual como homossexuais.

uma vez que o Eu assumiu sua qualificação, uma vez que o investimento se reconhece como afeto quando ligado a um enunciado que o desvela.

A universalidade desses desejos é indubitável em razão de que – ao menos na sua maioria e até o presente – as relações libidinais que marcam a sexualidade infantil são o efeito das ações realizadas por seres humanos que só *a posteriori* serão reconhecidos como portadores de diferenças sexuais. Na medida em que se constituem antes de qualquer diferença, as relações com esses objetos não estão atravessadas pelas preocupações que assumirá depois a identidade sexuada enquanto organizadora do Eu, por um lado, e da diferença anatômica, por outro.

Isto, naturalmente, do lado da criança, mas não do adulto que se encarrega dela. Se o adulto exerce uma apropriação ontológica, se lhe diz o que e quem é, em princípio, não há dúvida de que neste exercício a determinação masculino-feminino é central, e rege-se pela proposta de concordância estabelecida socialmente entre o sexo biológico e a identidade proposta. Sabemos que, em outras culturas, a bipartição não é tão estrita como na nossa: o caso dos *Berdaches*, das culturas aborígenes americanas, seu modo de transexualismo regulado a partir de uma legislação que permite, em última instância, três gêneros, marca, em um mesmo movimento, a possibilidade de outras formas de regulação e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de eludir certa regulação.⁷

Não há dúvida de que essa classificação está sustentada em algo da ordem do real, e dá conta disso não tanto em seus conteúdos, mas nos modos com que o objeto se oferece à captura da linguagem. O fato de que os pais digam que o infantil sujeito é menino ou menina não está definido pelos seus desejos, e sim por uma distribuição arbitrária de cultura que se sustenta na relação com a diferença anatômica, que opera como substrato no real. A partir dessa diferença se estabelece a pauta básica com a que se define a diferença que organiza os seres humanos para além de outros atributos. Neste sentido, podemos afirmar que os enunciados que remetem à sexuação masculino-feminino estão instituídos no ser mesmo do sujeito, se enraízam na estrutura do Eu e são anteriores ao reconhecimento da diferença anatômica – mesmo que possam ser retomados do lado dos ideais: o ser homem ou ser mulher forma parte da trama básica do Eu, mas o “ser todo um homem” ou “toda uma mulher” pode, evidentemente, ser adscrito ao Ideal do Eu.

7 A esse respeito pode-se consultar Mondimore, F. M. *Una historia natural de la homosexualidad*, Barcelona, Paidós, 1998, p. 29. Gilmore, D.D. *Hacerse Hombre*, Barcelona, Paidós, 1994.

As noções de “diversidade” e “diferença”, introduzidas por Freud, tentam justificar este processamento pelo qual se articula o gênero na diferença anatômica: a primeira alude ao conjunto de atributos que desencadeia o reconhecimento com o qual se pautam modos diferentes de organização entre homens e mulheres; a segunda oferece um lugar à teoria espontânea com a qual a criança organiza, sob o modo da lógica binária, as categorias masculino-feminino a partir da percepção da diferença sexual anatômica.

Uma consequência teórica e clínica deriva disto: a atribuição de gênero é anterior ao reconhecimento da diferença anatômica e coexiste com a sexualidade pulsional sem a obstaculizar. É possível sustentar desejos pulsionais pelo pai sem que isto entre em contradição com o ser homem, mas um homem não pode se vestir de mulher sem entrar em conflito com a identidade proposta. A extensão do conceito de polimorfismo perverso infantil aos transtornos de gênero constitui, se não um dos maiores pecados, um dos maiores erros da Psicanálise com crianças: acreditar que um menininho de 4, 6 ou 8 anos que quer ser menina faz essa escolha porque ainda está atravessado pelo polimorfismo perverso e não definiu sua identidade sexual é de uma limitação intelectual só equiparável à irresponsabilidade que implica.

As razões dessa troca da identidade são múltiplas, e de acordo com as investigações que realizamos, voltamos a afirmar que não se reduzem ao posicionamento do menino perante a castração, mas abarca questões muito mais complexas sobre as quais temos obrigação de nos debruçar. Assinalemos brevemente que não é a mesma coisa o travestismo anterior ao reconhecimento da diferença anatômica, que pode se sustentar para além dela e colocar em xeque a identidade sexual quando esta se instala, produto de uma falha primária no recobrimento envolvente das membranas egoicas, com uma regressão da eleição à identificação com o objeto – no caso do menino – e o travestismo posterior ao descobrimento da diferença, em que o gênero se articula com o sexo ou, para sermos mais precisos, entra em discordância com este e se entrecruza nas complexidades das eleições com as que devem se estabelecer as relações entre desejos e ideais.

Polimorfismo perverso: a que se refere Freud, mais precisamente, com este conceito? Sabemos que a perversão, entendida como reverso da neurose, alude à ausência de recalque daqueles desejos que o neurótico guarda zelosamente em seu inconsciente – tão zelosamente, que ele mesmo os desconhece. De modo tal que essa perversão é, a princípio, o exercício da pulsão parcial, ou seja, o exercício do autoerotismo, oposto ao amor de objeto. Na relação de amor ao semelhante, renuncia-se os modos do autoerotismo que podem causar sofrimento moral ou físico ao outro, seja este sofrimento da ordem do asco, do pudor ou da dor. O infantil sujeito deve abandonar esses modos de gozo

que encontram, no começo, escassas resistências, já que se estabeleçam os diques anímicos que formam parte dos atributos da moral, “sem que se saiba muito bem – disse Freud nos *Três Ensaio da Teoria Sexual* o que quer dizer moral”. O polimorfismo perverso é, então, anterior à formação do critério moral na criança e este critério moral está sempre atravessado pelo amor ao semelhante. As renúncias pulsionais se estabelecem no momento em que sua satisfação ameaça o amor do Eu – por si mesmo, como autoestima, ou pelo objeto – e só se conservam na solidão do gozo desabitado da relação com o outro, nos próprios limites do prazer compartilhado⁸.

Redefinamos, então, a perversão, como processo no qual o gozo está implicado a partir da dessubjetivização do outro. Não se trata da transgressão da zona, nem do modo de exercício da genitalidade, mas da impossibilidade de articular, na cena sexual, o encontro com outro humano. A perversão, na sua fixidez, na imutabilidade do gozo proposto, é, no limite mesmo, o autoerotismo exercido sobre o corpo do outro, despojando esse outro da possibilidade de se posicionar como sujeito que fixa os limites da ação, não só sexual, mas também intersubjetiva.

Os elementos até aqui expostos permitem entender muito mais claramente porque eu me recuso a considerar a homossexualidade do lado da perversão. O que define a perversão não é o posicionamento do sujeito perante a sexualidade genital, nem perante a castração – como já foi dito exaustivamente nos últimos anos em uma equivalência fácil entre diferença anatômica e reconhecimento da alteridade – mas sua impossibilidade de estabelecer, na relação genital com o outro, um reconhecimento da intersubjetividade que dá acesso ao prazer compartilhado e que ligue o sadismo, com o qual a pulsão parcial inevitavelmente exercita sua descarga, a partir desse reconhecimento do outro.

É neste sentido que a perversão em que a criança pode ser imersa por parte do adulto acarreta um arrasamento da subjetividade, já que a genitalização precoce a qual é submetida não é um traço que se soma ao polimorfismo perverso, mas um encaminhamento de toda a vida libidinal na direção fixada pelo gozo do adulto – ou do parceiro mais ou menos mais velho.

Alguns fragmentos do relato de um jovem travesti colhido na *Ciudad Nezahualcoyotl*, zona marginal do México, podem servir para ampliar nossa

8 Isto marcaria os limites de toda psicoterapia de casal pela simples razão de que o inconsciente começa onde acaba o vínculo com o semelhante. Como explorar o autoerotismo, como dar lugar para que ele apareça no discurso, quando um dos membros do casal se queixa do exercício que o outro faz do autoerotismo, obrigando o terapeuta a degradar sua posição de neutralidade, tendo que instalar a censura para que o amor entre eles se sustente?

reflexão a fim de articular as categorias que estamos propondo. A complexidade do caso não permite uma classificação fácil, muito menos um enquadramento psicopatológico, dado que a entrevista foi realizada no âmbito de uma investigação, realizada por Annick Prieur, sobre pessoas que se reuniam na casa de Mema (feminino de Memo), um homossexual da região que acolhe jovens do bairro, sobretudo jovens homossexuais afeminados. Todo o trabalho realizado por Prieur, que nos permitiu ter acesso ao material⁹, evidencia a dificuldade para articular essas questões relativas à sexualidade, gênero e sexuação, por conta da estreiteza com a qual a bipartição masculino-feminino não possibilita abranger esses modos da sexualidade.

Trata-se de um jovem chamado Martin – Marta na atualidade – que relata como, desde sua primeira infância, sente-se atraído pelas coisas femininas (transtorno, neste caso, de gênero):

Eu brincava de boneca e queria sempre ser a mamãe das bonecas. Tinha já essa tendência, gostava das bonecas, as adorava. No Natal, recebia de presente um carrinho ou um caminhão. Então, durante um instante, brincava com meus carrinhos, mas o que me interessava eram as bonecas da minha irmã (fala espontânea de Martin).

Este transtorno de gênero, anterior à percepção da diferença anatômica, se engancha depois com a curiosidade pelos genitais:

Eu gostava de ver os homens fazerem xixi (...) o que mais me fascinava era ver os adultos no banheiro, ver seu aparelho. Eu já tinha esta (...) isso (...) o que me levaria para a homossexualidade. E não me lamento disso, mas o que ocorreu é que, antes de que eu quisesse fazê-lo, me forçaram a fazê-lo. Um vizinho me obrigou a fazer amor com ele (...) eu tinha seis anos.

Perante a pergunta, realizada pela entrevistadora, sobre se ele acreditava que o vizinho tinha notado aspectos afeminados nele antes de ter relações sexuais, ele responde:

9 PRIEUR, A. Little boys in mother's wardrobe. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, sob a direção de Pierre Bourdieu, n.125. Homosexuales, Paris, 1998.

Sem dúvida. Mas, será que eu sei? Imagino que ele havia notado que eu tinha tendências homossexuais (...) talvez ele notou ou, talvez, ele era realmente um perverso, um desses que gosta de ter relações sexuais com crianças, e que fazem deles homossexuais, mesmo se não têm tais tendências (...).

O transtorno de identidade – cuja causa desconhecemos porque a entrevista não foi realizada sob um modo psicanalítico, mas sociológico e, em particular, construtivista – aparece precocemente. Trata-se de um desejo pelos objetos femininos, um desejo de ser mulher, antes de que isso represente algo desde o ponto de vista da sexualidade genital. Depois, sobre isto, se impõem o abuso, e o abuso inscreve um modo de gozo que a criança não escolheu; não porque não pudesse escolhê-lo *a posteriori*, mas porque é “antecipado” pelo adulto e é neste movimento onde se forja algo da ordem da articulação transtorno de gênero-escolha de objeto sexual.

Assinalemos, então, dois tempos: um relativo à alteração da identidade de gênero, entendida como as atribuições realizadas pela cultura em relação àquilo que corresponde assumir como conduta social em concordância com o sexo biológico. Essas atribuições são da ordem social e política e correspondem ao que temos denominado, em outros momentos, da ordem da “produção de subjetividade” – modos histórico-políticos de produção de sujeitos sociais.

O segundo tempo, caracterizado pelo lançamento prematuro à sexualidade genital, pela intromissão, por parte do adulto, que genitaliza o momento de descoberta e fascínio pela diferença anatômica. Neste segundo tempo, podemos dizer, seguindo Freud, que por regra geral a diferença anatômica – que ele denomina etapa fálica – antecipa, no nível representacional, a fase genital, que terá lugar no momento da puberdade. No caso de Martin-Marta, a genitalidade produz uma ligação precoce entre enigma da diferença e gozo genital antecipado, fixando o modo de evolução de toda sua constituição psicosssexual.

Passemos agora a um terceiro tempo, que se constitui quando, ao chegar ao colégio, seus colegas e professores significam esse modo de escolha genital, estabelecendo uma amarração entre identidade e desejo sexual: “eles me chamavam de veado, inclusive os professores (...) Eu dizia que não, porque tinha terror que falassem para meus pais.”

O quarto tempo se produz quando, expulso da escola por suas inclinações sexuais, descobre outros homossexuais, neste caso travestis.

Eu acreditava que eram mulheres, mas alguém me disse: não, são homens vestidos de mulheres. Eu não podia acreditar, mas falei para mim mesmo: se são homens, então posso ir com eles, ser como eles, quero me parecer a uma mulher. Então eles me apoiaram, me ajudaram.

Neste momento, o travestismo é o modo de poder aceder à relação com um homem a partir da assunção de uma identidade feminina. O desejo de se vestir de mulher não aparece na infância, só aparece o desejo de possuir os objetos que as mulheres possuem – não é difícil, a partir de outros desenvolvimentos que temos já iniciado, suspeitar que se trata de obter algo da ordem do pai a partir de assumir o lugar da menina: é notável que a curiosidade se estabeleça com o pênis, que queira ver como é o pênis de outros homens.

Última etapa: Martin, assumido definitivamente como Marta, decide se desprender da roupa masculina e se tornar mulher através da tentativa de uma cirurgia. Contudo, é aqui onde se coloca o conflito: ele continua se considerando homossexual e não uma mulher:

Sinto muito orgulho. Sou um homossexual, mas sei que me tornei quase uma mulher. Quero dizer fisicamente, tudo, meu rosto, meu corpo. Sou uma mulher, não? Isso não quer dizer que, para ser uma mulher, eu renuncie a ser um homossexual (...) me camufo em mulher porque tenho medo das pessoas. Mas, em mim mesmo, estou orgulhoso de ser homossexual (...) porque ouvi dizer que muitos homossexuais foram gente importante na história, não é verdade? Escritores, pintores (...) Então, sim, posso estar orgulhoso (...).

Seu discurso não é muito diferente do de todas as outras minorias, que apelam às realizações do estamento para revalorizar sua posição: Einstein, Freud, Salk... Todos os judeus compartilham, de uma ou de outra maneira, suas realizações, assim como Martin-Marta quer compartilhar os de Jean Gené, Foucault, Bacon, Oscar Wilde..., que o salvam do desprezo e da marginalização.

Cada um dos elementos presentes neste breve material demonstra que a identidade sexual, os traços atribuídos ao gênero, a eleição sexual de objeto, a curiosidade fálica, o gozo genital não fazem parte de um contínuo e nem se manifestam em uma linha de articulação por somatória, ou que dependam um

do outro. Cada um deles deve ser remetido às suas próprias determinações, cada um aparece como causa eficiente na aquisição do outro, mas sem que isso implique uma ordem de gênese.

Após essas observações, algumas conclusões se impõem.

Se há gênese da sexualidade, esta gênese deve ser construída *a posteriori* – *Nachträglich*, por *après-coup* –, tomando cuidado para não estabelecer um excesso de generalização ao apontar causas e consequências.

A identidade de gênero não é suficiente para recobrir a identidade sexual. A identidade de gênero prioriza os modos histórico-sociais de produção de subjetividade, sendo estes insuficientes para explicar as formas de articulação do desejo que se gera na intersecção entre os sistemas psíquicos. Os estudos de gênero devem, então, encontrar seu lugar preciso, como parte do sistema ideológico-representativo, que tenta uma bipartição representacional em relação aos sexos biológicos. Mas, a Psicanálise não pode de modo algum retroceder perante a afirmação realizada por aqueles que entendem o sexo do lado da Biologia, e o gênero do lado da representação¹⁰.

Entre a Biologia e o gênero, a Psicanálise introduziu a sexualidade em suas duas formas: pulsional e de objeto, que não se reduzem nem à Biologia e nem aos modos dominantes de representação social, mas que são, precisamente, as que fazem entrar em conflito os enunciados atributivos com os quais se pretende uma regulação sempre ineficaz, sempre no limite.

A perversão, como categoria, deve ser re-situada no estatuto que implica a organização de uma psicopatologia submetida à prova metapsicológica. Entre as duas opções de organização propostas ao longo da obra freudiana, o exercício da pulsão parcial (nos textos da primeira época) e a dominância da *Verleugnung* (segundo as diversas traduções como ‘desestimar pela razão’, ‘desmentido’ ou ‘renegação’) na última parte da obra, a partir da primazia da premissa fálica, algo eficaz continua circulando. É verdade que, às vezes, circula de modo absoluto à margem da história e dos modos com os quais se constituem as diversas correntes da vida psíquica, levando ao risco de um moralismo decadente que empurre a Psicanálise para o século XIX ao invés de convocá-la para o século XXI.

10 Em relação a isso, ver Robert Stoller, que em *Presentations of Gender* define a questão nos seguintes termos: “(...) o estado de macho ou fêmea tem uma conotação biológica, a identidade de gênero implica um comportamento psicologicamente motivado (...)”. Yale University Press, New Haven, Londres, 1985.

Resenha

Sobre a mente do analista: questões e implicações

Eliane Michelini Marraccini

Resenha do livro *A mente do analista* de Luís Claudio Figueiredo

O título deste livro desde logo surpreende ao convocar o leitor a refletir sobre a mente do analista, condição essencial para que se dê o processo de análise, mas que não costuma ocupar o centro das discussões e publicações em Psicanálise.

Portanto, considero bastante significativo e especialmente oportuno que este tema, delicado e complexo, tenha instigado Luís Claudio Figueiredo a produzir uma publicação específica no momento especial em que nos encontramos. Com franca proliferação de cursos de Psicanálise, muitos deles com o objetivo de formação de psicanalistas para atuarem na clínica, porém nem todos oferecem subsídios fundamentais e plenas condições para realizar o que se propõem.

Torna-se ainda mais séria a questão diante da perspectiva atual de a formação do analista, com sua complexidade e singularidade, na busca de integração do estudo teórico com a supervisão da prática clínica e, sobretudo, com a experiência analítica pessoal, pode ser transmutado em básico curso universitário de Bacharelado. Um entendimento muito diverso e contrário àquele concebido por Freud, que tem sido seguido e aprimorado ao longo de mais de um século de existência da Psicanálise.

O ensino da Psicanálise sempre esteve presente no meio acadêmico e é bastante importante que ali tenha um lugar à altura de sua expressão, no amplo espectro de práticas psicoterapêuticas e realizações culturais. Porém, ensino dessa natureza encontra-se muito distante daquele que trata verdadeiramente da formação de um psicanalista, em sua ética, seus princípios, singularidades e especificidades. Refiro-me a uma formação que deve se manter em caráter continuado e permanente, como ocorre com aqueles que investem em seu aperfeiçoamento com interesse e responsabilidade pela atividade que exercem na prática.

Nesta direção, mais do que nunca, o exame consistente e detalhado do que está implicado em uma mente de analista precisa ser destacado para que se resgatem os princípios éticos e científicos que regeram a fundação da Psicanálise enquanto teoria e método. Princípios que são plenamente válidos e justificados, mesmo que a prática clínica contemporânea comporte elementos renovados e criativos que se desenvolveram e, reconhecidamente, foram incorporados no seu corpo de conhecimento.

Luís Claudio dedicou-se ao exame da mente do analista com amplitude e profundidade, destacando aspectos necessários e importantes para refletirmos, enquanto psicanalistas comprometidos com a nossa função e responsáveis por seu exercício, com a seriedade que demanda o sofrimento humano e suas implicações. Sofrimento cada vez mais com amplo espectro de expressão, multiplicação de quadros clínicos severos com manifestações

variadas e complexas, além de sintomatologias que ganham diversidade na atualidade. Questões, enfim, que demandam uma escuta criativa e polifônica, como apontou o autor, na busca de tentar apreender, sem nunca efetivamente conseguir abarcar, o infinito compreendido em cada encontro entre infinitos (inconscientes), que caracteriza o encontro analítico.

Como autor criativo, Luís Claudio se apropria de teorias psicanalíticas para pensar sobre elas e ir além com originalidade, do mesmo modo pelo qual se encontra permanentemente instigado a sonhar, pensar e perlaborar em torno da experiência emocional única de ser psicanalista.

Neste livro em especial, busca debruçar-se sobre a clínica psicanalítica e a potencialidade que comporta, sem deixar de considerar os limites não ultrapassáveis de um processo de análise, como fez questão de destacar.

Ao longo de sete capítulos, baseados em palestras que Luís Claudio proferiu em distintas instituições dedicadas ao estudo da Psicanálise, são enfocados vértices e ângulos do encontro analítico que indicam a complexidade desse encontro particular entre subjetividades e o exercício da função analítica. Ao acompanhar sua escrita, somos surpreendidos por verdadeiros insights reconhecendo e identificando fenômenos clínicos e experiências emocionais vividas no contexto das transferências e contratransferências, mas que também as transcendem. O que está em foco é um novo olhar sobre a nossa prática clínica, ou seja, sobre a atividade do psicanalista que resolvemos abraçar.

Em nosso trabalho, dependemos, ao mesmo tempo, tanto de uma mente viva e alerta para acompanhar o percurso singular que se desenrola em cada encontro analítico, como de uma mente aberta e disponível para viver a surpresa do novo, desconhecido e inesperado que se apresenta a cada vez (e a cada momento), aí incluída a disponibilidade para os riscos envolvidos. Nas transferências para o aqui e agora do encontro analítico, é que se verificam as repetições inconscientes das dimensões inconscientes das experiências e das dinâmicas e estruturas da personalidade. Considerando-se com Luís Claudio que o campo transferencial é uma criação compartilhada do analista e do analisando, esse campo para ambos constitui parte de seus mundos interno e externo.

O analista existe como observador participante desse campo intersubjetivo e nele está inserido como uma mente que deve contar com a disponibilidade para o outro e para o outro de si. Trata-se de uma dimensão que abre espaço interno para a observação, a auto-observação e a reflexão, um lugar terceiro, de acordo com Britton, em procura da verdade emocional do que se passa entre ele e o analisando, como indicou Capier. E, sobretudo, deve-se considerar que, apesar de a Psicanálise colocar a mente do analista em risco com sua inevitável implicação, por outro lado, também o ajuda a pensar e a elaborar experiências

emocionais, permanecendo em processo contínuo de criação e expansão. Uma riqueza que se compõe com as fantasias de reparação onipotente que, se puderem ser sustentadas sem maiores desvios e estorvos, serão sublimadas no próprio exercício da função analítica, conforme ressaltou Luís Claudio.

Fundamentalmente, é o enquadre interno que define uma mente de analista em atividade, pela identificação com o método psicanalítico e a introjeção da função analítica, assim como é o que garante que o trabalho psicanalítico seja realizado nas mais distintas situações que podem se distanciar do enquadre clássico, como os atendimentos extramuros, que se multiplicam, e os atendimentos remotos, que implicam especial elasticidade. A estes últimos, fomos remetidos obrigatoriamente pela pandemia e confinamento decorrente.

Em um dos capítulos do livro os atendimentos remotos levaram Luís Claudio a refletir especialmente sobre eles e a examiná-los em relação ao dispositivo analítico, que conta sempre com uma dimensão virtual, assim como o trabalho do analista se dá sempre na realidade virtual de que a Psicanálise precisa para trabalhar.

Ao destacar a importância do enquadre interno, que nos caracteriza como analistas e se constrói fundamentalmente a partir de nossa própria experiência em análise, Luís Claudio o considera como a disposição da mente que precede os encontros com outros sujeitos, a escuta a eles e a si mesmo, o que permite ascender ao enquadre psicanalítico propriamente dito. Muito importantes as considerações que o autor faz, na medida em que explicita o que implicitamente o psicanalista vive na tensão do encontro analítico, sofrendo as afetações em sua própria mente e se expondo à interação e interpenetração por uma outra subjetividade, em relação à qual se encontra instituído da função analítica e com a atividade de seu *work-ego* analítico em operação, como indicou Robert Fliess.

Ao discorrer sobre as implicações e as vicissitudes do encontro analítico, o autor destaca a complexidade da situação analisante quando se encontram não apenas o inconsciente do paciente e o do analista, que são infinitos por si e procuram expandir-se, mas também as dimensões inconscientes do psiquismo (inconsciente pré-histórico, inconsciente passado e inconsciente presente), que se infiltram em todas as instâncias psíquicas. Coloca em relevo a importância de o analista contar com a possibilidade de uma escuta polifônica, ampla, profunda, diversificada, multidirecional e que busque acessar o entrecruzamento dos inconscientes que habitam o campo analítico e se manifestam no encontro singular que tem lugar e obedece a variadas temporalidades.

Cabe ser referido o destaque dado pelo autor à historicidade e à especificidade da temporalidade, quando distingue o tempo que interessa ao psicanalista, que não é o tempo evolutivo, desenvolvimentista e maturacional da Biologia,

mas o tempo que comporta elementos do passado filio e ontogenético, além da inclusão do passado pessoal e de todo o presente, abrangendo, ainda, as antecipações de pré-compreensão do futuro. Nessa perspectiva, sem desconsiderar a atemporalidade do inconsciente, há a interessante e elucidativa explanação do autor sobre a complexidade do retorno e repetição do passado no interjogo com a antecipação do futuro que já se encontra em projeto no presente.

Temas como empatia e intuição, que visam apreender as manifestações do inconsciente, foram retomados desde Ferenczi, quando destaca que o analista teria de ver nas repetições transferenciais e, conseqüentemente, nas contratransferências, o verdadeiro material inconsciente. Nesta direção, Luís Claudio relembra o pioneirismo de Robert Fliess em trabalho originalmente publicado em 1942, quando atribui às “oscilações” no funcionamento da mente do analista, como a oscilação entre identificação e diferenciação, momentos de empatia e momentos de observação relativamente distanciada, que buscam obter uma apreensão empático-intuitiva do inconsciente do analisando. Isto conduzindo ao “sonho diurno condicionado”, que antecipa a noção de *rêverie*, proposta por Bion, e que tem por base o que o analista experimentou contratransferencialmente na condição de objeto e de sujeito das transferências que a ele se dirigem.

A retomada de ideias de Freud em vários momentos é muito pertinente, pois visa primordialmente destacar onde se encontram as sementes originais do que veio a ser desenvolvido por autores seminais da Psicanálise, como Ferenczi, Klein, Winnicott e até mesmo Bion, com seu especial interesse pela mente do analista. Como também podem ser identificadas ampliações e avanços dessas sementes freudianas em alguns proeminentes pensadores, como Green, Fédida, entre outros.

Além destes, Luís Claudio se apropria de modo bastante particular das postulações de vários autores atuais que lhe fazem especial sentido, indicando como criativamente desenvolveram conceitos e pensamentos que se encontravam em estado germinal nas concepções de seus antecessores. Assim, ele honra os antepassados históricos em suas ideias e descobertas, como também apura a identificação e o reconhecimento em autores contemporâneos, das ricas fontes em que se basearam e de onde puderam avançar ao dar curso a suas concepções.

Encontramos na grande angular do pensamento de Luís Claudio destacadas referências a Bollas, Britton, Anne Alvarez, Anzieu, casal Baranger, Roussillon, Ferro, Ogden, Caper, Civitarese, Cesar e Sarah Botella, Grotstein, Robert Fliess, Racker, Michel M'Uzan, Rocha Barros, Cassorla, Coelho Junior, entre outros. E, vale salientar, Luís Claudio não apenas os refere, mas constrói um pensamento articulado em relação ao que apreende destes, de modo a criar

sua própria perspectiva, que tem por diretriz a perspectiva contemporânea de uma Psicanálise transmatricial, que transita, incorpora e dialoga com distintos pensadores e esquemas conceituais. Com seu colega Nelson Ernesto Coelho Junior, o autor publicou anteriormente o importante livro *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura – matrizes e modelos em psicanálise*¹, onde enfatizam a psicanálise transmatricial, denominando a contemporaneidade de uma era pós-escolas.

Para concluir, cito um significativo trecho do livro *A mente do analista* que recomendo vivamente a todos aqueles que se dedicam de modo implicado e criativo com a função analítica em busca de aprimorar sua prática clínica a partir da reflexão sobre ela em suas intercorrências e implicações:

Hoje praticamos uma psicanálise muito mais complexa, rica e profunda do que aquela a que Freud tinha acesso, e sabemos – ou pensamos saber – de coisas que ele nem imaginava. Mas só chegamos aonde chegamos porque nos mantivemos fiéis à ideia de psicanalisar como pesquisa... nunca nos esquecendo que nossa consciência e, portanto, nossas ideias e teorias – finitas – jamais serão capazes de apreender o infinito do inconsciente e os infinitos dos encontros analíticos presenciais ou remotos (p. 93).

1 FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JUNIOR, N.E.C. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura – matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo. Editora Blucher, 2018.

Sobre os autores

Aline Choueke Turnowski

Psicóloga, psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Exerceu acompanhamento Kleiniano durante três anos, foi coordenadora da Comissão de Publicação e atualmente coordena a Comissão de Eventos no mesmo departamento. É também professora convidada na Sociedade Paulista de Psicanálise.

Ana Karina Fachini Araujo

Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, docente do curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro efetiva do Departamento Formação em Psicanálise do referido Instituto. Coordenadora de grupos de estudos de Melanie Klein e D. W. Winnicott. Autora e organizadora do livro *O pensar hoje: ataques ao pensamento na atualidade a partir das contribuições de Klein e Bion*.

Armando Colognese

Armando Colognese Junior é membro do Departamento Formação em Psicanálise, do Instituto Sedes Sapientiae, desde sua fundação, onde também foi professor e supervisor do curso de especialização em Psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae, de 1984 a fevereiro de 2017. É autor do livro: *A trama do equilíbrio psíquico: a questão econômica e as relações objetais*. Editora Rosari, 2003.

Eliane Michelini Marraccini

Psicanalista, Mestre, Doutora e Pós-doutora em Psicologia Clínica (PUCSP), com Especialização em Casal e Família em Psicanálise, especialização em Saúde da Mulher no Climatério. É Professora e supervisora no curso de especialização Formação em Psicanálise do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, é Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Consultório particular desde 1975, coordena Grupos de Estudo e Supervisões clínicas. Principais Publicações: *Encontro de mulheres – uma experiência criativa no meio da vida* – Casa do Psicólogo (2001); *O Eu em ruína: perda e falência psíquica* (org.) – Primavera Editorial. 1ª edição 2010, Blucher; 2ª edição 2021; *Limites de Eros* (co-org.) – Primavera Editorial. 1ª edição 2012, Blucher; 2ª edição 2022.

Estanislau Alves da Silva Filho

Psicanalista e tradutor em psicanálise, mestre em Psicologia Clínica pela USP e membro do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política, coordenado por Miriam Debieux Rosa.

Fabiana Villas Boas

Psicanalista, psicóloga pela PUC-SP, mestre em Psicologia Clínica pelo IP-USP, integrante da Rede de Psicanalistas Atent@s às Relações Raciais, co-coordenadora do Núcleo de Psicanálise e Relações Raciais do Instituto Gerar de Psicanálise.

Gisele Assuar

Psicanalista pelo Instituto Sedes Sapientiae e Historiadora pela FFLCH-USP. Membro efetivo do Departamento Formação em Psicanálise, pelo ISS. Coordenadora do Projeto Qmais, Projeto de pesquisa e atendimento clínico à população LGBTQIA+. Professora convidada do curso Fundamentos da Psicanálise e sua Prática Clínica, do Departamento Formação em Psicanálise (ISS). Co-autora do artigo *Psicanálise, Sexualidade e Gênero: um debate em construção* (2019).

Sheila Nogueira Santos

Psicóloga e psicanalista. Membro Efetivo do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Psicanalista colaboradora do projeto Travessia Clínica, do Instituto Sedes Sapientiae.

Esta revista foi composta pelas famílias tipográficas
Freight Text de Joshua Darden e Chivo do coletivo
Omnibus-Type.